

Ana Luíza Gouvêa Neto

Na capa e por dentro

Uma análise sócio-histórica
sobre a mulher evangélica
em publicações assembleianas



Ana Luíza Gouvêa Neto

Na capa e por dentro

Uma análise sócio-histórica sobre a mulher
evangélica em publicações assembleianas

Copyright © 2018 Ana Luíza Gouvêa Neto
Direitos adquiridos para esta edição
pela Editora Pontocom

Preparação: Sérgio Holanda
Revisão: Dalka Castanheira
Diagramação: André Gattaz

Editora Pontocom

Conselho Editorial

José Carlos Sebe Bom Meihy

Muniz Ferreira

Pablo Iglesias Magalhães

Zeila de Brito Fabri Demartini

Zilda Márcia Grícoli Iokoi

Coordenação editorial

André Gattaz

www.editorapontocom.com.br

CATALOGAÇÃO NA FONTE (CIP)

G719 Gouvêa Neto, Ana Luiza

Na capa e por dentro: Uma análise sócio-histórica sobre a mulher evangélica em publicações assembleianas / Ana Luíza Gouvêa Neto — São Paulo: Pontocom, 2018.

161p.:

ISBN 978-85-66048-92-6

1. Religião. 2. Pentecostalismo. 3. Publicações pentecostais. I. Título.

CDD 243

CDD 278

Sumário

Introdução geral	7
Parte I	
Introdução	15
1. Movimento pentecostal	19
1.1. Pré-milenarismo e pós-milenarismo	20
1.2. Herança norte-americana	23
2. Pentecostalismo no Brasil	27
2.1. Reconfiguração do campo religioso brasileiro	27
2.2. A marca da distinção	30
2.3. Proto-pentecostalismo	34
2.4. Tipologias pentecostais	36
2.5. Inserção midiática e política	40
3. Igreja Assembleia de Deus	49
3.1. A herança sueca	49
3.2. Formação histórica da Assembleia de Deus	51
3.3. Transformações e continuidades no interior da Assembleia de Deus	53
3.4. Estruturação da CPAD: importância histórica, cultural e social	64
3.5. CEMP: memória e identidade	69
Considerações	73

Parte II

Introdução	77
1. Marcos teóricos	81
1.1. A dominação masculina a partir de Pierre Bourdieu	82
1.2. A categoria de gênero à luz de Judith Butler	86
1.3. A possibilidade de relativizar a partir de Marilyn Strathern	89
2. Revista <i>Nosso Lar</i>	93
2.1. Estruturação e organização da revista	95
2.2. Conteúdo da revista	110
2.3. Análise da revista	114
3. Revista <i>Mulher, Lar & Família Cristã</i>	123
3.1. Estruturação e organização da revista	124
3.2. Conteúdo da revista	136
3.3. Análise da revista	141
Considerações	147
Conclusão geral	149
Referências bibliográficas	153

Introdução geral

O movimento pentecostal é caracterizado como fenômeno religioso muito bem-sucedido nos últimos anos nas três vertentes propostas por Freston, a saber: pentecostalismo, pentecostalismo neoclássico, neopentecostalismo, ao conquistar mais fiéis, através da promessa de solução imediata de problemas reais de tipos financeiros, conjugais, familiares, de saúde. O movimento vem se expandindo em toda esfera social e tem como base a conversão do fiel, o que possibilita a construção de uma identidade pentecostal por oposição ao catolicismo tradicional.

Em um Brasil cada vez mais plural, no qual o mercado religioso encontra-se de forma bastante diversificada, a religião como herança de tradição cede lugar à religião por escolha. A conversão marca a escolha do fiel e possibilita a construção de uma identidade nova, formada por iniciativa própria e mediada por novas comunidades. No entanto, a conversão como base mostra-se de forma distinta entre homens e mulheres, trazendo o tema *gênero* à tona.

Tendo em vista que a religião é um suporte para a vida e baseia-se na garantia sobrenatural da salvação, o pentecostalismo deve ser entendido como uma cultura religiosa, manifestada através de um sistema de símbolos. A relação entre gênero e religião deve ser levada em consideração. A religião, junto a outras instituições, exerce influência no modo como os sexos se reconhecem socialmente.

Como o sistema simbólico influi diretamente nas relações entre gêneros, portanto, faz-se necessário discutir como a imagem feminina é construída e apresentada dentro da

instituição religiosa, a partir da análise de suas produções escritas, nas revistas *Nosso Lar* e *Mulher, Lar & Família Cristã*.

Desvelar qual o tipo de projeção de imagem feminina, moderna e cristã, proposta nas revistas trabalhadas, da Assembleia de Deus, torna-se o cerne deste trabalho. Apesar das mulheres serem o foco das revistas *Nosso Lar* e *Mulher, Lar & Família Cristã* e redatoras de várias matérias, é interessante observar que a elas mesmas ainda são negados cargos dentro da própria instituição, como o pastorado.

O foco insere-se no tipo de imagem feminina que emerge das revistas já citadas e como esta pode ser interpretada segundo as teorias de gênero associadas a Butler (2012), Bourdieu (2011) e Strathern (2006).

Há, portanto, a necessidade de se discutir como se constrói a imagem feminina dentro da Assembleia de Deus a partir da análise das revistas, adotando uma perspectiva histórica. Relevante notar que nas publicações assembleianas pretendidas para o trabalho há uma projeção dual de mulher: ao mesmo tempo em que tem-se uma mulher moderna, tem-se uma mulher centrada na moral cristã.

Ao analisar as publicações produzidas pela Igreja Assembleia de Deus, é possível contribuir para o entendimento de como a mulher é representada. O material proposto para pesquisa fornece base ao retratar a participação e ação da mulher na Igreja. O material ganha importância ao mostrar uma mulher moderna, mas com uma vida centrada na moralidade cristã, demonstrando que é possível ser moderna e atuante, em meio ao pentecostalismo.

Justifica-se esta pesquisa ao investigar como a imagem feminina construída através das publicações pode ser interpretada a partir das teorias de gênero, quais os valores associados a esta imagem, bem como o tipo de imagem que emerge destas publicações.

Para compreender como a imagem feminina é construída através das publicações da CPAD (Casa Publicadora das Assembleias de Deus), é necessária a compreensão de como se constroem e se fundamentam os conceitos de categorias de gênero. Por isso, a segunda parte deste trabalho traz uma breve elucidação das teorias de gênero utilizadas para a análise das revistas.

Após a explanação das teorias de gênero utilizadas para criar base para o argumento, serão apresentadas as revistas *Nosso Lar e Mulher*, *Lar & Família Cristã*, as formas como se organizam os conteúdos e a análise do material.

Nas obras, será investigada a participação das mulheres na construção dos textos, quando ou se estas foram incluídas em tal tarefa. Sobretudo, a pergunta de maior importância, é: Qual a imagem feminina construída através da mídia impressa da Assembleia de Deus? A resposta para essa pergunta concentra-se na análise do material coletado no CEMP (Centro de Estudos do Movimento Pentecostal).

A proposta sempre foi identificar a imagem feminina a partir de periódicos impressos, não necessariamente os da Assembleia de Deus. Foram meses em busca de materiais impressos publicados por igrejas pentecostais. A tarefa de recolher e reunir material mostrou-se difícil. As igrejas procuradas afirmaram não possuir esses materiais reunidos e arquivados. Através de uma colega de mestrado, tive conhecimento de que a editora CPAD (Casa Publicadora das Assembleias de Deus), ligada à igreja Assembleia de Deus, possuía um arquivo histórico em Bangu, no Rio de Janeiro, aberto ao público. Após o conhecimento do arquivo, decidiu-se a partir de qual igreja seria realizado o estudo.

Durante os anos de 2013 e 2014, foram realizadas visitas ao CEMP, arquivo histórico da editora CPAD, com o objetivo de coletar fontes para a realização do trabalho. A primeira visita realizada teve como objetivo o reconhecimento do

arquivo e das obras que se encontravam no acervo. Entre as variadas publicações arquivadas no CEMP, as revistas *Nosso Lar* e *Mulher, Lar & Família Cristã* destacam-se por se direcionarem ao público feminino. Entretanto, a escolha de tais periódicos para o estudo só foi feita após o exame de qualificação, ocorrido em dezembro de 2013. Após a decisão sobre as obras publicadas, as visitas subsequentes tiveram o objetivo de coletar o material escolhido e de realizar entrevistas com os funcionários do arquivo. A coleta do material foi realizada através da digitalização das obras; algumas delas foram escaneadas e outras, fotografadas. No total, somam-se 2.864 digitalizações. A última visita ao CEMP foi realizada em fevereiro de 2014. Os meses de março e abril foram reservados para a organização das digitalizações e análise de seu conteúdo.

Após análise do material, a dissertação foi ganhando forma. Optou-se por analisar separadamente as duas revistas, *Nosso Lar* e *Mulher, Lar & Família Cristã*, e por analisar todos os quarenta volumes. A decisão de não fixar a análise em alguns volumes específicos possibilitou identificar as linhas de pensamento dos corpos editoriais das revistas. Além disso, foi possível identificar possíveis mudanças de postura e traçar um paralelo entre os dois periódicos.

Optou-se por construir o trabalho em duas partes, cada uma com sua introdução e com suas considerações. A primeira parte objetiva apresentar em linhas gerais a origem do movimento pentecostal, sua implantação no Brasil, a origem, organização e estruturas encontradas na Igreja Assembleia de Deus. Julgou-se necessária uma contextualização histórica, pois em um trabalho acadêmico não se pode supor que os leitores obrigatoriamente tenham o conhecimento prévio sobre determinado assunto. A contextualização histórica da Assembleia de Deus fez-se necessária, também, para uma melhor compreensão da imagem feminina identificada a partir dos periódicos escolhidos.

A segunda parte destina-se à apresentação, em linhas gerais, dos marcos teóricos utilizados e à apresentação e análise de *Nosso Lar* e *Mulher, Lar & Família Cristã*. Dessa forma, o trabalho não segue o formato mais usual para dissertações, baseado na divisão em capítulos, sendo dividido em: Introdução Geral, Parte I (Introdução, Desenvolvimento e Considerações), Parte II (Introdução, Desenvolvimento e Considerações) e Conclusão Geral.

O desenvolvimento da Parte I é composto por três itens: *Movimento Pentecostal*, *Pentecostalismo no Brasil* e *Igreja Assembleia de Deus*. No primeiro item, trata-se da diversidade inerente ao movimento pentecostal, da crença escatológica e das perspectivas milenaristas. A finalidade é relacionar tais itens à construção da identidade assembleiana. A trajetória e a origem do movimento pentecostal também serão pontos abarcados.

Em *Pentecostalismo no Brasil*, será abordada a maneira como a implantação do pentecostalismo modificou o campo brasileiro. Serão apresentadas algumas tabelas que objetivam sintetizar as informações relativas ao pentecostalismo no Brasil. A diferenciação dentro do campo evangélico terá seu lugar, juntamente com as tipificações pentecostais encontradas em Freston (1993) e Mariano (2012). A inserção do pentecostalismo na mídia e na política são temas de bastante relevância para essas páginas e, por isso, constituem itens abordados.

No item *A Igreja Assembleia de Deus* serão vistos a origem e as influências sofridas no interior da Igreja, na busca de compreender a formação da identidade assembleiana de acordo com a periodização feita por Alencar (2012). Este encerra-se abordando as estruturas e organizações da editora CPAD e do CEMP, bem como a relevância destes para o trabalho.

O desenvolvimento da Parte II é composto por: *Marcos Teóricos*, *Revista Nosso Lar* e *Revista Mulher, Lar & Família Cristã*.

Em *Marcos Teóricos*, trata-se das principais ideias sobre a teoria de gênero presentes nos autores escolhidos. As ideias contidas nas obras escolhidas de Bourdieu, Butler e Strathern serão abordadas nesse item. Questionamentos sobre rupturas e permanências da ordem social, do androcentrismo e da visão da teoria de gênero em caráter universal serão retratados.

Subsequentemente, serão abordados o conteúdo, a estrutura e a organização de *Nosso Lar* e depois de *Mulher, Lar & Família Cristã*. Central para o trabalho nesse item é a apresentação de imagens e trechos das revistas. A análise terá como base o conteúdo e as cores utilizadas no periódico. Associar a construção da identidade assembleiana, com base em uma investigação histórica de longo alcance do material analisado, possibilitará identificar a imagem feminina encontrada nas revistas.

Parte I

Introdução

A primeira parte deste trabalho tem como finalidade expor o contexto histórico do movimento pentecostal relacionado à construção da identidade assembleiana ao longo da história. A partir da compreensão da formação da identidade assembleiana, torna-se possível a compreensão da imagem feminina projetada nas revistas *Nosso Lar e Mulher*, *Lar & Família Cristã*.

Esta parte é dividida em três itens que se julgou necessário expor para demonstrar como e de qual forma a imagem feminina é projetada de uma certa maneira nos periódicos analisados. O primeiro item a ser tratado é o *Movimento Pentecostal*. Neste, é apresentada a diversidade de valores, doutrinas, teologias, escatologias, políticas, liturgias encontradas no interior do movimento pentecostal. A diversidade é apresentada também em forma de diferentes Igrejas de matriz pentecostal, o que possibilita chamar o pentecostalismo de movimento.

O contexto histórico de longa duração é de extrema importância para a compreensão das transformações e/ou continuidades de mentalidades encontradas no meio evangélico. Isso permite perceber as continuidades e rupturas do movimento pentecostal de acordo com o contexto social, cultural e político. Trata-se, portanto, de uma análise do pentecostalismo na forma de um lastro histórico que permita identificar as mudanças no interior do movimento, sobretudo, da crença escatológica.

A crença escatológica e a perspectiva milenar que esse grupo constrói de acordo com o período histórico são responsáveis por moldar a identidade do fiel. Deste modo, as visões pré-milenaristas e pós-milenaristas são tratadas, ainda que

de forma breve, com finalidade de relacionar a escatologia à identidade assembleiana. A proposta é que, a partir da transformação da perspectiva milenar, a postura sectária e asceta do assembleiano mudou: a identidade do assembleiano é transformada, trazendo consequências práticas no dia a dia, tal como uma maior inserção midiática (mídias televisivas e eletrônicas) e política (eleição de deputados federais, estaduais, vereadores etc.).

A origem e a trajetória do pentecostalismo também são tratadas resumidamente nesse item. Compreende-se que as origens e trajetórias do pentecostalismo já tenham sido estudadas de forma contundente por Freston (1993) e Mariano (2012), entre outros. Julgou-se necessário, contudo, apresentar o tema para leitores interessados no presente trabalho que talvez ainda não conheçam tais conteúdos.

No item *Pentecostalismo no Brasil*, a reconfiguração do campo religioso brasileiro é abordada, uma vez que a implantação e expansão do pentecostalismo têm ocasionado a diversificação do campo, e a perda de hegemonia da Igreja Católica. É importante demonstrar que a expansão pentecostal no país acompanha o processo migratório, como também o contexto socioeconômico do país.

Ao tratar do movimento pentecostal, o campo evangélico também é citado no presente trabalho. Em virtude da diversidade vista dentro do campo evangélico, a caracterização e distinção entre protestantismo e pentecostalismo não é deixada de lado. É abordada a relação entre as mudanças ocorridas no Brasil e as transformações estruturais e teológicas sofridas no interior do movimento pentecostal. Vê-se uma transformação nas características ascéticas, nas restrições ao mundano, no apoliticismo. O pentecostalismo passa a acompanhar um novo contexto histórico-social, sofrendo maior adaptabilidade. A construção e consolidação do pentecostalismo no Brasil, a história de sua implantação, assim como as tipologias das formações

pentecostais também são expostas, na busca de ordenar o campo pentecostal através da análise histórico-institucional.

Parte de extrema importância encontra-se no item *Inserção midiática e política*. A compreensão da história da inserção do pentecostalismo na mídia e na política diz muito sobre as transformações ocorridas no interior do movimento. A identidade, assim como a mentalidade, é transformada, moldando novas posturas do fiel e da Igreja em relação à sociedade.

A Igreja Assembleia de Deus, propriamente dita, é tratada no terceiro item dessa parte. A origem da Igreja, que passa desde a influência sueca até a sua formação histórica, é importante para compreender a identidade assembleiana, na atualidade. Nesse item, tabelas e organograma são trazidos com a finalidade de sintetizar e ilustrar as informações contidas no corpo do texto. As transformações e continuidades no interior da Assembleia de Deus são demonstradas a partir da periodização feita por Alencar (2012).

As seções de maior relevância dentro desse tópico são: *Estruturação da CPAD: importância histórica, cultural e social* e *CEMP (Centro de Estudos do Movimento Pentecostal): memória e identidade*. A relevância consiste em ser a CPAD a editora responsável pela publicação dos dois periódicos analisados nessa dissertação, e também pelo fato do CEMP ser o acervo histórico que possibilitou a presente pesquisa.

A editora ligada à Assembleia de Deus assume características de empresa capitalista. *Marketing*, publicidade, propaganda, administração, racionalidade são características que garantem o lucro e a expansão da marca. Nota-se, aqui, a importância da abordagem da transformação de mentalidade e identidade no pentecostalismo. A CPAD, que tem como objetivo a transmissão da mensagem pentecostal através de suas publicações, transmite para a base relações políticas, econômicas e sociais que envolvem representações de doutrina, teologia, mulher, poder, homem.

O CEMP é caracterizado no trabalho como local de memória e identidade. Contribui para manutenção e conhecimento da história do movimento pentecostal, bem como da Assembleia de Deus para o público. A análise dos documentos, ali arquivados, permite perceber relações de poder, de gênero, raça, classe e possibilita colocar estas em perspectiva.

A visão do movimento pentecostal e da Assembleia de Deus, com base em um lastro histórico de longa duração, permite relacionar religião e gênero. As revistas *Nosso Lar* e *Mulher, Lar & Família Cristã*, arquivadas no CEMP, servirão para elucidar a conexão entre religião e gênero e expor a imagem feminina projetada nas respectivas mídias assembleianas.

1. Movimento pentecostal

O termo *movimento* é empregado para caracterizar o fenômeno pentecostal no Brasil e mostra que o pentecostalismo é construído e consolidado tendo por base diversas doutrinas, valores, teologias, escatologias, políticas, liturgias. O pentecostalismo brasileiro de raiz norte-americana é complexo e composto por inúmeras variações que convivem e se influenciam mutuamente desde seus primórdios. Tais variações são percebidas a partir da pluralidade de igrejas de matriz pentecostal encontradas no atual campo religioso.

Apesar de existirem muitas denominações, o Censo Demográfico de 2010 discrimina doze opções de filiações de matriz pentecostal: Igreja Assembleia de Deus, Igreja Congregação Cristã do Brasil, Igreja do Brasil para Cristo, Igreja Evangelho Quadrangular, Igreja Universal do Reino de Deus, Igreja Casa da Bênção, Igreja Deus é Amor, Igreja Maranata, Igreja Nova Vida, Evangélica renovada não determinada, Comunidade Evangélica e outras. É notável a diversificação de igrejas cristãs pentecostais no Brasil.

A facilidade de se registrar novas igrejas, a aceitação social da conversão, o enfraquecimento da Igreja Católica no cenário religioso brasileiro, a forte urbanização a partir da década de 1950, contribuíram para a proliferação de novas igrejas pentecostais no cenário brasileiro. Surgem, constantemente, várias denominações, resultado de cisões de igrejas evangélicas.

Em meio a tanta diversidade, é preciso perceber os movimentos e mudanças de mentalidade encontradas no meio

evangélico a partir de um contexto histórico de longa duração, o que permite perceber as continuidades e rupturas do movimento pentecostal de acordo com o contexto social, cultural e político.

Assim, o pentecostalismo implantado no Brasil em 1910 não é o mesmo atual. Ao percorrer mais de cem anos de história, novas nuances surgem no contexto e acabam por transformar a mentalidade do ser pentecostal, o que possibilita novas configurações de igrejas e permite chamar o pentecostalismo de movimento.

Trata-se de analisar o pentecostalismo a partir de um lastro histórico que permita entender a auto compreensão do grupo e as transformações que este sofre ao longo dos anos. De acordo com Rocha (2009, p. 23), esta transformação na esfera pentecostal pode estar ligada às mutações na crença escatológica presente nestes grupos. No que tange à abordagem escatológica no pentecostalismo brasileiro, torna-se necessária a compreensão das expectativas milenaristas de tal grupo, e a diferenciação entre os conceitos de pré-milenarismo e pós-milenarismo.

1.1. Pré-milenarismo e pós-milenarismo

A compreensão da transformação do pentecostalismo brasileiro desde sua implantação perpassa o conhecimento de uma mentalidade escatológica e da perspectiva milenar que esse grupo constrói e consolida de acordo com o contexto histórico em que está inserido. Estas visões são responsáveis por moldar e ditar os comportamentos dos pentecostais em relação à sociedade e ao dia a dia do fiel. Pode-se entender por milenarismo a crença em um Reino terreno, com duração de mil anos, entendido de forma literal ou de forma simbólica.

O milênio é compreendido entre a primeira ressurreição – eleitos mortos – e a segunda – para todos os homens na hora de seu julgamento. O milênio intercala dois períodos: o tempo da história e a volta da “Jerusalém Celeste” (ROCHA, 2009, p. 23). Compõem o milênio dois períodos de provação: o primeiro momento refere-se ao Reino do Anticristo, o segundo, à libertação das forças demoníacas, vencidas em um derradeiro combate.

O pentecostalismo que se instala no Brasil na primeira década do século XX tem sua visão escatológica e milenar herdada do protestantismo norte-americano de característica fundamentalista. Os primeiros pentecostais brasileiros assumem uma postura sectária, ascética, anticatólica e apolítica. Pesquisadores como Rocha (*Ibid.*) relacionam estas características a uma visão pré-milenarista, na qual o Reino milenar dar-se-ia após a segunda vinda de Cristo à Terra.

Na visão pré-milenarista, o Reino Justo e Feliz só ocorrerá após o retorno de Cristo. Não se pretende o engajamento político e social, e as esperanças em relação ao futuro terreno não são otimistas. Quanto maior a descrença na sociedade, menores as possibilidades de se crer na intervenção humana para a transformação do aqui e agora. Assim, a ação humana no que diz respeito a intervenções políticas e lutas sociais faz-se desnecessária. Entretanto, a evangelização é notória na busca de angariar mais fiéis para o Reino Celeste. Outra ênfase desta mentalidade é a pregação da mensagem da proximidade do fim.

Vale ressaltar que os pioneiros pentecostais, quando se instalaram no Brasil, precisaram lidar com uma conotação negativa de ser evangélico, com uma Igreja Católica dominante no cenário político-cultural do país, além da perseguição cultural e religiosa. Instalados em zonas periféricas e rurais, os primeiros grupos pentecostais tiveram sua formação a partir de pobres e escuros sem voz político-social ativa. A expectativa

de mobilidade social em um país agrário e centralizado é praticamente inexistente para os evangélicos pentecostais. Associar a conjuntura histórico-social do surgimento do pentecostalismo no Brasil, dotado de características pré-milenaristas, à apatia política, ao sectarismo e ao ascetismo torna-se coerente.

Conforme ocorrem transformações na sociedade brasileira, percebem-se mudanças no comportamento do movimento pentecostal. Tanto a visão escatológica quanto a milenarista ganham novos contornos. Com a grande segmentação interna do movimento pentecostal a partir da década de 1950, a visão pré-milenarista perde força e a pós-milenarista se sobressai. A visão pós-milenarista pode ser entendida como:

O Reino de Deus instaura-se progressivamente por um processo evolutivo, integrando-se no encadeamento dos fatos históricos (sociais e eclesiásticos) e orientando o mundo, pela própria lógica interna de sua evolução social e religiosa em direção a um ponto de maturidade. (ROCHA, 2009, p. 46)

A visão do sectarismo radical perde força, e pode-se verificar, a partir de então, a entrada de igrejas na mídia radiofônica e televisiva evangélica. A ênfase da mensagem pentecostal já não se centra na glossolalia* e sim na cura divina. Nota-se uma mudança de postura no pentecostalismo que se acentua com o decorrer dos anos. Acredita-se que a visão pentecostal no Brasil, na conjuntura atual, em grande parte assume posturas pós-milenaristas, haja vista a bancada evangélica,

* O termo se refere ao dom de falar em línguas, “fenômeno extático, também chamado de dom das línguas, em que o indivíduo emite uma série de sons ou palavras cujo sentido os ouvintes não podem captar sem o concurso de outro indivíduo que possua o dom da interpretação.

o mercado *gospel*, a Teologia da Prosperidade, a Guerra espiritual contra o Diabo.

Ainda que o Reino de Cristo Celeste seja esperado aqui e agora, o cristão também deve lutar pela construção de uma moral cristã e de um país desgarrado da corrupção, das mazelas do Diabo, da pobreza. Aquela velha mensagem do crente sofredor não combina mais com a conjuntura político-social em que este se encontra.

Logo, a visão pós-milenarista adentra em uma diversidade de igrejas pentecostais transformando a relação do fiel com a sociedade. Essa reorganização da postura pentecostal frente ao mundo teve seu início nos anos de 1970, e como principal representante a Igreja Universal do Reino de Deus, tema que será tratado mais à frente.

1.2. Herança norte-americana

Sem entender as origens e marcas da trajetória do pentecostalismo não há como apreender as inúmeras transformações, continuidades e rupturas vistas dentro do movimento. Para compreender as identidades do movimento pentecostal forjadas em mais de cem anos de história no Brasil, é necessário que se discorra, ainda que de forma breve, sobre as origens do movimento e de que forma se instaurou aqui no Brasil.

O pentecostalismo brasileiro pode ser visto como resultado de um movimento surgido nos Estados Unidos da América na virada do século XIX para o século XX, que teve como origem o metodismo wesleyano, que introduziu um novo conceito: o de uma segunda graça, diferente da salvação, a perfeição cristã. John Wesley, metodista britânico, ao buscar uma nova forma de religiosidade distinta da racionalidade presente nas igrejas protestantes de seu tempo, inaugurou um novo modo de viver a religião – no qual a emoção é utilizada

como critério de acesso ao sagrado –, com ênfase na experiência direta do contato do homem com Deus e centrada em uma religiosidade subjetiva do crente.

Este novo modo de viver a religião foi difundido em países de língua inglesa através do movimento de santidade, os chamados *holiness* (“santidade”), a partir da segunda metade do século XIX. O movimento *holiness* é caracterizado pela forte expectativa do iminente fim do mundo precedida pelo avivamento dos dons, sobretudo, a glossolalia.

Charles Parham, dono de uma escola bíblica no Kansas – Estados Unidos da América – possibilitou o surgimento do pentecostalismo como movimento original ao sintetizar a doutrina segundo a qual as línguas de fogo eram a evidência do Batismo com o Espírito Santo.

Contudo o principal responsável pela expansão e sucesso do movimento pentecostal foi W. J. Seymour.

Este movimento surgiu no movimento de “santidade”, que por sua vez deve muito ao conceito wesleyano de perfeição cristã como uma segunda obra da graça, distinta da justificação. A sementeira específica provavelmente foi a Escola bíblica de Topeka, Kansas, nos Estados Unidos. Nessa escola, Charles Pahram defendia a ideia de que o falar em línguas era um dos sinais que acompanhavam o Batismo do Espírito Santo. Um discípulo de Parham, o pregador negro W. J. Seymour, foi convidado para pregar na Igreja de tipo holiness da evangelista negra Nelly Terry, em Los Angeles, Califórnia. Pregando sobre At 2.4, Seymour declarou que Deus tem uma terceira bênção, além da santificação, a saber, o Batismo do Espírito Santo, acompanhado do falar em línguas. Nelly Terry, escandalizada, expulsou-o da sua Igreja! Seymour, porém, promoveu reuniões em outras partes da cidade e no dia 6 de abril de 1906, em uma

reunião de oração à rua Azuza, n. 312, um menino de oito anos falou em línguas, seguido de outras pessoas. Foi o início formal do movimento pentecostal. W. H. Durham, pastor de uma Igreja Batista de Chicago, foi um dos primeiros que falaram em línguas nas reuniões de Seymour. (...) Daniel Berg foi um membro da Igreja de Durham, em Chicago, e de lá saiu como missionário para o Brasil. (ROCHA, 2009, p. 68)

Apesar do pioneirismo de Parham, é a William Joseph Seymour, ex-escravo, cego de uma vista e garçom, que se deve o *boom* do movimento pentecostal. Quando chamado por Nelly Terry para pregar em uma igreja *holiness* em Los Angeles, Seymour pregou o Batismo do Espírito Santo. Com grande sucesso, alugou um armazém na rua Azuza e fundou a “Missão da Fé Apostólica”. Los Angeles nessa época concentrava uma grande quantidade de minorias étnicas e era a cidade que mais crescia nos Estados Unidos. O sucesso foi tamanho que logo atraiu para suas fileiras os brancos. Em seu início, a liderança do movimento foi marcada por negros e mulheres, e o que se considerava ser uma renovação das igrejas já existentes rapidamente solidificou-se em grupos independentes, não demonstrando a ocorrer a separação racial.

A cidade em que o pentecostalismo mais cresceu nos primeiros anos foi Chicago, onde 75% da população eram imigrantes ou filhos de imigrantes. Era a segunda cidade do país, com condições graves de exploração industrial. A modernidade dos arranha-céus convivía com condições sanitárias horrendas. Lá, pululavam missões pentecostais das mais diversas etnias, inclusive dos suecos (FREESTON, 1993, p. 68).

Uma das principais características do movimento pentecostal em seu início era a grande expectativa da volta iminente de Cristo. Assim, a evangelização ocorre, mas sem a institucionalização, burocratização e organização das Igrejas; nota-se que estas ocorrem posteriormente. No período inicial do movimento, a mentalidade pentecostal baseava-se na visão pré-milenarista, na qual o Reino Celeste se daria após a vinda física de Cristo. Pastores e missionários não recebiam salários e viviam de contribuições avulsas.

Ao centralizar a teologia pentecostal na glossolalia, o movimento espalhou-se rapidamente sob as conexões organizadas do movimento *holiness*. De acordo com Freston (1996, p. 75), a rápida expansão mundial do pentecostalismo deve-se, também, aos muitos missionários no exterior. É a partir de missionários migrantes que o pentecostalismo consolidou-se no Brasil, sem muitos recursos e com a pretensão de evangelização, a última antes da vinda iminente de Cristo.

A implantação e a consolidação do pentecostalismo no Brasil trouxeram fortes conseqüências para a transformação do campo religioso brasileiro. O pentecostalismo, instalado de forma tímida no país, na atualidade, concorre em igualdade com o catolicismo, inclusive se sobressai quando o assunto é inserção política, midiática e expansão do número de adeptos.

2. Pentecostalismo no Brasil

Acompanhando as mudanças ocorridas no país ao longo deste século, o pentecostalismo também sofre transformações tanto estruturais, quanto teológicas. O apoliticismo, as restrições ao mundano e o comportamento asceta aos poucos vão perdendo força no meio pentecostal, e esse passa a se adaptar ao novo contexto histórico-social.*

Com a transformação do movimento pentecostal, há uma inserção em novos estratos e grupos sociais ampliando de forma ainda maior a sua força e participação na sociedade. Contudo, para a compreensão da abrangência do pentecostalismo na atualidade, faz-se necessário um breve apanhado histórico de sua implantação, construção e consolidação no Brasil, assim como a tipologia das formações pentecostais.

2.1. Reconfiguração do campo religioso brasileiro

O pentecostalismo na atualidade transformou-se em um fenômeno global. É notável a grande expansão do movimento ao longo das últimas décadas em sociedades emergentes do Pacífico Sul, da África, Leste e Sudeste da Ásia. Mariano (1999,

* A partir da democratização e da abertura para o mercado econômico liberal, há uma transformação de mentalidade do cidadão, com valores ligados à liberdade de escolha e à nova capacidade de consumo, e a classe média sobretudo ganha poder de compra, gerando no cidadão uma mentalidade consumidora. O movimento pentecostal acompanha essa transformação na sociedade e se adapta a esses novos valores e mentalidades.

p. 9) trata esse processo como globalização do protestantismo popular. Contudo, a região do mundo em que se verifica a maior expansão pentecostal é a América Latina. Para além, o Brasil assume papel preponderante neste contexto ao possuir o maior número de protestantes da Latino-América. Desta forma, tem-se que o maior país católico é também o maior país protestante da América do Sul.

Pentecostais e protestantes históricos compõem o grupo denominado de evangélico na Latino-América. Descendentes da Reforma Protestante ocorrida no século XVI, os evangélicos abarcam desde igrejas como a Luterana, a Batista e a Metodista até a Congregação Cristã no Brasil, a Assembleia de Deus e a Universal do Reino de Deus. É essa a religião que mais cresceu no país ao longo do século XX, transformando a composição no interior do campo religioso brasileiro.

A seguir, a tabela do IBGE, *séries históricas e estatísticas*, representa em números absolutos a população evangélica compreendida entre 1872 e 2010.

TABELA 1 – POPULAÇÃO EVANGÉLICA COMPREENDIDA ENTRE OS ANOS DE 1872 E 2010 – BRASIL (FONTE: IBGE)

<i>Período</i>	<i>População Evangélica</i>
1872	-
1890	143.743
1940	1.074.857
1950	1.741.430
1960	2.824.775
1970	4.814.728
1980	7.885.846
1991	13.189.284
2000	26.184.941
2010	42.275.440

Freston (1993, p. 31) propõe a década de 1940 como período da explosão evangélica, sobretudo de pentecostais, no país. As décadas de 1940/50 foram marcadas por grandes transformações. Há um alto estímulo industrial em decorrência da II Guerra Mundial, implanta-se a TV no Brasil e aumenta-se a produção de aparelhos de rádio. No contexto social, o Brasil passa por mudanças: ocorre um aumento das taxas de natalidade, da migração e das acentuadas desigualdades sociais. O desequilíbrio é grave, e, com a alta taxa de migração, as cidades litorâneas passam a ficar superpovoadas enquanto o campo e o interior ficam desocupados; é necessária a intervenção do Estado para estabelecer uma política de migração.

Nesse período, o crescimento urbano expande-se e consequentemente os migrantes sem condições recorrem às favelas. Ao ser caracterizado como fenômeno urbano, de pobres e escuros, não se torna difícil relacionar o avanço do movimento pentecostal na década de 1940/50 ao contexto socioeconômico do país. Vale ressaltar que, a partir desse período, a criação de novas igrejas torna-se recorrente no movimento.

Caracterizado como movimento de minorias, pobres, analfabetos e negros, o pentecostalismo implantado no Brasil, na década de 1910, é bem diferente do encontrado atualmente. Características marcantes como sectarismo, ascetismo, apoliticismo não são as principais características dos pentecostais na atualidade. Pressupõe-se uma passagem da visão pré-milenarista para a pós-milenarista nos redutos pentecostais. Ao ter sua concepção escatológica e teológica mudadas, os pentecostais passam a construir novas identidades, estas agora mais em consonância com o mundo.

A transformação na mentalidade pentecostal dá-se em todas as esferas do movimento, logo, não é incomum notar igrejas pentecostais conservadoras ou mesmo protestantes históricas assumindo características mais modernas e contemporâneas. A transformação da identidade pentecostal acompanha

a história política, econômica, cultural e social do Brasil. Como dito anteriormente, as décadas de 1940/1950 são preponderantes para este processo. A partir desse período o país antes rural, sem industrialização e urbanização fortes, começa a reorganizar sua estrutura. Esse momento é crucial para a mudança representada pela passagem de um sistema de base agroexportadora para uma sociedade de base urbano-industrial. Desde então, o país passou por corporativismo estatal, modernização, ditaduras, privatizações, recuo do Estado, entre outros.

A reconfiguração do campo religioso brasileiro muito deve aos fatores supracitados, que possibilitaram a expansão e transformação de mentalidade no pentecostalismo brasileiro, levando-o para novos espaços da sociedade. Os pentecostais deixaram de ser minorias perseguidas e ocuparam lugares na política, na mídia, na educação, enfim, na sociedade de maneira geral. A Igreja Católica, assim, vê sua hegemonia em risco a partir da grande expansão pentecostal e da reorganização da matriz religiosa brasileira.

2.2. A marca da distinção

Ao abarcarmos diversos tipos de protestantismo, é importante marcar a diferença dentro do campo evangélico. É necessário esclarecer que, ao se tratar de pentecostalismo, o que está em voga é o movimento com raízes no metodismo wesleyano e no movimento holiness. O pentecostalismo distinguiu-se do protestantismo histórico ao pregar com base no episódio de Pentecostes: o Espírito Santo manifesta-se aos apóstolos através das línguas de fogo. A glossolalia e a cura são os dons do Espírito que sobressaem no meio pentecostal.

Os pentecostais, diferentemente dos protestantes históricos, acreditam que Deus, por intermédio do Espírito Santo e em nome de Cristo, continua a agir hoje da mesma forma

que no cristianismo primitivo, curando enfermos, expulsando demônios, distribuindo bênçãos e dons espirituais, realizando milagres, dialogando com seus servos, concedendo infinitas amostras concretas de Seu supremo poder e inigualável bondade (MARIANO, 1999, p. 10).

O ano de 1980 inaugurou um novo padrão de classificação adotado pelo IBGE, com a separação entre protestantes históricos e pentecostais. Nessa época, os protestantes históricos ainda compunham a maior parte da parcela evangélica brasileira, representando 51% do total. No entanto, na PNAD de 1988, essa classificação não foi mantida, mas o Censo Demográfico de 1991 constata o crescimento acentuado pentecostal representando 65,1% dos evangélicos.

Com o *boom* pentecostal no país, estudiosos debruçam-se sobre o fenômeno, buscando teorias capazes de explicar seu avanço. Tal avanço concentra-se nos estratos mais pobres da população e em regiões mais populosas e urbanas do país.

O Censo Demográfico de 2010 do IBGE demonstra que a maior parcela de pentecostais concentra-se nas duas maiores cidades do país: São Paulo, com 6.088.132 pessoas, e Rio de Janeiro, com 2.520.314. Isso quer dizer que nestas duas cidades, os pentecostais representam respectivamente 14,75% e 15,76% da população, ocupando as regiões mais periféricas.

TABELA 2 – DISTRIBUIÇÃO DE PENTECOSTAIS POR REGIÃO
(IBGE, CENSO 2010)

<i>Região</i>	<i>Pop. Geral</i>	<i>Pop. Pentecostal</i>
N	15.864.454	3.187.100 (20,09%)
NE	53.081.950	5.348.024 (10,08%)
SE	80.364.410	11.508.724 (14,32%)
S	27.386.891	2.986.789 (10,91%)
CO	14.058.094	2.339.845 (16,64%)

Nota-se, a partir do Censo Demográfico de 2010, que em um universo de 25.370.484 pessoas que se declararam de origem pentecostal, 44,43% são homens e 55,56% são mulheres. Quando se trata de diferenciação por sexo, portanto, o número de adeptos pouco se altera. Quando se trata de regiões, contudo, a diferença é grande. A zona urbana concentra 88,17% dos que se declararam de origem pentecostal, enquanto somente 11,82% destes residem na zona rural. Percebe-se, a partir desse último dado, a transformação ocorrida no movimento pentecostal, que teve sua origem em zonas rurais e periféricas.

TABELA 3 – POPULAÇÃO PENTECOSTAL, POR SITUAÇÃO DO DOMICÍLIO E SEXO (IBGE, CENSO 2010)

	<i>Total</i>	<i>Homens</i>	<i>Mulheres</i>
Total	25.370.484 (100%)	11.272.106 (44,43)	14.095.841 (55,56)
Zona Urbana	22.371.352 (88,17%)	9.854.581 (44,05)	12.514.534 (55,94)
Zona Rural	29.99.132 (11,82%)	1.417.990 (47,28)	1.580.842 (52,71)

Quanto à idade, o maior percentual de religiosos pentecostais encontra-se na faixa etária de 20 a 59 anos. Destaca-se que a grande maioria tem entre 30 e 49 anos de idade. As tabelas abaixo sintetizam estas informações.

TABELA 4 – POPULAÇÃO PENTECOSTAL, POR SITUAÇÃO DE DOMICÍLIO E IDADE (IBGE, CENSO 2010)

<i>Faixa Etária</i>	<i>20 - 59</i>	<i>30 - 49</i>
Total	53,64%	28,02%
Zona Urbana	54,35%	28,45%
Zona Rural	48,39%	24,79%

Em um total de 25.370.484 declarantes de origem pentecostal, 48,88% se declarou pardo; a alteração é quase imperceptível ao se comparar declarações raciais entre homens e mulheres. Quanto à alfabetização, 89,89% dos entrevistados se declararam alfabetizados, enquanto 10,10% se declararam não alfabetizados. Esses dados, se relacionados às estatísticas de escolaridade, geram inquietações.

TABELA 5 – POPULAÇÃO PENTECOSTAL POR COR OU RAÇA (IBGE, CENSO 2010)

	<i>Total</i>	<i>Homens</i>	<i>Mulheres</i>
Branca	41,26%	40,74%	41,68%
Preta	8,45%	8,70%	8,10%
Amarela	0,93%	0,83%	1,01%
Parda	48,88%	49,14%	48,66%
Indígena	0,46%	0,48%	0,44%
Sem declar.	0,0001%	0,0003%	-

Em um universo de 13.699.927 pessoas com idade igual ou superior a 25 anos, 54,11% se declararam sem instrução ou com o fundamental incompleto. Somente 4,81% têm nível superior completo. A discrepância entre as informações acima talvez seja resultado de diferentes interpretações.

TABELA 6 – POPULAÇÃO PENTECOSTAL DE 5 A 70 ANOS,
CONFORME ALFABETIZAÇÃO (IBGE, CENSO 2010)

Total de pentecostais de 5 - 70 Anos	23.262.351
Alfabetizados	20.911.302 (89,89%)
Não Alfabetizados	2.351.049 (10,10%)

TABELA 7 – POPULAÇÃO PENTECOSTAL POPULAÇÃO PENTECOSTAL DE 25 ANOS DE IDADE OU MAIS, CONFORME GRAU DE ESCOLARIDADE (IBGE, CENSO 2010)

	<i>Total</i>	<i>Mulheres</i>	<i>Homens</i>
Sem instrução ou fundamental incompleto	54,11%	54,74%	53,20%
Curso Superior	4,81%	5,17%	4,29%

Talvez esta grande parcela de pessoas que se declararam alfabetizadas tenham o ensino fundamental incompleto, contudo não se declaram analfabetos, uma vez que sabem ler e contar. Entre os declarantes de origem pentecostal no Censo de 2010, 74,77% informaram receber entre $\frac{1}{2}$ e 3 salários mínimos.

Após a análise dos dados, pode-se notar o crescimento do pentecostalismo. Contudo, ainda hoje, a expansão pentecostal ocorre de forma desigual quando se consideram as diferentes classes sociais da população. Tem-se que a maior concentração pentecostal está inserida nos bairros mais pobres e periféricos, nos quais, muitas vezes, a assistência estatal é precária.

Ao se comparar a população pentecostal à população de maneira geral, o índice de escolaridade e de renda são menores. A maior parcela dos membros das igrejas pentecostais tem escolaridade e renda inferior à da média da população, e é formada pelas parcelas mais escuras da população, além de se concentrar nas zonas periféricas das grandes cidades.

2.3. Proto-pentecostalismo

O período que abrange o proto-pentecostalismo pode ser compreendido entre 1808, com a chegada da Família Real, e 1909, ano antecedente da criação da Congregação Cristã no Brasil, em 1910.

Com a vinda da Família Real para o Brasil e com a assinatura do acordo comercial entre Portugal e Inglaterra, ingleses, suecos e alemães chegaram ao país em um período denominado de *protestantismo étnico*, assim como as missões protestantes chegam a partir da segunda metade do século XIX. Este é o período em que protestantes étnicos chegam ao Brasil e começam a vivenciar a espiritualidade de acordo com seus dogmas, ritos, costumes, etc. Ou seja, tais religiões tinham forte relação com a cultura da qual eram provenientes. Já as missões referem-se às diversas igrejas protestantes que chegam ao Brasil a partir desse período. Bom exemplo seria o protestantismo norte-americano

Durante o século XIX, já é possível notar no Brasil faíscas pentecostais, uma vez que já estavam implantados em solo brasileiro grupos *holiness*, batistas letos, metodistas livres e messianismos.

O messianismo está ligado à figura de um messias que:

É o personagem cujo movimento é o milenarismo, embora não haja necessariamente personagem e movimento (...). O messias é alguém enviado por uma divindade para trazer a vitória do Bem sobre o Mal, ou para corrigir a imperfeição do mundo, permitindo o advento do Paraíso Terrestre, tratando-se pois de um líder religioso e social. (ROCHA, 2009, p. 28)

Assim, movimentos com características espirituais autônomas e manifestações em línguas e profecias não são novidades no século XX. Cita-se como exemplo José Manoel da Conceição, que, em 1865, torna-se o primeiro pastor brasileiro presbiteriano e, através do forte misticismo, tem problemas com os missionários americanos.

Miguel Ferreira, em 1874, converte-se ao presbiterianismo. Somado aos acontecimentos citados acima é fundada

a Igreja Evangélica Brasileira em 1879, reconhecida pelo Governo Imperial, na qual Miguel Ferreira assume o cargo de pastor. Tendo passado pelo presbiterianismo e espiritismo kardecista, seu ministério ocorre de forma “mística” (relacionada a visões e revelações) a partir de visões e revelações. Os casos protestantes de “iluminismo religioso”, somados aos movimentos messiânicos, constituem o proto-pentecostalismo brasileiro, dotado de manifestações de carismas – profecia e glossolalia.

2.4. Tipologias pentecostais

Nos primórdios do pentecostalismo, tem-se como característica a participação igual entre homens e mulheres, e a pluralidade racial. O movimento surge como proposta de renovação das igrejas existentes com ênfase na expectativa da iminente volta de Cristo. É esse pentecostalismo jovem, sem a dependência das missões históricas, com proposições evangelísticas, que se instaurou no Brasil a partir da década de 1910.

A igual participação entre homens e mulheres mostra-se na atuação de mulheres no ministério e na redação de jornais. Frida Vingren, esposa de Gunar Vingren, um dos Fundadores da Assembleia de Deus, demonstra a igualdade nos anos iniciais do pentecostalismo no Brasil ao ministrar cultos e ser redatora. Segue abaixo trecho de uma de suas publicações na segunda edição do jornal *O Som Alegre* em dezembro de 1929, intitulada *O decreto do senhor sobre estes*. “Amaldiçoe a Merez, diz o anjo do Senhor, acremente amaldiçoe aos seus moradores; porquanto não vierem ao *socorro do Senhor*, ao socorro do Senhor com os valentes”. Em um pentecostalismo jovem, o principal objetivo é a evangelização, não distinguindo entre homens e mulheres.

O pentecostalismo brasileiro é heterogêneo. Divergências internas e externas fizeram parte do movimento desde o início. As primeiras igrejas fundadas, Congregação Cristã no Brasil e Assembleia de Deus, sempre contaram com diferenças eclesiais, doutrinárias e de inserção no meio social. Com as transformações ocorridas na sociedade ao longo do século, as mensagens trazidas com o pentecostalismo alteraram-se, tornando a religião ainda mais heterogênea. Apesar de relativamente novo, o pentecostalismo mostra-se um fenômeno complexo, dinâmico e em constante adaptação aos contextos sociais nos quais ele interage.

As tipologias não devem ser vistas como estanques, completas e imutáveis, porém ajudam a compreender o dinamismo do campo religioso pentecostal no Brasil. Deste modo, optou-se por utilizar Mariano (1999, p. 23) na busca de ordenar o campo pentecostal através da análise histórico-institucional.

A partir dessa classificação, identificaram-se três vertentes no pentecostalismo, inspiradas nas metáforas marinhas de Paul Freston: *pentecostalismo clássico*, *deuteropentecostalismo* e *neopentecostalismo*. Basta salientar que essas três ondas/vertentes pentecostais convivem, interagem e se influenciam reciprocamente. É justamente pelo constante movimento entre estas vertentes que as mesmas podem ser classificadas como ondas marinhas. Não obstante, a classificação tipológica do pentecostalismo brasileiro gera concordâncias e divergências.*

Seguindo a tipologia histórico-institucional de Mariano (*Ibid.*), a primeira onda pentecostal pode ser classificada de *pentecostalismo clássico* e representa o primeiro conjunto de igrejas pentecostais implantadas em solo brasileiro. Este primeiro momento é datado de 1910, com a fundação da Congregação Cristã no Brasil em São Paulo. Em 1911, em

* Para mais tipologias do pentecostalismo brasileiro, ver MARIANO, 1999, p. 7-246.

Belém, é fundada a Assembleia de Deus, e são essas duas igrejas que compõem este primeiro bloco pentecostal. A fragmentação denominacional e institucional ocorre a partir de 1950, com a chegada de missionários ligados à Igreja do Evangelho Quadrangular. Portanto, o primeiro período do pentecostalismo no Brasil denominado de *pentecostalismo clássico*, é compreendido entre 1910 e 1950.

Essa primeira onda marca o momento de origem e expansão mundial do pentecostalismo. Discriminadas pela Igreja Católica e por protestantes históricos, as igrejas que formam a primeira onda foram compostas, em seus anos iniciais, por pessoas pobres e sem escolaridade.

Marcadas por um forte anticatolicismo, pela ênfase nos carismas – dons do Espírito Santo – e pela crença na iminente volta de Cristo, as duas igrejas pentecostais clássicas mantêm-se em postura ascética e sectária em relação ao mundo. Com a transformação do perfil social de seus membros, na atualidade, já não se encontra uma radicalidade marcante nas adaptações ao mundo na Assembleia de Deus.

Foi na cidade de São Paulo, em 1950, que se iniciou a segunda onda pentecostal, denominada de *deuteropentecostalismo*. Harold Williams e Raymond Boatright tomaram a frente da Cruzada Nacional de Evangelização com objetivo de evangelização em massa, na qual a mensagem central é a cura divina. A evangelização a partir de tendas itinerantes, pregações em praças públicas e ginásios arregimentada, além de fiéis, pastores de outras confissões. Nesse momento, além de uma acelerada expansão, o pentecostalismo passa a se fragmentar em diversos grupos que tiveram a possibilidade de se adaptar à nova sociedade urbana. Novas técnicas* são implantadas, somadas a uma nova relação com a sociedade.

* Técnicas de proselitismo em massa e utilização massiva do rádio para evangelizar. Sobretudo, cabe ressaltar a ênfase na cura divina.

A ênfase na mensagem teológica da cura divina proporcionou ao pentecostalismo uma forte expansão territorial e populacional. É intensa a utilização do rádio como forma proselitista. Nesse ritmo, surgem a Igreja do Evangelho Quadrangular, em 1951, na cidade de São Paulo; Brasil Para Cristo, em 1955, em São Paulo; Deus É Amor, em 1962, em São Paulo e Casa da Bênção, em 1964, em Minas Gerais. Vale ressaltar que esse grupo de igrejas relaciona-se com a urbanização e a formação de uma sociedade de massas.

O terceiro grupo, ou a terceira onda, começa a afirmar-se no Rio de Janeiro, cidade que naquele momento se encontrava em dificuldades, com alto grau de violência; contava ainda com a máfia do jogo e com uma política populista. O produto institucional mais famoso deste novo surto de crescimento é a Igreja Universal do Reino de Deus.

Classificado de *neopentecostalismo*, esse novo modo de ser pentecostal surge a partir da segunda década de 1970 e ganha força nos anos de 1980 e 1990. Esta terceira onda destoa das outras, inclusive, na mensagem teológica. Ela é formada sobretudo por igrejas cariocas como a Universal do Reino de Deus, criada em 1977, a Internacional da Graça de Deus, criada em 1980, e a Cristo Vive, criada em 1986, mas também pela Mundial do Poder de Deus, criada em 1998, em São Paulo.

Com caráter inovador, o *neopentecostalismo* deixa para trás a velha mensagem pentecostal de sofrimento e prega a mensagem de prosperidade material e financeira, na saúde e na família de forma imediata. Há uma forte acomodação ao mundo, quer dizer, participam da vida partidária e utilizam de forma exaustiva a mídia. As características marcantes destas igrejas são: 1. Teologia da Prosperidade; 2. Constante Guerra contra o Diabo; 3. Sem estereótipos evangélicos.

Interessa aqui notar os processos, rupturas, cisões e transformações ocorridas ao longo do século em uma igreja em especial, a Assembleia de Deus.

2.5. Inserção midiática e política

Como o objetivo central do trabalho é refletir sobre a mulher assembleiana representada em dois periódicos da Igreja, as revistas: *Mulher, Lar & Família Cristã* e *Nosso Lar*, é importante identificar a trajetória do pentecostalismo brasileiro no que diz respeito a sua inserção na mídia e na política. A partir da inserção do movimento em espaços antes não ocupados, há uma transformação na identidade e autoconhecimento que tal grupo faz de si próprio.

A mudança de postura em relação ao mundo pressupõe mudanças de conjunturas no interior do movimento. O pentecostalismo, na atualidade, “adapta-se facilmente à cultura urbana influenciada pela televisão e pela ética *yuppie*” (FRESTON, 1993, p. 95). Existem pentecostais que seguem tendências da moda, possuem escolarização, e são adeptos da tecnologia. De fato, esta mudança no comportamento pentecostal existe, mas não é geral, de maneira que ainda se encontram diversas igrejas com características conservadoras.

No que diz respeito à Igreja Assembleia de Deus, há diversidade. Ao mesmo tempo em que se encontram assembleias clássicas, também podem-se encontrar assembleias modernas, em maior consonância com a modernidade. Marina Corrêa (2011), ao tratar da Assembleia de Deus, situada no bairro de Bom Retiro na cidade de São Paulo, conclui que a mesma perdeu seu aspecto tradicional clássico e pode ser considerada como mais um exemplo de *neopentecostalismo*. Na proporção em que o Brasil se torna urbano, novas posturas pentecostais adaptáveis precisam ser criadas, reorganizando as igrejas e reconfigurando a identidade pentecostal.

De acordo com Rocha (2009), a alteração de comportamento e identidade dos pentecostais tem relação com a alteração na visão da perspectiva escatológica e milenarista, mas também com as mudanças sociais. Há uma transição de uma

visão pré-milenarista para uma pós-milenarista, influenciando diretamente no cotidiano dos fiéis e na atuação da instituição religiosa tanto na sociedade, quanto na política. Pode-se ter como ponto de partida as transformações ocorridas possibilitadas pela passagem da ênfase de uma visão pré-milenarista para a pregação da cura divina. Essa última é vista como intervenção direta do além capaz de trazer melhorias para a vida terrena.

Frente a uma mobilidade social por parte dos crentes, a sociedade de consumo, a variadas formas de lazer, a novas formas de entretenimento cultural, foi necessário que o pentecostalismo abrisse concessões para não se defasar de maneira extrema à sociedade. Para tanto, a mensagem pentecostal deveria ser ajustada gradativamente: “primeiro era preciso substituir suas concepções teológicas que diziam que os verdadeiros cristãos seriam, se não materialmente pobres, desinteressado de coisas de valores” (MARIANO, 1999. p. 27). Essa transformação na ênfase da mensagem central pentecostal abre caminho para o *neopentecostalismo*, que tem como base a Teologia da Prosperidade e a Guerra Espiritual contra o Diabo.

A teologia da prosperidade criou possibilidade de inserir o movimento pentecostal em áreas antes inacessíveis. A partir da legitimação teológica, pentecostais e neopentecostais passaram a desfrutar da sociedade de consumo em massa e refazer a sua própria identidade a partir, sobretudo, da mídia – eletrônica e audiovisual.

2.5.1. A utilização da mídia

As relações políticas, culturais e religiosas exibem a identidade pentecostal enquanto é construída pela mídia – impressa, eletrônica e audiovisual. “No caso da cultura evangélica, observamos a tendência da religiosidade autônoma, em que os

indivíduos dispõem do mercado cultural para formar visões de mundo, afirmar ou questionar sua identidade” (BELLOTTI, 2010. p. 57).

Verifica-se a utilização da mídia no espaço pentecostal, no Brasil, desde seu início através de jornais e folhetos. A primeira onda de pentecostais utilizava a mídia escrita como forma de evangelização e de construção da identidade que representava uma contracultura à sociedade de forma geral. A partir da segunda onda pentecostal, esta relação com a mídia é transformada.

Por volta da década de 1940/1950, o movimento pentecostal de *cura divina* teve início, e, a partir de então, nota-se um crescimento em relação à utilização da mídia radiofônica, sobretudo. Acompanhando a transformação sociocultural do país, com o avanço na industrialização e urbanização, certas igrejas pentecostais passam a utilizar o rádio como forma proselitista, de apoio aos movimentos das *tendas divinas*, de pregação e até mesmo como forma de terapia.

A utilização do rádio, principalmente, por igrejas ligadas à segunda onda pentecostal, ajudou a construir lideranças carismáticas, tais como: Manuel de Mello, fundador da Igreja *O Brasil para Cristo* e David Miranda, Fundador da Igreja *Pentecostal Deus é Amor*. Um *looping* passa a se formar por intermédio da mídia; lideranças são construídas através da mídia e essas lideranças carismáticas constroem os milagres que voltam para a mídia. A mídia radiofônica abre lugar para a televisiva. Nesse contexto, sobressaem-se as igrejas da terceira onda, sobretudo a Universal do Reino de Deus. Campos (2008, p. 3) acredita ser possível distinguir a utilização da mídia pelos pentecostais no Brasil em duas fases: fase da imprensa e fase da mídia eletrônica. Ressalta-se que estas duas fases, citadas por Campos, não se excluem, pelo contrário, interagem e se influenciam mutuamente.

Importam aqui as consequências trazidas pela utilização da mídia na atualidade. Até por volta dos anos de 1970,

os pentecostais limitavam sua ação proselitista midiática ao rádio e aos impressos, porém, na mesma década, vê-se a consolidação dos hábitos em relação ao uso da televisão; e, já em 1980, a produção da TV ocorre de forma massiva.

Nesse período, ocorre a entrada dos pentecostais na produção televisiva evangélica, o que possibilitou a comunicação em massa no meio pentecostal. Vale ressaltar que, para a Igreja Assembleia de Deus, a utilização da mídia eletrônica é moderada se comparada com a mídia impressa. Percebe-se, ao acompanhar as publicações, uma maior ênfase dada pela instituição à mídia impressa, devido às raízes milenaristas e ao comportamento sectário.

A mídia evangélica é enorme, e, de acordo com Freston (1993, p. 136), “o tamanho do mercado pentecostal justifica uma mídia especializada para este segmento”. O mercado evangélico adapta-se aos gostos locais e também introduz novidades: o mercado muda e ao mesmo tempo continua o mesmo. O modelo de mercado fez com que diferenças doutrinárias perdessem força perante uma tendência crescente de enfatizar o lado prático da religião. Por isso, temas como família e a educação infantil ganharam relevo. A família foi considerada pelos evangélicos o bastião de resistência às mudanças socioeconômicas e culturais do século XX (BELLOTTI, 2010. p. 325).

A partir do discurso de líderes carismáticos pentecostais, a ideia de se defender os valores cristãos – moral e ético – é trazida para a esfera pública através dos meios de comunicação e chega a repercutir na política brasileira. A lembrar a troca de visões pré-milenaristas, individualizadas, para a pós-milenarista, em busca da coletividade em forma de sociedade ética, moral, sem sofrimentos e, sobretudo, próspera. Os pentecostais, ao mudar a ênfase da mensagem pentecostal e, com o auxílio dos meios de comunicação, ao legitimarem um novo modelo de vida, reconfiguram a imagem que o fiel tem de si e de seu grupo. A entrada de pentecostais na esfera política não

salta aos olhos, haja vista a nova configuração da identidade pentecostal. Aqui vale dizer que há muitas igrejas da primeira onda, e muitas Assembleias de Deus que ainda se encontram com características ascéticas e milenaristas.

2.5.2. A política como forma de garantia dos valores cristãos

O Batismo no Espírito Santo e os dons do carisma – glossolalia, cura – não são mais as únicas pautas do movimento pentecostal. Nesta altura do movimento, depois de tantas transformações, rupturas e continuidades, interessa também o poder político. A indústria de comunicação possibilitou aos pentecostais legitimar a nova teologia, da qual a prosperidade é requisito. A transformação dos valores pentecostais mudou o modo de agir e pensar, reformulando identidades. A imagem do crente ascético, apolítico e sectário não combina mais com o discurso de uma instituição mais moderna e adepta das tecnologias e sociedade. O mundo continua condenado, e é função do crente transformá-lo em um paraíso na Terra. A Teologia da Prosperidade e a Guerra contra o Diabo legitimam a participação das lideranças pentecostais na arena política.

Se antes condenavam a Igreja Católica pela sua aproximação com o Estado na busca de aquisição de privilégios, agora buscam as mesmas benesses. Condenar o mundo não leva mais o crente a se tornar sectário, pelo contrário o traz para lutar no presente em busca de fazer a diferença no mundo. O parlamento torna-se o lugar central de disputas e lutas para implantação de valores morais cristãos na sociedade. A batalha antes mística, a partir da inserção dos evangélicos na política torna-se física. Cabe aos representantes religiosos lutarem a partir de projetos e conchavos políticos para tornar o Brasil o Paraíso Terrestre.

A entrada dos pentecostais brasileiros na esfera política ocorreu no período pré-eleitoral de 1986. O discurso do momento girava em torno da Constituinte, que daria reais possibilidades para que se reescrevesse o Brasil. Era a oportunidade que o evangélico tinha para mostrar superado o complexo de minoria e ter voz política ativa. A República trouxe consigo uma reconfiguração do interesse de atuação política dentro do movimento pentecostal.

Este novo interesse nasceu da necessidade de ter representatividade na Assembleia Constituinte. A Igreja Assembleia de Deus, com sua característica marcante de apoliticismo, logo percebeu a importância de se fazer representar na esfera pública política nacional. Um exemplo pode ser dado a partir da Convenção Geral de 1985, realizada em Goiás, na qual líderes teceram comentários sobre a importância da Constituinte. O lema inaugurado era o da oração mais ação; a ação do crente sob forma de voto.

A nova mobilização reflete-se na indicação de candidatos apoiados pela própria Igreja na tentativa de se perder a menor quantidade possível de votos. O resultado foi positivo, e a Assembleia de Deus conseguiu eleger 13 deputados; nas eleições de 2002, já seriam 22 deputados ligados à Assembleia de Deus. Entretanto, esta entrada na política não ocorreu por parte de todas as igrejas pentecostais; a Congregação Cristã do Brasil e a Deus é Amor ainda se mantêm à parte da corrida eleitoral.

Para facilitar a conquista de votos, as igrejas pentecostais têm se empenhado em lançar candidatos próprios, influentes e conhecidos no ambiente institucional religioso. Membros da hierarquia são lançados como candidatos na busca de transferir a influência religiosa para a esfera política.

O sucesso do projeto político pentecostal deve-se a três fatores: o primeiro é a proximidade que as igrejas pentecostais têm com o fiel, assim como as influências que exercem sobre

a vida deste. Com uma pauta voltada para a família e a moral cristã, o pentecostalismo conseguiu legitimar sua presença na arena política e remodelar a identidade de seus membros.

O segundo fator está ligado à estruturação. Nas igrejas, estruturadas de forma centralizada e oligárquica, seus dirigentes tomam as decisões e as transmitem para os fieis. Nas lideranças assembleianas, por exemplo, há um forte caráter *caudilhesco* e *coronelista*. O terceiro e último fator, mas não menos importante, relaciona-se com a eficiência das igrejas na utilização dos meios de comunicação em massa. De acordo com Freston (1993), política e mídia reforçam-se reciprocamente na composição do campo evangélico. Não é de espantar ver famosos da mídia pentecostal compondo a bancada evangélica.

O pontapé na corrida política foi dado pela Assembleia de Deus, a qual ainda consegue eleger inúmeros candidatos, mas, até as eleições de 2010, a igreja que mais elegeu governantes foi a Universal do Reino de Deus: a “Universal inaugurou um novo estilo de fazer política nas igrejas, trata-se de um específico “corporativismo de viés religioso” (ROCHA, 2009, p. 83). Após a redemocratização do país, assiste-se a uma política evangélica dominada por políticos ligados ao *pentecostalismo clássico*, já nos fins da década de 1990, vê-se a *neopentecostalização* da bancada evangélica.

Em um século, o movimento pentecostal brasileiro saiu de uma posição de margem da sociedade para o centro. Veem-se com o passar dos anos as transformações ocorridas no interior do movimento e a conseqüente transformação do fiel pentecostal. O sectarismo, o apoliticismo e o pré-milenarismo, se não suplantados, são diminuídos em meio às constantes adaptações das igrejas à modernidade. Hoje, os pentecostais reconhecem sua força e utilizam-se da mídia e da política para reclamar seus direitos e suas demandas religiosas sempre a favor dos interesses corporativos, políticos e econômicos de suas instituições.

A Igreja Assembleia de Deus, maior igreja pentecostal do Brasil e detentora de uma imagem conservadora, atualmente possui uma faceta bem diferente de visão e acomodação ao mundo das encontradas em suas origens. Para compreender a imagem de mulher representada nas revistas da Assembleia de Deus, foi importante realizar todo este trajeto histórico. O mesmo possibilita perceber as relações que a igreja teve e tem com o movimento pentecostal e com a sociedade. A compreensão de uma identidade assembleiana perpassa a mídia, a política, a teologia, a sociedade e a cultura. Identificar as consonâncias ou não da Assembleia de Deus com a história do movimento pentecostal é essencial para perceber a imagem e a autoimagem desta.

3. Igreja Assembleia de Deus

Para compreensão da identidade assembleiana na atualidade, é necessário que se busque seu passado, ou seja, suas origens e características. Ao longo de 103 anos de história, muitas mudanças ocorreram no interior da maior igreja pentecostal do país. A Assembleia de Deus de ethos sueco, nordestina, sectária, apolítica e de visões pré-milenaristas, na atualidade tem características bem distintas. Para tanto, torna-se essencial compreender a situação dos missionários suecos que chegaram ao Brasil e fundaram a Assembleia de Deus.

3.1. A herança sueca

A Igreja Assembleia de Deus, fundada em Belém, em 1911, é resultado do movimento holiness norte-americano, como também das políticas migratórias ocorridas nos séculos XIX e XX. Ela foi fundada por dois suecos migrados para os Estados Unidos da América, e, nessa linha, não é difícil compreender as posturas sectárias, apolíticas e ascéticas presentes nos fieis assembleianos das primeiras gerações.

Nos séculos XIX e XX, a Europa passava por uma elevada taxa de migração, e a Suécia não era o país próspero dos tempos atuais. De acordo com Freston (1993, p. 68), “era uma país estagnado com pouca diferenciação social, forçado a exportar grande parte da população”. A liberdade religiosa era relativa na virada do século e só veio a se consolidar em 1905, através de um governo parlamentar. A relação entre igreja e sociedade contava com uma igreja estatal luterana com alto

índice de adesão, porém, na prática, a história era outra. Com um catolicismo inexistente e um pluralismo bem tímido, as igrejas dissidentes só aparecem no terceiro quartel do século XX.

Na Suécia da virada do século, a igreja subordinada ao Estado era mais maleável às transformações e às mudanças deste. Havia um sentimento cultural de religião, e a igreja estatal contava com um clero especializado em universidades e com alto *status* social. Desta forma, as poucas dissidências ocorridas eram reprimidas e marginalizadas. Um grupo de dissidentes foi o dos batistas; devido ao alto grau de repressão, muitos deles preferiram migrar, e foi justamente entre os batistas que o pentecostalismo conseguiu se firmar:

Os missionários suecos que tanto influenciaram os primeiros quarenta anos da AD no Brasil vieram de um país religioso, social e culturalmente homogêneo, no qual eram marginalizados. Pertenciam a uma insignificante minoria religiosa num país onde vários trâmites burocráticos ainda passeavam pelo clero luterano. Desprezavam a igreja estatal, com seu alto *status* social e político e seu clero teologicamente liberal (FREESTON, 1993, p. 69).

O Estado sueco era unitário, e, com uma cultura homogênea e cosmopolita, a dissidência religiosa não era capaz de construir uma nova base social. Pode-se considerar a religião dissidente como uma forma de contracultura. Seu clero não contava com especialização formal e mantinha distanciamento da educação teológica e poucas aspirações sociais. Os pentecostais suecos possuíam uma postura de sofrimento, de marginalização social, de minoria, de martírio e contavam com um viés pré-milenarista.

Outra característica do modelo pentecostal sueco que aqui foi implantado é relativa à rejeição do aprendizado formal intelectual escolar. Estavam formando uma nova comunidade na qual, para as pessoas excluídas, não existia a necessidade de um clero especializado. Dessa forma, a Assembleia

de Deus formada no Brasil foi produto de um pequeno grupo de migrantes de um país pobre, sem pretensões de melhorias sociais. Os primeiros líderes da Assembleia de Deus, marcados por posturas de marginalidade e simplicidade, pouco ligavam para a ascensão econômica.

Este tópico serve para compreender de onde surgiu a postura ascética, apolítica e pré-milenarista da Assembleia de Deus tão presente nos primeiros anos da igreja. Apesar de, nos tempos atuais, a igreja ainda contar com tais posturas, hoje a denominação encontra-se muito mais diversificada e modernizada, ainda que em algumas igrejas prevaleça o ideal de um *pentecostalismo clássico*. Os próximos tópicos trazem as mudanças ocorridas no interior da igreja e como estas mudanças aconteceram.

3.2. Formação histórica da Assembleia de Deus

Fundada em 18 de junho de 1911 por um grupo de 17 pessoas dissidentes da Igreja Batista, entre elas Daniel Berg e Gunnar Vingren, a Igreja Assembleia de Deus figura nos tempos atuais como a maior igreja pentecostal no cenário brasileiro. Em 99 anos de história, a Assembleia de Deus contava com uma membresia de norte a sul, de leste a oeste do Brasil, equivalente a 12.314.408 pessoas, segundo dados do Censo demográfico do IBGE de 2010.

A Igreja representa 54,55% do número de pentecostais brasileiros e tem uma pequena variação no número de assembleianos de acordo com a região do país: Norte: 60,53%, Nordeste 62,90%, Sudeste: 40,03%, Centro-Oeste: 50,28% e Sul: 41,37%. Nota-se que, apesar da variação, a Assembleia de Deus representa a maior parcela entre os pentecostais em todas as regiões do país. Constituída em sua maioria por membros pobres, na atualidade a Assembleia de Deus penetra inclusive na elite brasileira.

Porém, nos 15 primeiros anos da igreja no país, a expansão territorial da Assembleia de Deus ficou praticamente restrita ao Norte e Nordeste. Para se tornar a maior igreja pentecostal do Brasil, a Assembleia de Deus contou com a ação planejada dos líderes concomitante à ação dos leigos, migrantes em sua maioria. Segue adiante tabela com a expansão da Igreja até 1930.

TABELA 8 – EXPANSÃO ASSEMBLEIA DE DEUS, 1915-1930
(FREESTON, 1996. P. 83)

<i>Ano</i>	<i>Estados</i>	<i>Regiões</i>				
		S	N	CO	SE	NE
1915	3	0	1	0	0	2
1920	9	0	3	0	0	6
1925	15	2	4	0	3	6
1930	20	3	4	0	4	9

Em seus primeiros anos, a Assembleia de Deus era uma igreja de pobres, excluídos e marginalizados. A nova igreja recém-formada recebeu o nome de “Missão de Fé Apostólica”. Vingren e Berg tiveram nos primeiros anos ajuda não só dos brasileiros que constituíam a nova igreja, mas também dos suecos; estes passam a chegar para colaborar a partir do ano de 1914. Paralelamente, a Suécia já contava com o pluralismo religioso. Lewi Pethrus aproveita o momento, e a Missão Sueca Livre se oficializa.

Nos trinta primeiros anos, a Assembleia de Deus contou com uma enorme parceria com os suecos. O auge destes no Brasil ocorreu na década de 1930. Por volta de 20 famílias missionárias ligadas à igreja estavam no Brasil nesse ano. A presidência da Convenção Geral das Assembleias de Deus foi ocupada por suecos até 1951. A autonomia da igreja em relação

à Missão Sueca ocorreu no ano de 1930, mesmo ano em que a sede da igreja foi transferida de Belém para o Rio de Janeiro, capital do Brasil até 1960.

3.3. Transformações e continuidades no interior da Assembleia de Deus

Tipicamente brasileira, a Assembleia de Deus, fundada por suecos no Norte do Brasil, não difere muito do país em que está estabelecida. Fundada com *ethos* sueco nordestino*, apesar de configurar apenas uma Igreja, em seu interior conta com inúmeras variações. Detentora de desde templos-casa a mega-templos (ALENCAR, 2012, p. 22), são abissais as diferenças econômicas, políticas e doutrinárias no interior da Igreja. Contudo, nos anos iniciais, com o objetivo de evangelização, questões institucionais e burocráticas não assumiram lugar de destaque, o que possibilitou uma igreja intimista e com laços sociais.

A Assembleia de Deus carrega uma dupla mentalidade de origem: formada pela participação sueca das primeiras décadas com visão de marginalização cultural; e uma sociedade pré-industrial e patriarcal do Norte e Nordeste nos anos de 1930 a 1960.

A Convenção Geral das Assembleias de Deus é o órgão máximo da denominação, porém não tem o poder de demitir ou nomear pastores. Até o ano de 2007, foram realizadas 38 Assembleias Gerais da CGADB (Convenção Geral das Assembleias de Deus). A mesma reúne-se de dois em dois anos

* Utilizado por Alencar em sua tese, o conceito não aparece elucidado de forma clara para o leitor. A partir da obra, pôde-se entender por *ethos* sueco nordestino a característica que marca uma forte centralização de poder na mão de alguns líderes, carismáticos que exercem o poder de forma autoritária e com relativa oposição à cultura letrada (ALENCAR, 2012).

com o objetivo de tratar assuntos relevantes à administração, às doutrinas e às teologias da Igreja. De acordo com Alencar (2012, p. 278), podem-se verificar 32 Convenções espalhadas pelo Brasil, as quais fazem parte da CGADB. A tabela seguinte traz as datas e locais de cada Assembleia Geral já realizada até o ano de 2007.

TABELA 10 – ASSEMBLEIAS GERAIS DA CGADB – 1930 A 2007
(ARAUJO, 2007. p. 213)

<i>Nº</i>	<i>Ano(s)</i>	<i>Local</i>
1	1930, 1931, 1932	Natal, Rio de Janeiro e Recife
2	1933	Rio de Janeiro
3	1934	Recife
4	1935	João Pessoa
5	1936	Belém
6	1937	São Paulo
7	1938, 1939, 1940, 1941, 1943, 1945	Recife, Rio de Janeiro, Salvador, Porto Alegre
8	1946	Recife
9	1947	São Paulo
10	1948	Natal
11	1949	Rio de Janeiro
12	1951	Porto Alegre
13	1953	Santos
14	1955	Belém
15	1957	Belo Horizonte
16	1959	Rio de Janeiro
17	1962	Recife
18	1964	Curitiba
19	1966	Santo André

20	1968	Fortaleza
21	1971	Niterói
22	1973	Natal
23	1975	Santo André
24	1977	Recife
25	1979	Porto Alegre
26	1981	Belo Horizonte
27	1983	Vila Velha
28	1985	Anápolis
29	1987, 1989	Salvador
30	1990	São Paulo
31	1993	Cuiabá
32	1995	Salvador
33	1997	Belo Horizonte
34	1999	São Paulo
35	2001	Brasília
36	2003	Maceió, São Paulo
37	2005, 2006	Rio de Janeiro e Florianópolis
38	2007	São Paulo

A ação social é verificada desde cedo, na Assembleia de Deus, a partir do auxílio de igrejas locais a membros ou não, auxílio este que abrange bolsas de alimentos até auxílio funeral. No período compreendido entre 1924 e 1950, são criadas na sede, em Belém, as Caixas de Beneficência, Mortuária e das Viúvas.

A igreja tem ajudado o povo ensinando-o a ler, espalhando literatura, construindo bibliotecas comunitárias, jardins de infância e dando curso de língua portuguesa. Cada igreja-mãe supre as necessidades dos membros que

dela fazem parte e das pessoas de sua comunidade, providenciando alimentos, casa, roupa, assistência médica. Alguns campos possuem sua policlínica ou fazem convênio com as mesmas (ALMEIDA, 2007. p. 1).

Tendo a ação social dificultada nos primeiros anos pela Igreja Católica, a atuação da Assembleia de Deus faz-se de forma menor, mas, através dos auxílios à leitura e à comida, a Igreja fez-se presente nesta área. Na atualidade, a ação social figura de forma bem diferente. Em 1997, na 33ª Convenção Geral dos pastores, criou-se o Conselho de Ação Social no intuito de organizar e regulamentar a ação social de toda a Igreja. A notoriedade da Igreja fez-se de tal forma que no ano de 2003 o Governo Federal propôs à Assembleia de Deus parceria em projetos sociais. Um convênio foi assinado entre a Assembleia de Deus e o Governo Federal, em 2003, em favor da erradicação do analfabetismo.

Como a proposta central do trabalho é identificar a representação do feminino produzida pela Assembleia de Deus a partir das revistas *Nosso Lar* e *Lar, Mulher & Família Cristã*, publicadas pela CPAD (Casa Publicadora das Assembleias de Deus), será utilizado o recorte histórico-cronológico feito por Gedeon de Alencar (2012). A partir desta divisão, podem-se identificar as transformações, cisões e rupturas no interior da Assembleia de Deus e reconhecer em quais contextos são formadas as relações políticas, sociais e culturais de gênero no seu interior, além de como estas são transpassadas para o dia a dia do fiel.

A periodização é dividida em três fases: 1911 a 1946, 1946 a 1988 e 1988 a 2011 (ALENCAR, 2012, p. 22). O primeiro momento é denominado como *O movimento pentecostal: a iluminação do carisma*; o segundo momento é denominado *A instituição pentecostal: o avanço da tradição*; o terceiro momento é denominado como *A corporação pentecostal: a (i)*

racionalidade dos poderes. Cada um destes períodos citados acima guarda semelhança com os outros, mas, acima de tudo, suas diferenças são enormes. Apesar da periodização utilizada, na atualidade são encontradas igrejas com características de todos estes períodos. Logo, a periodização serve no auxílio didático para o entendimento de mais de 100 anos de história de igreja, mas não quer dizer que características encontradas lá em 1911 não existam mais em certas igrejas da atualidade.

3.3.1. Assembleia de Deus – 1911 a 1946

O primeiro período, compreendido entre 1911 e 1946, intitulado de O movimento pentecostal: a iluminação do carisma, é marcado pela formação da identidade social a partir da relação e oposição. Surge como contracultura ao catolicismo dominante e abre concorrência ao protestantismo de missão. Ao se caracterizar como movimento, este primeiro período não requer processo de institucionalização.

As reuniões são feitas nas casas dos membros e têm, como principal objetivo apologético, a evangelização. A forte crença deste momento é a vinda iminente de Cristo à Terra, e os dons do carisma – dons do Espírito Santo – são considerados como prova deste retorno. A ênfase gira em torno das línguas de fogo – glossolalia –, mas profecias, visões e curas divinas também abarcam o universo pentecostal.

Durante aquela semana, realizamos cultos de oração todas as noites na casa de uma irmã que tinha uma enfermidade incurável nos lábios. Ela não podia assistir aos cultos na igreja. A primeira coisa que fiz foi perguntar-lhe se cria que Jesus podia curá-la. Ela respondeu que sim. Dissemos-lhe então que deixasse de lado todos os remédios que estava tomando. Oramos por ela, e o

Senhor Jesus a curou completamente. Nos cultos que se seguiram, aquela irmã começou a buscar o batismo com o Espírito Santo. O seu nome era Celina Albuquerque. Na quinta-feira, depois do culto, ela continuou orando em sua casa, juntamente com outra irmã. À uma hora da madrugada, a irmã Celina começou a falar em novas línguas e continuou falando durante duas horas (ARAUJO, 2007. p. 32-33).

A nova doutrina pentecostal fundada por suecos vindos dos Estados Unidos da América crê no batismo com o Espírito Santo, e, para tanto, não é necessário institucionalização e burocratização. A igreja é feita por todos e para todos, logo neste primeiro momento não se vê a exclusão de participação por gênero, classe e cor. A igreja é construída e consolidada em uma Belém da *Belle Époque*, rica e excludente.

Contrariamente, o Brasil de 1911 é rural, e o desenvolvimento urbano só alcança as grandes cidades. O índice de analfabetismo é enorme e a grande maioria da população não conta com recursos e possibilidades de educação. O reconhecimento social não é dado aos pobres, e são ínfimas as possibilidades de ascensão social. Esse reconhecimento é conseguido a partir do momento em que a participação se dá da mesma forma para todos. Assim, qualquer membro da igreja tem a real e igual possibilidade de participação. A Bíblia tem grande papel social no que diz respeito à diminuição do analfabetismo, uma vez que a palavra falada é a palavra lida. A formação dessa primeira geração de assembleianos vem relacionada ao ascetismo e ao sectarismo. A partir da participação na igreja, da melhor forma de se vestir para os cultos e por estarem sempre com a Bíblia nas mãos, estes fiéis fazem a escolha de uma vida regrada pela doutrina pentecostal e apartada do mundo.

A Igreja encontra-se ligada à doutrina teológica-escolástica e à condição em que está inserida, e, neste primeiro

momento, o reconhecimento teológico na Assembleia de Deus não se baseia em escolas formais, mas no reconhecimento pelo Espírito Santo. Tem como doutrina teológica o sofrimento, com a crença de que a felicidade está guardada para além morte, a salvação é para o paraíso e para todos.

A construção e a consolidação da Assembleia de Deus no Brasil dão-se em seus primórdios sem o estudo teológico formal e a partir de um *ethos* sueco nordestino, como também da atual situação política do país – ditadura do Estado Novo (1937-1945). O conservadorismo faz-se presente. Para além, possibilita ao pobre ser letrado, ao aproximar o fiel e a Bíblia, apesar do *status social*.

Nascida dos suecos, mas nacionalizada no norte e nordeste, a Assembleia de Deus, desde os primórdios, utiliza a mídia na evangelização. O primeiro jornal *Voz da Verdade* começa a ser publicado em 1917 e tem seu fim em 1918. Desde lá, nesta primeira fase foram publicados os jornais *Boa Semente*, *Som Alegre*, *Mensageiro da Paz* (em circulação até os dias atuais), a revista de *Lições Bíblicas*.

Em 1930, a redação do *Mensageiro da Paz* é fundada, e, em 1940, é fundada a Casa Publicadora das Assembleias de Deus (CPAD) que passa a pertencer ao jornal supracitado. Em 1918, é registrado o Estatuto da Igreja no Cartório de Registros de Títulos e Documentos, e a Igreja começa a existir legalmente como pessoa jurídica. Ainda faz parte desta primeira fase a primeira Convenção Geral das Assembleias de Deus (CGADB) em setembro de 1930, em Natal; a mesma assume personalidade jurídica em 1946. Nesta primeira Convenção, já são notórias algumas transformações internas de pensamento. A pauta da primeira Convenção aborda quatro temas: “1. O relatório do trabalho realizado pelos missionários; 2. A nova direção do trabalho pentecostal do Norte e Nordeste; 3. A circulação dos jornais *Boa Semente* e o *Som Alegre*; 4. O trabalho feminino na igreja” (ARAÚJO, 2007. p. 47).

Já é possível perceber a burocratização da Igreja e a institucionalização tanto da Igreja, quanto do carisma. A igual participação entre todos já não é mais encontrada, uma vez que o pastorado e os ensinamentos por mulheres ficam vedados. A criação do jornal *Mensageiro da Paz* formada pela fusão dos jornais *O Som Alegre* (Rio de Janeiro) e *Boa Semente* (Belém) dá sinais de divisões internas dentro da Igreja. O controle da Igreja, antes exercido pelos suecos, é paulatinamente transferido para os brasileiros.

3.3.2. *Assembleia de Deus – 1946 a 1988*

Período caracterizado pelo maior crescimento, o segundo momento apresentado por Gedeon, de 1946 a 1988, é denominado por ele de A Instituição Pentecostal: o avanço da tradição, e podem-se perceber inúmeras mudanças no interior da Igreja se comparadas a 1911. Ao acompanhar a transformação brasileira, a Igreja, intencionalmente ou não, vê-se obrigada a se modificar.

O Brasil passa por uma forte transformação no que diz respeito à urbanização. A partir da década de 1950, é grande o êxodo do campo para as grandes cidades do Sudeste. Assim, o Brasil, antes rural e agrário, assume formas de urbano e industrializado.

Com a transformação demográfica de assembleianos no território nacional, as estruturas dos templos transformam-se. Os *templos-pensão*, caracterização utilizada por Alencar (2012, p. 207), possibilitam ao migrante do interior hospedar-se nas igrejas-sede sem o alto custo dos hotéis. Situadas em zonas periféricas dos grandes centros e em ruas secundárias, estas igrejas representam para os obreiros um local intermediário entre o hotel e a casa, no qual a boa convivência e o laço social ainda são possíveis.

A segunda geração presente dentro da Igreja sofre grande influência da cultura norte-americana, deixando o *ethos* sueco nordestino para trás. Nota-se, nesse momento, como dito anteriormente, a passagem do controle da Igreja dos suecos para os brasileiros. A primeira mudança neste quesito recai sobre a educação teológica. Antes proibida, a educação teológica formal agora é compulsória. A centralidade da educação teológica recai sobre a tradição. Essa foi a forma de a igreja responder às transformações ocorridas interna e externamente. Ao perder o monopólio da glossolalia, agora com a concorrência pentecostal, a Assembleia de Deus fecha-se na ideia de tradição e enfrenta o período de maior estranhamento ao mundo. Com a teologia focada na disciplina, o rigor é fortíssimo.

Inversamente, as publicações da Assembleia de Deus dão um salto, tanto quantitativo quanto qualitativo, na mídia escrita. O jornal *Mensageiro da Paz* tem sua tiragem expandida, e é neste momento que a CPAD tem a sede e a tipografia inauguradas. A partir da década de 1970, a Assembleia de Deus retrai-se em relação ao sectarismo e utiliza de forma ostensiva o rádio com objetivo de evangelização em massa. O nível e *status social* desta geração já não são mais os mesmos encontrados no período anterior. Internamente, a Assembleia de Deus enfrenta uma forte fragmentação em Ministérios e Igrejas-Sede. Assume uma retração de postura a partir de um modelo de gestão institucional centralizado e regrado pelas Igrejas-Sede. Não obstante a figura que mais se destaca é a do pastor presidente. De postura altiva, séria, demonstra uma alta característica em ser político. O deslocamento de *status* e nível social desta personagem é grande se comparado com a membresia da igreja.

O apoliticismo, visto em período anterior, é deixado de lado e a igreja começa a fazer parte do cenário político. O período termina com grandes conflitos internos e condiciona rupturas internas na igreja.

3.3.3. Assembleia de Deus –1988 a 2011

O terceiro período, denominado de A Corporação pentecostal: a (i) racionalidade dos poderes, é marcado pela figura de José Wellington Bezerra da Costa, presidente da CGADB desde 1989. Juntamente, as elites corporativas engendram jogos políticos e econômicos movidos por seus próprios interesses, desconsiderando a base. A disputa interna ocorre de tal forma que, em 1988, ocorre a expulsão do Ministério de Madureira.

Verifica-se na Assembleia de Deus um processo de *neopentecostalização* (MARIANO, 1999. p. 39) ao longo das últimas décadas. O modelo de carisma abre espaço para a racionalização econômica e templos-sede que guardam inúmeras funções. Os templos, agora mais parecidos com grandes shoppings, com grandes estacionamento, possibilitam a venda e compra de produtos *gospel*, possuem salões, lojas, anfiteatros. Situam-se nos grandes centros urbanos, em zonas ricas e em ruas principais.

Há uma mudança na formação da identidade assembleiana. Esta agora não vive mais à parte do mundo, mas no mundo. O estereótipo do crente, apolítico e ascético, é, em grande parte, deixado de lado. A partir da ressignificação da doutrina assembleiana na atualidade, são várias as acomodações feitas pela Assembleia de Deus quanto aos Usos e Costumes.

A mídia em geral é utilizada de forma ostensiva para obtenção de fundos, como também para conquistar novas concessões de rádio e TV, que possibilitem novas *megaobras*. Vê-se a profissionalização da música e um forte investimento na mídia eletrônica, radiofônica, televisiva e impressa. A tecnologia é usada a favor de uma mensagem proselitista de evangelização. Neste íterim, a CPAD ganha nova sede, rica, espaçosa e confortável, em Bangu (RJ), no ano de 1992. Em 2003, a mesma inaugura a Editora Patmos como braço

editorial internacional. Em 2001, a CGADB recebe concessão do Governo Federal para emissoras de rádio em todas as regiões do país.

Apesar do grande avanço na modernidade – acomodações relativas aos Usos e Costumes, participação na política, inserção na(s) mídia(s) – a Assembleia de Deus mostra-se retrógrada quando se trata das relações que envolvem questões de gênero. No ano de 1983, o ministério feminino é rejeitado por unanimidade, e, em 2001, é rejeitada a ordenação de mulheres, por uma esmagadora maioria, em Convenções da CGADB.

Curioso notar que uma igreja que se mostra tão avançada em certos aspectos, como a participação na política, utilização ostensiva de mídias em geral, na burocratização, institucionalização e racionalização econômica mostre-se tão reacionária no que diz respeito ao feminino. As mulheres, as notáveis, esposas de pastores presidentes, são vistas apenas como sombras de seus maridos. Quanto às demais, nada é falado ou as faz falar.

São inúmeras as Convenções pertencentes à Assembleia de Deus, dentre elas a CGADB – Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil, a CONAMAD – Convenção Nacional das Assembleias de Deus do Ministério de Madureira, as Convenções nacionais, as Convenções estaduais e as Convenções interestaduais. No entanto, a única retratada no presente trabalho é a CGADB, única e exclusivamente por ser proprietária da CPAD (Casa Publicadora das Assembleias de Deus) e conseqüentemente do CEMP (Centro de Estudos do Movimento Pentecostal).

3.4. Estruturação da CPAD: importância histórica, cultural e social

A CPAD, ao longo de sua história, já percorreu outros endereços antes de se fixar na atual sede. Inaugurada em 13 de março de 1940, a CPAD teve origem, de fato, em 1937, com a fundação da redação do jornal Mensageiro da Paz, passando a ser proprietária do jornal em 1940. Neste mesmo ano, foi criado o Conselho Editorial – Comissão de Literatura – posteriormente substituído pelo Conselho da CPAD, existente ainda nos dias atuais.

No entanto, em 1946, a CPAD passa ao controle da CGADB (Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil), que assume forma de pessoa jurídica. Antes de 1946, a CPAD servia às Assembleias de Deus, porém sem pertencer a qualquer Convenção ou Igreja. A criação da Casa Publicadora emerge na tentativa de unificar todas as publicações assembleianas produzidas até o momento, pois estas eram publicadas e distribuídas de forma geral, não havendo, neste caso, uniformidade e centralidade. A centralização das publicações remete a disputas políticas já percebidas nesta época, entre Ministérios e Igrejas-sede.

Dessa forma, ainda que não estivesse mais circulando em 1940, cabe ressaltar que a primeira publicação impressa pela Assembleia de Deus foi o jornal Voz da Verdade, que teve seu período de circulação entre 1917 e 1918, em Belém (Pará). Continuamente em 1919, surgem as publicações *Estudos Dominicais*, no jornal *Boa Semente*, com finalidade de serem usadas pelos alunos da Escola Dominical, e também o jornal *Boa Semente*, com circulação na região Norte do país. Paralelamente, em 1929, surge no Rio de Janeiro o jornal *Som Alegre*. Nota-se que a criação de jornais distintos por distintas igrejas em regiões diferentes, abordando temáticas variadas, representa a multiplicidade encontrada no interior da Assembleia de Deus.

Considerado órgão oficial da Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil, o jornal *Mensageiro da Paz* passa a circular a partir de dezembro de 1930, substituindo e unificando os dois jornais publicados até o momento: o *Boa Semente*, da Assembleia de Deus do Pará, e o *Som Alegre*, da Assembleia de Deus do Rio de Janeiro.

A fusão é consequência de decisão dos convencionais presentes na Primeira Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil, na tentativa de unificar posturas diferenciadas entre os jornais. De acordo com Araujo, as linhas editoriais dos jornais são distintas. O jornal *Boa Semente* assume aspectos informativos e doutrinários, enquanto o jornal *Som Alegre* assume aspecto evangelizador.

A fusão ocorre em um momento de transformação política e social no país. Em outubro de 1930, a partir da Revolução que coloca Getúlio Vargas no poder, instaura-se a Ditadura do Estado Novo. Assim como o país, a Assembleia de Deus também sofre influência do contexto histórico. A fusão dos jornais permite centralizar as ideias e doutrinas da igreja e transforma posturas antes igualitárias, inclusivas e modernas em conservadoras, elitistas e machistas

O jornal *Mensageiro da Paz* conta com a direção de Gunnar Vingren e Samuel Nyström, também fundadores em 1911, em Belém, da primeira Igreja Assembleia de Deus. É importante ressaltar a participação de Frida Vingren, esposa de Gunnar Vingren, como redatora desde os volumes iniciais, nos jornais *Som Alegre* e *Mensageiro da Paz*.

Esta importância deve-se à pauta tratada na primeira CGADB, que tinha como temas: o trabalho realizado pelos missionários; a nova direção do Norte e Nordeste; os jornais *Boa Semente* e *O Som Alegre*; o trabalho feminino na Igreja. Em um contexto no qual fora negado o pastorado feminino, torna-se no mínimo curioso a redação de mulheres nos jornais da Instituição. Na teoria teológica pentecostal, o Espírito

Santo age sobre todos de forma igual, logo há igualdade entre homens e mulheres. No entanto, há certa distância entre teoria e prática, e as mulheres assembleianas só têm melhores oportunidades de participação – Igreja com pouca burocratização e racionalização – nas primeiras décadas da igreja. Essas oportunidades traduzem-se na grande participação que Frida Vingren teve nos anos iniciais na Assembleia de Deus.

Assinadas na maior parte das vezes por homens – nos periódicos analisados para o desenvolvimento do presente trabalho – em 83 anos de história são inúmeras as obras publicadas pela CPAD, as quais boa parte encontra-se no CEMP, arquivo da publicadora, e na Biblioteca da mesma. Na atualidade, vê-se a participação da mulher nas publicações da CPAD, porém, até o presente momento, verifica-se nas obras escritas por mulheres o direcionamento para mulheres, ou seja, de mulher para mulher.

Inicialmente com a publicação do jornal *Mensageiro da Paz*, atualmente o mercado abarcado pelas publicações da CPAD é extenso. A publicadora abarca desde livros, Bíblias e hinários até revistas de Escola Dominical, CDs, DVDs e revistas. Em 1997, foi fundada a Editora Patmos, braço internacional da CPAD. Atualmente, figura como maior editora evangélica no Brasil e na América Latina.

Além de contar com distribuidoras de seus produtos em várias capitais e cidades do país (Manaus, Fortaleza, São Paulo, Florianópolis, Rio de Janeiro, Salvador, Brasília, Vila Velha, São Luís, Belo Horizonte, Juiz de Fora, Belém, Cuiabá, Curitiba e Recife), conta também com distribuidoras no exterior, por exemplo, no Japão, nos Estados Unidos e em Portugal. Realiza vendas através da internet, do telefone, por meio do televentas, e nas lojas físicas. Possui SAC e um cadastro de clientes que desejem receber ofertas em seu e-mail. Para além, possui Facebook, Instagram, Twitter, Flickr, Google + e página no Youtube a fim de atualizar fiéis e não fiéis sobre as novidades da editora.

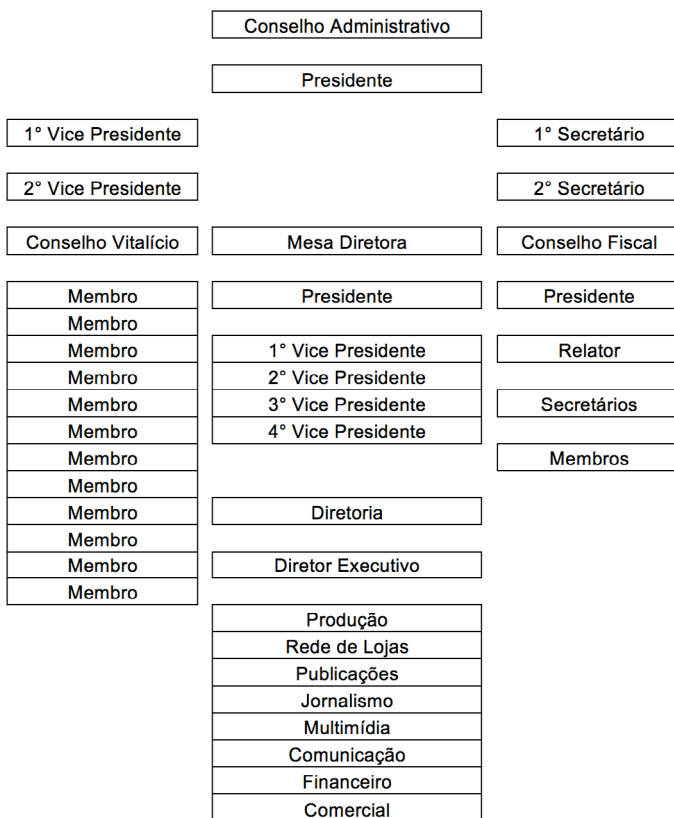
A Igreja apoia a FAECAD (Faculdade Evangélica das Assembleias de Deus) e possui o portal CPAD News e CPAD Music, nos quais coloca a rádio no ar. Tanto sucesso só pode ser garantido pela administração política e econômica ligada à CGADB através de um ideal racional burocrático econômico verificado no terceiro período da Assembleia de Deus.

José Wellington Costa Júnior é o grande nome que figura nesse momento, assumindo os cargos de presidente da CGADB em 1995 e do Conselho Administrativo da CPAD em 2003. No entanto, a administração da CPAD não se faz apenas pelo presidente.

O sucesso, administração e expansão da CPAD devem-se à burocratização e racionalização da editora em forma de empresa. A estrutura administrativa da CPAD baseia-se no Organograma exposto na página seguinte, que apresenta um Conselho Administrativo reeleito a cada quatro anos, mudando ou não a sua composição.

Nota-se, ao analisar a estrutura do organograma, que as publicações da CPAD passam por inúmeras áreas até que saiam do papel. A estrutura em nada se diferencia da de uma grande corporação capitalista, na qual a hierarquia burocratizada existe com a finalidade de gerar lucros.

IMAGEM 1 – ORGANOGRAMA CPAD (ARAUJO, 2010)



Apesar de ser ligada à Assembleia de Deus, a editora assume características de empresa capitalista em um mercado cada dia mais competitivo, no qual marketing, publicidade, propaganda, administração, racionalidade são características que garantem o lucro e a expansão da marca. Com o objetivo de transmitir a mensagem pentecostal, a CPAD produz e reproduz elementos que ditam as relações políticas, econômicas e sociais no interior da Assembleia de Deus.

3.5. CEMP: memória e identidade

A memória e a identidade da Igreja Assembleia de Deus são mantidas e podem ser transmitidas através do CEMP (Centro de Estudos do Movimento Pentecostal). O CEMP pode ser definido como um acervo histórico, criado em 2009, pela CPAD, e que tem por finalidade reunir, guardar, organizar e publicar os documentos e produções literárias pertencentes à Assembleia de Deus desde sua fundação. O acervo é aberto a pesquisadores, membros da igreja ou até mesmo “curiosos” a fim de pesquisar a história da Igreja a partir das inúmeras fontes encontradas em seu interior.

O centro é composto de duas partes, o acervo histórico e a biblioteca – parte do Memorial Gunnar Vingren – localizados na própria sede da CPAD, em Bangu. As fontes históricas produzidas ou mesmo ligadas à Assembleia de Deus encontram-se atualmente no acervo histórico do CEMP.

A equipe do acervo histórico, no presente momento, é composta por três funcionários: o pesquisador Pastor Isael de Araujo, a bibliotecária Vera Garcez e a historiadora Flavianne Vaz. O acervo encontra-se em processo de construção desde o ano de 2009 e conta atualmente com 1.991 volumes em seus arquivos, que estão em processo de digitalização.

De acordo com a historiadora Flavianne Vaz, responsável pelo CEMP, estes arquivos são divididos em dois tipos: digital, compostos por fotos; físico, composto por jornais, revistas, hinários e carteiras de membros. A composição de todo o arquivo físico, até o atual momento, divide-se em:

TABELA 11 – PUBLICAÇÕES ARQUIVADOS NO CEMP

<i>Publicação</i>	<i>Nº exemplares</i>
<i>Jornal Mensageiro da Paz</i>	1506
<i>Revista Obreiro</i>	139

<i>Revista Geração Cristã</i>	133
<i>Jornal Boa Semente</i>	67
<i>Revista Ensinador Cristão</i>	56
<i>Revista Círculo de Oração</i>	39
<i>Revista Nosso Lar e Mulher, Lar & Família Cristã</i>	40
<i>Jornal Som Alegre</i>	11
Total de Publicações	1991

Uma vez que o Conselho Administrativo é reeleito a cada quatro anos, algumas publicações, apesar de enfocarem os mesmos conteúdos, acabam por sofrer transformações em seus nomes e algumas interrupções ao longo dos anos.* Este é o caso da revista *Jovem Cristão*, publicada entre 1978 e 1996, substituída pela revista *Geração JC*, a partir do ano 2000; também da revista *Manual do Obreiro*, transformada em *O Obreiro*, editada entre 1977 e 2004, que, em 2012, passa a se chamar *Obreiro Aprovado*. Cita-se, da mesma forma, a revista *Nosso Lar*, editada entre 1993 e 1996, transformada em *Mulher, Lar & Família Cristã* entre os anos de 2000 e 2006. Cabe ressaltar a revista *Seara*, direcionada aos jovens e publicada pela CPAD, entre os anos de 1956 e 1999, que sofre grande crítica por parte da igreja, uma vez que abre espaço para uma modernidade ainda não vivenciada pelos membros da própria igreja**.

Já na biblioteca, também administrada pelo CEMP, são encontrados os livros de publicação da casa, bem como as Revistas de Escola Dominical. O acervo da biblioteca conta, atualmente, com aproximadamente 7.000 itens. Segundo a historiadora do CEMP, o carro chefe da instituição são as Revistas de Escola Dominical, para jovens e adultos, divididas em dois

* Entrevista com Flavianne Vaz, 16/nov./2013.

** Entrevista com Isael de Araujo, 16/nov./2013.

exemplares, para Mestres e para Alunos. Estas são publicadas semestral ou trimestralmente

O CEMP aceita doações de membros/ou não de materiais que dizem respeito ao movimento pentecostal de forma geral, como também à história da Assembleia de Deus. A intenção é, a partir da conservação de documentos históricos, possibilitar o resgate da história do pentecostalismo e da Assembleia de Deus, criando meios pelos quais pesquisadores, fiéis, pastores possam compreender a formação da identidade assembleiana.

Considerações

Na presente parte propôs-se um levantamento histórico sobre o movimento pentecostal, sobre a implantação e consolidação do pentecostalismo no Brasil e, sobre a implantação, consolidação e expansão da Igreja Assembleia de Deus no Brasil.

Analisar a Assembleia de Deus, bem como o pentecostalismo a partir de um lastro histórico de longa duração, permite identificar as transformações identitárias ocorridas no seio da Igreja em seus 103 anos de história. Além disso, permite relacionar as mudanças de comportamento e mentalidade às transformações sociais, econômicas e culturais ocorridas no Brasil.

Tendo em vista a análise da imagem feminina assembleiana através de duas publicações da CPAD arquivadas no CEMP, o levantamento histórico feito nessa primeira parte contribui para essa empreitada. É com base na primeira parte da dissertação, que a análise da representação de mulher poderá ser realizada. A isenção de julgamentos prévios será possibilitada a partir do conhecimento da Assembleia de Deus, da mentalidade de seus adeptos e da identidade e postura que esses assumem perante o mundo.

Parte II

Introdução

Inicialmente a pretensão era identificar o tipo de imagem feminina nas publicações assembleianas, a partir da análise do jornal *Mensageiro da Paz* e outros periódicos. A ideia era perceber a participação da mulher na construção dos periódicos e também como essas eram retratadas em suas páginas. A intenção era analisar edições do jornal, desde 1930 até 2013, aproveitando a participação feminina nos anos iniciais de publicação do periódico. Frida Vingren, ao ocupar o cargo de redatora do jornal, ajudaria a compreender a relação estabelecida entre gênero e religião, no interior da Assembleia de Deus, em seus anos iniciais. Também ajudaria a identificar as transformações ocorridas no que diz respeito à mulher através de um lastro histórico de longa duração.

A pesquisa, nesse recorte histórico, tornou-se inviável. Seria um trabalho de grande proporção para um curto período de tempo. Desde a primeira publicação em 1930 até a publicação de dezembro de 2013, foram feitas 1543 edições. Optou-se por delimitar de forma diferente o recorte histórico a ser trabalhado, porém, com o mesmo objetivo.

A primeira visita realizada ao CEMP, em 2013, tinha por objetivo identificar os materiais armazenados no arquivo e garimpá-los atrás de periódicos e documentos que expressassem a participação da mulher na mídia impressa da Igreja. Foram muitos os materiais que despertaram interesse e que possibilitariam o propósito da pesquisa, entre eles as revistas de *Escola Dominical*. Naquelas páginas estavam contidas várias lições de como as mulheres deveriam se comportar na sociedade, como elas deveriam viver o casamento, a família,

etc. O problema era que, assim como o *Mensageiro da Paz*, as revistas também são publicadas desde 1930. Analisar todo o material seria tarefa árdua e, provavelmente, impossível, no prazo de dois anos. A visita foi extremamente válida, pois criou a possibilidade de conhecer os materiais armazenados no arquivo, conhecer os funcionários e saber um pouco mais da história da CPAD e do CEMP. Não somente a partir de informações internas, teve-se o conhecimento de que no arquivo estavam guardadas edições de dois periódicos publicados pela CPAD direcionados à família e à mulher. Esses periódicos são as revistas *Nosso Lar* e *Mulher, Lar & Família Cristã*.

A princípio as revistas foram consideradas, porém a opção pela utilização das mesmas só ocorreu após a qualificação, em dezembro de 2013. A qualificação serviu para delimitar as fontes primárias que seriam analisadas, como também para decidir os referenciais teóricos para pesquisa. Dessa maneira, decidiu-se por analisar de dois a três volumes dos dois periódicos, e o recorte temporal ficou estabelecido de acordo com o período de publicação das revistas.

As edições dos dois periódicos somam 40 volumes, sendo 13 revistas *Nosso Lar* e 27 revistas *Mulher, Lar & Família Cristã*. Tendo em vista o número de publicações, julgou-se a análise de seis volumes, no total, insuficiente para entender a imagem feminina projetada e a participação das mulheres na confecção de tais periódicos. As páginas que se seguem procuram analisar as revistas de maneira mais geral, não se concentrando em determinadas edições. Foram selecionadas situações, capas, assuntos e matérias que possibilitaram atingir o objetivo da pesquisa, dentro de várias edições.

Tendo como objetivo revelar a imagem feminina assembleiana a partir das revistas *Nosso Lar* e *Mulher, Lar & Família Cristã*, faz-se necessário um embasamento teórico acerca da teoria de gênero. A segunda parte do trabalho tratará das revistas em si e dos autores utilizados como marcos teóricos.

No item denominado *Marcos Teóricos*, serão discutidas as ideias acerca da teoria de gênero, presentes nos autores utilizados como base bibliográfica. A discussão inicia-se em Pierre Bourdieu, a partir do livro *A Dominação Masculina*. Nesse item, encontrar-se-ão os elementos que balizam a tese do autor sobre a dominação masculina. Serão questionados os fatores pelos quais há rupturas e permanências na ordem sexual, perpassando o papel das instituições e dos agentes detentores de capital simbólico. A discussão sobre gênero continua em Judith Butler, a partir de sua obra *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Noções de androcentrismo e heterossexualidade compulsória aparecerão como formas explicativas da hierarquia encontrada entre os gênero/sexos. As principais ideias que compõem a obra analisada serão trazidas na busca de estabelecer conexões com os demais autores.

A última discussão a tratar da teoria de gênero terá por base Marilyn Strathern, a partir de sua obra intitulada *O gênero da dádiva: problemas com as mulheres e problemas com a sociedade na Melanésia*. O marcante dessa obra é a possibilidade de relativizar o estudo sobre gênero. A visão universal ocidental sobre gênero é colocada à prova, abrindo caminho para novas reflexões, as quais não, necessariamente, baseiam-se no binarismo sexual.

Posteriormente, serão apresentadas as revistas *Nosso Lar e Mulher*, *Lar & Família Cristã*, com abordagem de suas estruturas, organizações e conteúdos. Os conteúdos e temáticas serão apresentados inicialmente e em seguida tratar-se-á da análise do material à luz da teoria de gênero. A relação entre as duas partes do trabalho é estabelecida no ponto em que o conhecimento da história da Assembleia de Deus permite revelar as formas pelas quais as identidades são formadas no interior da igreja. E associar tais identidades, contidas em um determinado contexto histórico, torna-se preponderante para revelar a imagem feminina contida nos materiais analisados.

1. Marcos teóricos

Para compreender a representação de imagem feminina projetada a partir das revistas assembleianas que se propõe, torna-se de grande relevância a utilização de marcos teóricos que auxiliam a compreensão da teoria de gênero. É necessária a compreensão de como se constroem e fundamentam-se os conceitos de categorias de gênero na sociedade e, consequentemente, no sagrado. Para o presente trabalho, os autores utilizados são Pierre Bourdieu (2011), Judith Butler (2012) e Marilyn Strathern (2012). A escolha de tais autores justifica-se, na medida em que os mesmos podem ser utilizados de forma a se complementarem.

Compreendendo a grande extensão da obra dos autores escolhidos para fundamentar a teoria da dissertação, foram escolhidas três obras, uma de cada autor, que pudessem criar uma base de argumentação teórica para a análise do material. Mais do que prender-se a conceitos, as linhas que se seguem buscam identificar as ideias centrais dos autores nas obras analisadas. Acredita-se que o conteúdo contido nesse item seja de grande relevância para identificar e compreender a imagem feminina projetada pelas revistas *Nosso Lar* e *Mulher, Lar & Família Cristã*.

No trabalho a categoria de sexo é derivada do fator biológico, enquanto a categoria de gênero é construída socialmente. Importa salientar que quando o trabalho aborda diferenciações hierárquicas entre homens e mulheres, considera-se tanto sexo, quanto gênero. Dessa maneira, encontrar-se-á sexo/gênero na análise da revista. O que importa não é a diferenciação das categorias, mas as hierarquias identificadas dentro delas.

1.1. A dominação masculina a partir de Pierre Bourdieu

O elemento central de Bourdieu em *A dominação masculina* (2011) é trazer a reflexão sobre a questão que envolve a permanência ou mudança da ordem sexual. A ideia propõe pensar os processos históricos que são responsáveis por perpetuar ou não as estruturas da divisão sexual e suas consequências na sociedade. Para o autor, é necessária a compreensão de que elementos que parecem eternos, historicamente, são meros produtos de construções feitas por instituições sociais, tais como igreja, família, escola, esporte e jornalismo. Chamar a atenção para o elemento histórico da ordem sexual cria a possibilidade de romper com as visões essencialistas biológicas da diferença entre os sexos. Ao mesmo tempo, abre espaço para a ação coletiva – política – às mulheres de resistência.

A construção da análise de gênero em Bourdieu parte da premissa de que toda ordem estabelecida, com suas relações de dominação e de poder, é construída e mantida através de símbolos. Com poucos números de subversões, consideradas como acidentes históricos pelo autor, a dominação masculina não foge à regra. Tem-se a dominação masculina classificada como violência simbólica, introjetada na sociedade de forma invisível e natural. A partir de vias simbólicas de conhecimento e comunicação, elementos culturais são transformados em naturais. As relações sociais são forçadas e vivenciadas em meio à violência simbólica, conhecida e naturalizada tanto por dominantes quanto por dominados.

O autor busca compreender a dominação masculina a partir de uma visão androcêntrica, na qual a sociedade é produzida e organizada de cima para baixo. Sua metodologia de pesquisa baseia-se na análise etnográfica de uma sociedade histórica específica, a dos berberes da Cabília.

A divisão sexual das coisas e das atividades assume uma postura binária, na qual sempre há oposição entre masculino e feminino, perpetuada de forma objetiva e subjetiva. Cima/embaixo, frente/atrás, duro/mole, seco/molhado são exemplos da postura binária que confere conotações e correspondências aos gêneros. Tais esquemas de pensamentos, supracitados, têm aplicações universais e naturalizam situações construídas e perpetuadas pelas instituições. “A divisão entre os sexos parece estar na ordem das coisas” (*Ibid.*, p. 17), na casa, no trabalho. A tabela abaixo demonstra o esquema de algumas oposições construídas entre os sexos/gêneros.

TABELA 12 – OPOSIÇÕES ENTRE OS SEXOS/GÊNEROS (*IBID.*, p. 19)

Masculino (Dominante, Sagrado, Direito)	Feminino (Dominado, Natureza, Esquerda)
Seco	Úmido
Sobre (Em cima) (Viga Mestra)	Sob (Embaixo) (Deitado, Pilastra Central)
Fora (Campos, Assembleia, Mercado)	Dentro (Casa, Jardim, Fonte, Bosque)
Aberto	Fechado (Difícil, Clausura)
Vazio	Cheio (Encher)

A divisão social com base nos sexos é construída pelas instituições. Porém ganha característica de natural e eterna. E, por ser natural, ganha autoridade para legitimar a própria ordem que constrói. Há uma reprodução dessa ordem que evidencia a força da ordem masculina, a qual dispensa justificção. A sociedade construída a partir da base androcêntrica ratifica de forma simbólica a dominação masculina e a partir dela constrói toda uma divisão social entre os sexos. Não obstante, a sociedade constrói o corpo como dotado de uma

realidade sexuada responsável pela divisão sexual. Conclui-se que a diferença biológica entre os sexos baseia-se na diferença anatômica entre os órgãos sexuais, garantindo a legitimação da diferença natural entre os gêneros e da divisão do trabalho. Tem-se, portanto, um círculo vicioso, no qual a visão social é responsável pela construção de diferenças anatômicas, enquanto esta diferença socialmente construída torna-se a base para a naturalização da visão social sobre a qual se alicerça.

O verdadeiro objeto das relações entre os sexos é a história de combinações sucessivas, de mecanismos estruturais (como os que asseguram a reprodução e divisão sexual do trabalho) e de estratégias que, por meio das instituições e dos agentes singulares, perpetuam no curso de uma história bastante longa, a estrutura das relações de dominação entre os sexos (*Ibid.*, p. 101).

A ordem social simbólica ratifica a dominação masculina sobre a qual é alicerçada em vários sentidos, da divisão social do trabalho à divisão dos espaços ocupados entre homens e mulheres, passando por características simbólicas, marcadas sempre por antagonismos, tais como: público x privado; seco x úmido; dentro x fora; aberto x fechado.

Verifica-se, portanto, uma hierarquia, muitas vezes nem percebida pelas próprias mulheres, na qual o homem, como *dominante*, é responsável pelo provento do material e do financeiro, enquanto a mulher, *submissa*, incumbe-se das responsabilidades do lar, como arrumar a casa, cuidar das crianças, ou seja, do trabalho doméstico de forma geral.

Resta ainda salientar que a visão androcêntrica de mundo faz-se presente em todas as instâncias da sociedade, inclusive no ato sexual. Até mesmo na relação sexual a dominação está embutida, sustentada pela diferenciação entre os órgãos genitais, naturalizando a hierarquia masculina dominante. As vítimas da dominação simbólica, tidas como passivas,

dóceis, devotas, tornam-se objetos simbólicos em um mercado de troca de bens simbólicos. Ao se tornarem objetos de troca, as mulheres, das quais se espera que sejam a todo o momento femininas, sorridentes, simpáticas, tornam-se femininas, sorridentes, simpáticas.

Essa construção de características da identidade “mulher” ganha contornos por estas existirem primeiro para o outro, e pelo outro, neste caso, o homem. Relatos demonstram que, na burguesia média americana, estas mulheres chegam ao maior nível de alienação simbólica, reproduzindo-se como um bem de troca simbólica e reproduzindo de forma magnífica os bens simbólicos de sua família. Neste ponto, a mulher torna-se reprodutora de um bem simbólico, produzido pelo marido, e construído e sustentado por agentes e instituições da sociedade.

A dominação masculina é construída a partir de um trabalho de socialização, de diferenciação em relação ao Outro. Contudo, assim como as mulheres, os homens também fazem parte desse esquema de aprisionamento das representações dominantes. Por ser uma construção histórica, a hierarquização sexual da sociedade, construída e perpetuada a partir das instituições e dos agentes detentores de poder, é suscetível de ser transformada de acordo com as produções culturais.

A ordem dominante masculina produzida e reproduzida continuamente ao longo dos períodos históricos é base para a perpetuação da ordem dos gêneros. Ela é reproduzida e garantida por instituições detentoras de capital simbólico. Há, portanto, a naturalização de uma hierarquia dos gêneros construída socialmente e considerada como universal. Contudo, Bourdieu alerta para a noção de historicidade das disposições, chamando a atenção para a possibilidade de ruptura com esse sistema de dominação masculina.

Notam-se a transformação das estruturas familiares, uma maior independência financeira das mulheres e um aumento do acesso destas à instrução formal. Revela-se

importante para a pesquisa o ponto no qual Bourdieu salienta a participação das mulheres no mercado de trabalho, porém sem assumir cargos de grande autoridade e responsabilidade. Apesar de ser possível enxergar e reconhecer certas mudanças em relação à subordinação da mulher para com os homens, a desigualdade entre os sexos persiste.

1.2. A categoria de gênero à luz de Judith Butler

Ao tratar a categoria de gênero à luz de Butler (2012), há que se começar a partir da demonstração que a autora faz em relação à necessidade de problematizar as categorias de gêneros. As hierarquias dos gêneros produtoras de uma estrutura binária, na qual há embutida uma hierarquia do poder, sustentam também a heterossexualidade compulsória. Juntas, essas categorias promovem o entendimento da ordem social estabelecida e perpetuada através dos tempos.

A discussão inicia-se no poder, o qual atua tanto na esfera da legitimação política, regulamentando, criando e perpetuando identidades, quanto na esfera de produção de identidades. Em um movimento de retroalimentação, o próprio poder cria a identidade a qual representa, por forma de exclusão. Na teoria feminista, a definição da identidade como constituição do sujeito faz-se necessária por garantir a representação em forma de visibilidade e legitimidade dos sujeitos à luz de um viés político. Contudo, o poder exerce uma função dual: produz a categoria mulher e também, as formas a que o movimento feminista recorre para a emancipação da categoria mulher.

A noção de gênero é inserida nesse contexto, não podendo ser separada das relações políticas e culturais na qual é construída e mantida, representando conseqüentemente uma identidade. Salvo problematizações e especulações, a noção de gênero vem embutida em algo culturalmente construído. Nesse ponto,

Butler aproxima-se de Bourdieu ao propor a noção do corpo como sexuado, ganhando signos e símbolos culturais.

Por conseguinte, notam-se as categorias de gênero sustentando a própria hierarquia de gênero e a heterossexualidade compulsória – processo de socialização que garante que os opostos se atraiam – logo, perpetuando a dominação masculina. No entanto, há que se perguntar, no tocante ao presente trabalho, se esta realmente é naturalizada no seio da Igreja, bem como se esta dominação é transportada para o grupo social através das produções escritas produzidas pela Igreja.

As publicações analisadas servirão para articular essa discussão de gêneros à literatura escrita, bem como a representação de mulher que se pretende criar. A manutenção da ordem social naturalizada em gêneros como *habitus* sexuais deve-se a uma visão falocêntrica e uma cosmologia androcêntrica. É graças a este esquema de representação, de cunho universal, que os princípios desiguais e hierárquicos entre os gêneros naturalizam-se.

A estrutura binária de gêneros, construída, portanto, de uma forma hierarquizada através de uma visão androcêntrica de mundo, naturaliza a divisão social do trabalho, os comportamentos e a dominação masculina.

A autora lança crítica a uma antropologia estruturalista que polariza natureza/cultura e que serve como base para a visão universal de distinção entre sexo/gênero, com a suposição de existência de um feminino natural, transformado socialmente na mulher submissa. Nesse esquema estruturalista, o sexo está para a natureza (biológica, matéria prima) como o gênero está para a cultura (construído). E o feminino está em oposição ao masculino e à espera deste para ganhar significação, tendo por base a premissa de que cultura dá significação à natureza. Em contrapartida, a ordem social dominante masculina não deve ser considerada como a-histórica, pelo contrário, é produto de um trabalho de reprodução de um

sentido simbólico por agentes específicos, tais como Família, Igreja, Estado e Escola. Assim, a perpetuação deste sistema de visão dominante deve-se a estruturas que vão sendo incorporadas nas coisas e corpos ao longo dos tempos.

Tanto Butler (2012, p. 206) quanto Bourdieu (2001, p. 112) concordam que pode haver uma ruptura nesse sistema através do ato, uma vez que este é um produto histórico, cabendo aos dominados assumirem posturas de fora da visão dominante, uma vez que estando inseridos neste sistema. Assim, tanto dominantes quanto dominados estão à mercê desta visão dominadora, segundo Marx. No entanto, a ordem masculina vê-se reproduzida constantemente ao longo dos tempos, com agentes e instituições concorrendo para garantir essa permanência.

Nesse ponto, vale trazer ao debate Rocha (2008), que de certa forma também trata desta visão dominante, na qual há uma hierarquia binária entre os sexos. Ao falar que o papel desempenhado pelos gêneros dentro do sagrado dá-se de forma desigual, conclui-se que o sagrado é experimentado de formas diferentes por homens e mulheres. Salientando a divisão social sexual, a mulher encaixa-se na esfera do privado, como dona de casa, mãe de família, reprodutora; já o homem encaixa-se na esfera do público, da rua, do trabalho, da política.

Importa salientar que, ao trazer autores tais como Foucault, Irigaray, Beauvoir, Freud, Geertz, Lévi-Strauss, entre outros, Butler consegue fazer uma reflexão acerca das categorias de gêneros e de como estas são produzidas e reproduzidas nas sociedades. Percebe-se que os dois marcos teóricos tratados até o presente momento discutem um ponto fundamental acerca da construção das categorias de gênero: a questão da universalização na subordinação do feminino. Com base nos exemplos presentes em suas obras, percebe-se que a dominação masculina é dotada de um caráter universal e a-histórico. Contudo, uma vez que as naturalizações e reificações de

gênero que dão suporte à hegemonia masculina são produtos culturais, há a possibilidade de ruptura da ordem dominante. Butler expressa a historicidade do poder na seguinte frase: “o sujeito é culturalmente construído, mesmo assim ele é dotado de ação” (BUTLER, 2012, p. 206).

1.3. A possibilidade de relativizar a partir de Marilyn Strathern

A proposta desse item é trazer um pouco do que foi dito anteriormente sobre a teoria de gênero em consonância com a possibilidade de relativizar o pensamento acerca da teoria em Strathern (2006). Ao analisar as sociedades das ilhas da Melanésia, a autora traz à tona diferentes formas de organizações sociais pautadas na sexualidade. Demonstra que a perspectiva de visão hierárquica sexual/gênero ocidental pode e deve ser problematizada. A autora demonstra, em seu livro *O gênero da Dádiva: problemas com as mulheres e problemas com a sociedade na Melanésia*, a real possibilidade da inserção da mulher no espaço público a partir de várias formas, entre as quais destaca-se o *wok meri**.

* Em parte como resposta ao controle dos homens sobre o dinheiro no nível familiar, as mulheres dessa região desenvolveram suas próprias poupanças e um sistema de crédito, com características adotadas deliberadamente de acordo com o que conhecem sobre procedimentos bancários (...). Grupos construídos por esposas de linhagens co-residentes de uma aldeia protegem suas economias de pilhagem de seus maridos organizando coletivamente uma atividade bancária e usando o capital para empreendimentos de risco e para empréstimos a grupos similares de mulheres (...). Um homem pode atuar também como porta-voz do grupo nas ocasiões públicas. O foco de tais ocasiões, contudo, são as transações das mulheres, e o dinheiro é dado e recebido em nome delas (STRATHERN, 2006).

Este sistema torna possível perceber a necessidade de se relativizar a constante dicotomia entre público/privado, masculino/feminino. Percebe-se a necessidade de interpretar de forma distinta culturas e sociedades distintas. A universalização da dominação masculina não pode ser empregada em todas as culturas e sociedades.

Nessa perspectiva universal ocidental, a categoria de gênero utilizada é resultado da diferenciação biológica. O gênero deriva da diferenciação sexual e possibilita a construção de uma identidade centrada no sexo. Trata-se de uma construção cultural/social que implica nas formas de ação do indivíduo balizadas sexualmente. Nota-se que a diferenciação biológica é um fato, contudo a decisão de interpretar tais sexos de maneiras desiguais parte da sociedade. A desigualdade entre os sexos/gêneros resulta em uma constatare dicotomia, considerada como universal, e daí decorrem exemplos como a divisão do trabalho e as características ligadas aos homens e as mulheres.

A partir da análise de Bourdieu (2011, p. 9), que tem por base a perspectiva metodológica androcêntrica, homens e mulheres são vistos como variantes distintas: a primeira é considerada como superior, enquanto a segunda é inferior. A distinção da relação entre os sexos constrói-se como relação social de dominação, uma vez que o masculino é entendido como ativo, e o feminino, como passivo. Neste sentido, verifica-se uma lógica social de vocação, a qual tenta criar encontros pacíficos entre disposições e posições.

Na teoria feminista problematizada tanto por Butler quanto por Strathern, nota-se uma constante polarização, de viés estruturalista, entre os domínios público e privado, político e doméstico. Com base na aproximação entre disposições e posições, à mulher cabe o espaço do doméstico, da natureza; já ao homem cabe o espaço do público, do político. Características simbólicas como úmido, seco, dentro, fora,

aberto, fechado também se relacionam com a construção cultural/social dos gêneros.

As constantes dicotomias entre público X privado, natureza X cultura e político-jurídico X doméstico, muito utilizadas na teoria feminista, perpassaram todos os campos dos marcos teóricos do presente trabalho. A caracterização do gênero como construto social e/ou cultural, bem como a categorização de sexo a partir da biologia, são temas recorrentes. Acredita-se que as polarizações citadas acima reduzem o objeto a uma única possibilidade: de uma sociedade construída pela e para a dominação masculina, na qual há constantemente a hierarquização dos gêneros.

Strathern discorre acerca de um debate feminista radical que visa a promoção dos interesses das mulheres. Nessa visão, os *interesses femininos* são vistos como conflito ou resistência aos dos homens. Strathern e Butler concordam ao problematizar o feminismo como um fenômeno unitário e homogêneo. O que se deve perceber é que existem diferenças teóricas e diferentes contextos nos quais as mulheres estão inseridas.

A partir da universalização da teoria de gênero, percebe-se que as estruturas simbólicas são responsáveis pela perpetuação das vantagens masculinas. O sistema é o responsável por colocar as mulheres em posição dependente. A universalização nas questões de subordinação feminina não leva em conta os diversos tipos de organização de sociedade que existem. Tratam todas as sociedades como comparáveis entre si. Acredita-se que universalizar questões ligadas à subordinação feminina seja um problema na medida em que tais teorias não dão conta de explicar o todo.

Ao relacionar o feminino ao espaço doméstico e privado, e masculino ao espaço público e político, as desigualdades entre homens e mulheres são consideradas universais. O domínio público/político, considerado como espaço de poder e de *status social*, é sempre relacionado ao masculino. Vistas por

este ângulo, as conclusões de que a representação de imagem feminina assembleiana é de submissão ao marido parecem bastante coerentes.

Portanto, é preciso lançar mão de novas perspectivas que relativizem a dicotomia constantemente encontrada em torno da teoria de gênero. Utilizar classificações como enquadramentos teóricos em certos casos não é suficiente. A pesquisa empírica certas vezes testa os referenciais teóricos provando que os mesmos não dão conta de explicar o todo. Os autores e suas teorias devem ser utilizados como instrumentos para pesquisa e não como categorias fechadas, estanques e imutáveis.

A partir da exploração dos três referenciais teóricos propostos, somado ao quadro histórico trazido na primeira parte desta dissertação, torna-se possível identificar e analisar a imagem feminina propagada pela Igreja Assembleia de Deus a partir da análise das revistas *Nosso Lar* e *Mulher, Lar & Família Cristã*.

2. Revista *Nosso Lar*

Ao propor um estudo sobre gênero nas publicações impressas da Igreja Assembleia de Deus, analisar um periódico dirigido ao público feminino pode gerar grande possibilidade de compreender a imagem feminina e o espaço ocupado pelas mulheres, tanto no interior quanto para além da Igreja.

O primeiro periódico a ser analisado é a revista *Nosso Lar*. A revista, não mais publicada em dias atuais, conta com treze edições entre os anos de 1992 e 1996. Justifica-se a análise da revista por essa ser direcionada ao público feminino e trazer várias situações interessantes em suas páginas.

As páginas de *Nosso Lar* dão pistas de como as mulheres eram vistas na década de 1990, na Assembleia de Deus. Importante salientar a diversidade interna encontrada no interior da Assembleia de Deus e ressaltar que a imagem feminina projetada pela revista relaciona-se a um tipo de Assembleia de Deus, ligada à CGADB. A CPAD, editora responsável pela publicação da revista *Nosso Lar*, por relacionar-se com a CGADB, expressa costumes, posturas e ideais ligados a tal Convenção. De maneira alguma o trabalho pretende afirmar que exista só uma imagem feminina e que essa seja compartilhada por todas as Assembleias de Deus.

É possível que nem todas as Assembleias de Deus ligadas à CGADB compartilhem as mesmas ideias no que diz respeito à mulher. A participação na igreja, seus costumes, vestuários, maneiras de viver em sociedade podem ser as mesmas, no âmbito institucional, porém podem ser ressignificadas para além das igrejas e das páginas das revistas. Dessa maneira, nas páginas que se seguem serão apresentados os conteúdos,

organização, estruturação e temáticas de *Nosso Lar*. Serão mostradas as formas com as quais a imagem feminina é construída no interior do periódico e de que maneira essa imagem relaciona-se com a identidade da Assembleia de Deus e com as teorias de gênero.

A relação das leitoras com a imagem projetada pelo periódico, infelizmente, não pode ser comprovada, apesar da participação em algumas pesquisas e matérias. Seria interessante uma pesquisa de campo que possibilitasse a compreensão de como essas mulheres percebem a si mesmas e a imagem projetada pela revista. A partir de então, poder-se-ia compreender de que maneira as leitoras formam sua identidade através da instituição religiosa – papel fundamental da mídia, nesse caso impressa – ou resignificam essa identidade.

Na apresentação e análise da revista, serão apresentadas oito tabelas relacionadas à revista *Nosso Lar*: 1. *Nosso Lar*: periodização; 2. Seções fixas direcionadas às mulheres; 3. Percentual de imagens retratadas nas capas; 4. Relação de cargos no total de publicações; 5. Relação de ocupações no total de publicações; 6. Núcleo de profissionais; 7. Núcleo de funções; 8. Seções Fixas. Julgou-se necessária a utilização dessas pois auxiliam a sintetizar informações, as quais no corpo do texto poderiam parecer extensas e desinteressantes. Todas as tabelas foram criadas a partir do programa Excel, tendo seus cálculos e formatações feitas no interior do mesmo. As informações das tabelas foram tiradas das treze edições escaneadas da revista e organizadas segundo critério escolhido para a análise. Dessa maneira, todas elas são inéditas e feitas, exclusivamente, para a dissertação.

2.1. Estruturação e organização da revista

A revista *Nosso Lar* descreve-se em seu corpo editorial da seguinte maneira: “Nosso Lar: Revista evangélica bimensal, lançada em janeiro de 1993, e destinada à edificação e evangelização da família cristã” (NL, Ano 1, N. 0, p. 2, dez-1992).

De acordo com Araujo*, a revista, apesar de se definir direcionada à família cristã, tem a mulher como seu público alvo.

Nosso Lar, publicada pela editora CPAD, teve seu primeiro volume comercializado em dezembro de 1992 e seu último, em julho de 1996. Ao todo, o período vigente de publicações da revista foi de três anos e sete meses. Apesar de se definir como uma revista bimensal, sua periodicidade foi alterada no decorrer dos anos. O único ano em que a periodicidade bimensal, proposta inicialmente, foi mantida foi 1995. Nas visitas realizadas ao CEMP, os funcionários não souberam explicar o porquê de diferentes intervalos de publicações.

No intervalo compreendido entre 1992 e 1996, são contabilizadas treze revistas, às quais se teve acesso através das visitas realizadas ao CEMP. A tabela a seguir sintetiza as informações referentes às publicações de *Nosso Lar*.

TABELA 13 – *NOSSO LAR*: PERIODIZAÇÃO

Ano	Numero	Mês	Ano
1	0	dez.	1992
1	1	maio/jun.	1993
1	2	ago./set.	1993
3	3	jan./fev.	1995
3	4	mar./abr.	1995
3	5	maio/jun.	1995

* Entrevista com Isael Araujo, 16/nov./2013.

3	6	ago./set.	1995
3	7	set./out.	1995
3	8	nov./dez.	1995
4	9	jan./fev.	1996
4	10	mar./abr.	1996
4	11	maio/jun.	1996
4	12	jul./ago.	1996

Cada volume da revista apresenta entre 50 e 54 páginas. A quantidade de páginas varia de acordo com o tamanho das publicações contidas em cada edição. *Nosso Lar*, em suas edições, apresenta de três a seis artigos de temáticas diversas. Importante salientar que grande parte destes artigos está relacionada à construção e manutenção da família cristã.

Além dos artigos trazidos em cada edição, *Nosso Lar* apresenta uma seção, mais ou menos fixa, em todas as edições. A primeira edição da revista apresenta dez seções fixas. Quatro delas são direcionadas às mulheres, tendo por base uma teoria de gênero universalizante, na qual há uma hierarquia entre os sexos/gêneros, com papéis bem definidos na sociedade para mulheres e homens. As seções estão inseridas na tabela a seguir.

TABELA 14 – SEÇÕES FIXAS DIRECIONADAS ÀS MULHERES
(NL, ANO 1, N. 0, P. 1, DEZ/1992)

<i>Seções fixas</i>	<i>Direcionadas às mulheres</i>
Especial	
Entre Nós	X
Passo a Passo	X
Carta Aberta	
Prosa e Verso	

Entrevista	
Testemunho Especial	
Vida Infantil	
Congelamento	X
Dia a Dia	X

Entre Nós é a primeira seção em todas as edições da revista. A coluna encontra-se em quatro disposições distintas. Na primeira disposição, a seção é escrita com o texto todo em rosa, abrangendo em suas linhas as principais matérias contidas em cada edição. A imagem da seção é uma mesa, sobre a qual há potes e compotas de doces caseiros. Na imagem, ainda há uma cortina de cor salmão, e uma violeta roxa; duas edições trazem essa disposição. Na segunda disposição, a seção não apresenta cores; a imagem é a mesma da descrita acima, porém o texto é escrito em preto em um fundo cinza. A edição de ago./set. de 1993 é a única a apresentar a coluna desta forma. A partir do quarto volume, a seção *Entre nós* tem uma pequena modificação. O texto passa a ser escrito em preto. O título da seção e a primeira letra do texto são escritos em rosa. A imagem varia entre um café da manhã servido na cama, com flores, toalhas e pães – quatro edições apresentam essa disposição – e um café servido em uma mesa, com geleias, croissants e flores – figurando em seis edições.

Relevante observar alguns aspectos relativos às imagens, as quais, por mais diversas que sejam, expressam as mesmas características. Têm seus fundos compostos por cores delicadas, são compostas por elementos ligados ao feminino, tais como flores, toalhas, louças delicadas. As imagens da seção relacionam-se à teoria de gênero em Bourdieu (2011), a qual mostra o feminino ligado à natureza, à casa, ao jardim. Tais características compõem uma visão androcêntrica que relaciona o feminino ao dominado e ao espaço doméstico.

Acredita-se que a coluna seja dirigida às mulheres, por utilizar, em seu design gráfico, elementos ligados à feminilidade e ao binarismo sexual. Encontram-se, a seguir, as quatro disposições da seção *Entre Nós*.

IMAGEM 2 – SEÇÃO *ENTRE NÓS* (NL, ANO 1, N. 0, P. 3, DEZ./1992)



entre nós

NOSSO LAR acaba de nascer e começa a dar os seus primeiros passos editoriais. Ao lado dos demais periódicos da CPAD, todos reformulados, ela surge balefada pelas mãos de SEARA, que foi, durante longo tempo, a revista do lar cristão.

A partir de agora, enquanto SEARA passa a ocupar-se da área de evangelismo e missões, como seu próprio nome sugere, a família cristã encontrará nas páginas de **NOSSO LAR** o espaço adequado para sua edificação.

NOSSO LAR pretende vivenciar o dia-a-dia da família, respondendo às expectativas geradas pela vida moderna, que tanto pesam no comportamento do marido como chefe de família, da esposa como dona-de-casa e dos filhos como prolongamento da vida do casal.

As novas seções e matérias desta revista estarão ancoradas na realidade, sem afastar-se, todavia, dos princípios bíblicos que são o fundamento do elo familiar.

NOSSO LAR abre as portas para você!

A Redação

EXPERIENTE
EDIÇÕES CPAD
Presidente da Convenção Geral
JOSE WELLSBORN DE SA COSTA
LUIZ NEVES DA SILVA
Presidente do Conselho Administrativo
LUIZ BEZERRA DA COSTA
DIRETORA
Daisy Araújo
BONFIM DA SILVA JUNIOR
DIRETOR
JOSE GOMES DE SOUZA
DIRETOR
ANTONIO OLBERTO
NOSSO LAR
Editor: José Antonio Memery da Silva
Editorial: Rosângela Lima da Silva
Diagramação: Cláudia Felício Maciel
Programador Visual: Fernando
Ferreira de Oliveira
Diagramador: Sérgio Ribeiro de Moraes e
Vitor Campos
Número Anual: Cr\$ 36.000,00
Assinatura Anual: Cr\$ 214.000,00
NOSSO LAR - Assinada integralmente, em
conformidade com o documento de 1992 e
lançada com o apoio da CPAD - CASH
PUBL. CASH/DA ASSOC. DEZ. 92
DLE. Registro nº 07.816.755.068
CNPJ nº 07.816.755.068
A correspondência para publicação deve
ser enviada à Direção da administração e
de retorno ao nome completo e
endereços, publicações, etc.) enviada
para a CPAD. A origem e identidade
para a Lei por toda matéria publicada
deverá ser dada, e origem autônoma de
reconhecimento de autoria em
nome de jornalista, jornalista, etc.,
deverá ser dada em publicação
separada, sob o nome de jornalista,
etc.



Entre nós

Presidente da Convenção Geral
WELLSBORN RODRIGUES DE
SOUZA
Presidente do Conselho
Administrativo
LUIZ BEZERRA DA COSTA
Diretor Executivo
RONALDO RODRIGUES DE
SOUZA
Departamento de Publicações
SÉRIAS DO COURO
NossoLar
Redator Responsável:
Ana Daisy Araújo
Redator:
Dalcira de Almeida
José Lira
EDIÇÃO E ARTE:
Editor:
Hudson Silva
Editorial: Rosângela Lima da Silva
Diagramação:
Cláudia Felício Maciel
Fotografia:
Rosângela Lima da Silva
Rosângela Lima da Silva
NOSSO LAR
Assinada integralmente, em
conformidade com o documento de 1992 e
lançada com o apoio da CPAD - CASH
PUBL. CASH/DA ASSOC. DEZ. 92
DLE. Registro nº 07.816.755.068
CNPJ nº 07.816.755.068
A correspondência para publicação deve
ser enviada à Direção da administração e
de retorno ao nome completo e
endereços, publicações, etc.) enviada
para a CPAD. A origem e identidade
para a Lei por toda matéria publicada
deverá ser dada, e origem autônoma de
reconhecimento de autoria em
nome de jornalista, jornalista, etc.,
deverá ser dada em publicação
separada, sob o nome de jornalista,
etc.

A sociedade de nós
tempo vem torn
novos rumos. N
vemos com dest
papel da mulher
Mulher mãe, m
esposa, mulher
trabalhadora. H
em em dia elas
ocupam espaços
que há alguns
jamais poderiam
viu-se a ocupar.
Quem ditou
elas fossem tra
nas fábricas ou
presidência de
E é bom verdade
conceitos mudam
mas a Fal
de Deus, esta
nunca mudará. I
o Velho Testam
desempenham p
dão sua contrib
nome do Senhor
Quem não se le
Raúl, da determi
da corajosa de
femininas, mas
batalha.
Batalha. É isto
nossos dias é
batalha. E muitas
dispostas a en
sem, no entant
da corajosa de
dignidade que
verdadeira cristã.
NOSSO LAR traz neste número
pouco das vantagens e desvan
da mulher-empregada, aquela
viva no mercado de trabalho
maneira de ajudar seu esp
manutenção da casa. Entre
lotados, cartão de ponto e q
mal-humorados, essas "gu
com a graça de Deus, ainda
encontram forças para cuidar
família, não se esquecendo m
seu principal papel: o de mã

IMAGEM 3 – SEÇÃO *ENTRE NÓS* (NL, ANO 1, N. 2, P. 3, AGO.-SET./1993)

CPAD
EDIÇÕES CPAD

Presidente da Congregação Geral
JOSE WELLINGTON BEZERRA DA COSTA

Presidente do Conselho Administrativo
ANTÔNIO DIONÍSIO DA SILVA

Depto. Editorial
RONALDO RODRIGUES DE SOUZA

Departamento de Publicações
GEREMIAS DO COITO

NossoLar

SETOR DE JORNALISMO:
Isael de Araújo

Redator Responsável:
Araújo David

EDITORÇÃO E ARTE:
Editor:
Hudson Silva

Editoração Eletrônica:
Eduardo Souza
Jayme de Paula Prado

NOSSO LAR
Revista evangélica, trimestral, lançada em janeiro de 1992 e destinada à notificação e evangelização da família cristã, editada pela CPAD - CASA PUBLICADORA DAS ASSEMBLEIAS DE DEUS. Registrada sob o nº 816.755-698, conforme Lei de Imprensa.

A correspondência para publicação deve ser encaminhada à Divisão de Jornalismo e as remessas de valor (pagamento de assinaturas, publicações etc.) exclusivamente para a Lar por toda matéria publicada. Preterito a isso, os artigos assinados são de responsabilidade de seus autores, não representando necessariamente a opinião da Revista. Assigura-se a publicação, apenas, das colaborações solicitadas.

Direção, Redação, Administração, Circulação, Correios e Oficinas:
Av. Brasil 34.401, Bangu,
CEP 21562-000 - Caixa Postal 331
Rio de Janeiro, RJ
Exemplar avulso: 3,00
Assinatura anual: 23,40

Tel. (021)332-7973
FAX (021)332-8160

Entre Nós CORTESIA



...se aproximarem o fim do ano, sempre levados por uma onda de euforia natalina: "Paz na terra e boa vontade aos homens". Bom seria que esta mensagem fosse realidade na vida de todos durante o ano inteiro. Intelectualmente, não dá para esquecer a fome, a miséria e todas as turbulências que abatem a humanidade. Não dá para passar por cima dos problemas e fingir que eles não existem. Mas é possível deixar crescer a esperança dentro de nós, fecunda com o nascimento do Menino-Deus, de que somos mais que vencedores" e que, seja qual for a situação, não estamos sozinhos; ele está conosco todos os dias de nossa vida. Portanto, alegria-se Natal! A data não deve, e não pode, ser símbolo de consumo e distribuição de presentes. Porque o presente maior, Jesus Cristo, está acima de qualquer função monetária que lhe queiram imputar.

Celebre conosco o dia de nossa misericórdia, quando o Pai se compadecia de nossas vidas e se fez homem para nos trazer a salvação. Esta é a mensagem que devemos ter dentro de nós, transbordando em nossas orações, para que possamos transmiti-la aos que estão no mundo.

A Redação

IMAGEM 4 – SEÇÃO *ENTRE NÓS* NÓS (NL, ANO 3, N. 8, P. 3, NOV.-DEZ./1995)

CPAD
EDIÇÕES CPAD

Presidente da Congregação Geral
JOSE WELLINGTON BEZERRA DA COSTA

Presidente do Conselho Administrativo
ANTÔNIO DIONÍSIO DA SILVA

Depto. Editorial
RONALDO RODRIGUES DE SOUZA

Departamento de Publicações
GEREMIAS DO COITO

NossoLar

SETOR DE JORNALISMO:
Isael de Araújo

Redator Responsável:
Araújo David

EDITORÇÃO E ARTE:
Editor:
Hudson Silva


Editoração Eletrônica:
Eduardo Souza
Jayme de Paula Prado

NOSSO LAR
Revista evangélica, trimestral, lançada em janeiro de 1992 e destinada à notificação e evangelização da família cristã, editada pela CPAD - CASA PUBLICADORA DAS ASSEMBLEIAS DE DEUS. Registrada sob o nº 816.755-698, conforme Lei de Imprensa.

A correspondência para publicação deve ser encaminhada à Divisão de Jornalismo e as remessas de valor (pagamento de assinaturas, publicações etc.) exclusivamente para a Lar por toda matéria publicada. Preterito a isso, os artigos assinados são de responsabilidade de seus autores, não representando necessariamente a opinião da Revista. Assigura-se a publicação, apenas, das colaborações solicitadas.

Direção, Redação, Administração, Circulação, Correios e Oficinas:
Av. Brasil 34.401, Bangu,
CEP 21562-000 - Caixa Postal 331
Rio de Janeiro, RJ

Entre Nós



m dos as mais polí eu também sendo por questão m do interior, países est vendo seto gos de eti do em di

ilegalidade da prática. H sil, muitos políticos já ram em suas campanhas conseguir adepto aquilo que chamamos de "cédulo assistido". Mas, at mos ou não o direito de ar a vida de algum? situações distintas, cas clais, que permitem t terferência? Qual a pte corrente diante deste ter

tarhos, e quando quant de valor, por isso form rar a opinião de mosos, que resultou num trab tante expressivo, ond vra de todos e respeit nos move a realizar os quistas, com outros fact micos, a fim de que p conhecer a opinião d

Neste ano que se th remos estar de mais q todos aqueles que pro te em nosso sector. Is to. Nosso objetivo é se esclarecimento é ec apenas o princípio de ga reflexo sobre o vinda dos evangelhos certo, terá espaço g nesta revista.

A

IMAGEM 5 – SEÇÃO *ENTRE NÓS* NÓS (NL, ANO 4, N. 9, P. 3, JAN.-FEV./1996)

A seção *Passo a Passo* está presente em dez edições de *Nosso Lar*. O *Passo a Passo* da primeira edição traz em suas páginas moldes e as formas para se confeccionar um *blazer*.

A coluna é marcada pela cor rosa e apresenta a mesma imagem da seção *Entre Nós*. Apresenta, também, a imagem de uma mulher vestida com um *blazer* rosa – cor de carne. A coluna dirige-se exclusivamente às mulheres, e a passagem a seguir corrobora essa afirmação.

É muito gratificante quando fazemos algo, com nossas próprias mãos, que se torna objeto de admiração e elogio. Na seção *Passo a passo*, apresentaremos ideias práticas e fáceis que você mesma poderá desenvolver. Nesta edição, ensinaremos como confeccionar uma peça versátil e que nunca sai de moda: o *blazer*. Pegue agulha, linha, tesoura... e mãos à obra! (NL, ano 1, n. 0, p. 10, dez. 1992)

O trecho acima evidencia o direcionamento da coluna. Ao utilizar o pronome de reforço no feminino – *você mesma* –, a revista explicita quem é seu interlocutor. Verifica-se que há uma construção de gênero relacionada a uma identidade, e, nesse contexto, a estrutura binária de gêneros naturaliza a divisão do trabalho. Assim, quando o texto propõe ao leitor que pegue agulha, linha e tesoura, ainda que o pronome de reforço não estivesse no feminino, a proposta seria feita às mulheres, inseridas em um ambiente doméstico e às voltas com os afazeres diários de dona de casa. Levanta-se uma hipótese, no entanto, de que a coluna também sirva para o mercado de trabalho. Tal leitora poderia confeccionar o *blazer* por exercer o ofício de costureira. Nesse contexto, apesar de a mulher estar inserida no mercado de trabalho, sua função ainda se relaciona com as características ligadas à feminilidade, ou seja, os cuidados, as artes manuais. A coluna reforça a ideia de divisão do trabalho e de hierarquia sexual, ao supor que costura seja trabalho feminino.

A seção *Congelamentos* está presente em onze edições de *Nosso Lar*. Na primeira edição demonstra-se como tornar

o congelamento uma atividade rentável. Novamente, a atividade remunerada aparece ligada ao lar e à função da mulher de dona de casa. Ao confeccionar e congelar os alimentos, a mulher tem a oportunidade de vender seus produtos através da venda realizada pelo esposo fora de casa. A coluna é marcada por cores claras, puxadas para o tom de rosa, e por imagens ligadas ao *locus* feminino. Nesse contexto, vê-se nitidamente a divisão sexual do trabalho entre o casal. Enquanto a mulher confecciona a comida a ser vendida, o homem vende esse produto no espaço público.

Sob a luz de uma teoria de gênero excludente e binária, o domínio político é interpretado como *locus* de poder, no qual se promulgam os valores sociais. Butler (2012, p. 131) demonstra que, nas Terras Altas Ocidentais e Orientais, o prestígio masculino deriva-se de suas atividades coletivas, no espaço público, ao viajarem e estabelecerem parcerias para troca de riquezas. Enquanto isso, a mulher fica restrita ao ambiente doméstico. A seção *Congelamentos* pode ser interpretada sob esse viés. Há uma divisão sexual do trabalho compartilhado, com diferenciação de *locus* ligado ao poder. Ainda que o trabalho tenha sido exercido pelo casal, o prestígio recai sobre o homem, por ser o responsável por trazer o dinheiro para casa. Assim, há uma garantia de manutenção de hierarquização entre os sexos/gêneros.

A seção *Dia a Dia* está presente nas treze edições da revista e não varia sua forma. O assunto tratado é sempre ligado à culinária. Apresenta o fundo rosa e a mesma imagem da seção *Entre Nós*. É escrita em letras pretas e os detalhes são cor-de-rosa. A seção destina-se a facilitar o dia a dia da dona de casa ensinando receitas culinárias. As ilustrações presentes na seção dizem respeito às receitas ensinadas. Mais uma vez, encontra-se uma relação entre mulher e serviços domésticos.

A primeira edição de *Nosso Lar* evidencia qual o tipo de imagem feminina relacionada à mulher cristã. Tendo por

base as seções expostas acima e as demais seções da revista, pode-se concluir que a imagem feminina projetada pela revista liga-se ao senso comum. Projeta a mulher no espaço doméstico centrada nas atividades de organização e funcionamento da casa. Afinidades entre mulher, cozinha e costura são as que se sobressaem nessa primeira edição de *Nosso Lar*. Assuntos financeiros, política e mercado de trabalho, para além do doméstico, não aparecem nesse volume, uma vez que tais assuntos são tidos como masculinos – ligados à racionalidade, à objetividade.

Todas as edições da revista figuram em duas cores, cinza e rosa. A terceira edição da revista inova ao utilizar a cor vermelha em alguns subtítulos. É a partir da nona edição, já no ano de 1996, que outras cores como preta, azul e amarela começam a ser utilizadas de maneira mais expressiva. As capas sempre se relacionam com a matéria *Especial* (Reportagem de capa). Uma vez que grande parte das reportagens são direcionadas à família, sobretudo, ao casal, 38,46% traz o casal como imagem de capa.

TABELA 15 – PERCENTUAL DE IMAGENS RETRATADAS NAS CAPAS

<i>Imagem</i>	<i>Quantidade</i>	<i>Porcentagem</i>
Casal	5	38,46%
Mulher	2	15,38%
Pai e filho	2	15,38%
Criança	2	15,38%
Mãe e filho	1	7,69%
Ilustração de coração	1	7,69%
Total	13	100,00%

As cores podem influenciar e causar efeitos sobre os seres humanos. Seja de maneira psicológica ou física, podem causar sentimentos e sensações. Ao mesmo tempo em que

influenciam, são influenciadas pela cultura e são dotadas de significados simbólicos. Certas cores e suas combinações podem causar sensações e ideias. Há um grande poder de sugestão por trás das cores e o uso delas por profissionais não ocorre por preferência pessoal; trata-se de instigar no leitor a sensação pretendida.

Existem três tipos de cores: primárias, secundárias e terciárias. Cada grupo de cores exerce diferentes influências sobre o receptor. As cores vermelha e amarela são consideradas cores quentes, enquanto o azul é considerada uma cor fria. Percebe-se que, na revista *Nosso Lar*, a variação das cores no título da revista é pequena. Variam entre o rosa, azul, vermelho e amarelo. De acordo com Brito (2009, p. 4), a cor rosa remete à feminilidade, à delicadeza, à calma, ao afeto e ao amor. A cor azul está ligada a aspectos como: céu, mar, tranquilidade, espaço, fantasia, afeto, seriedade e credibilidade. Já a cor amarela relaciona-se a ouro, sol, calor, luz, espontaneidade; e o vermelho remete a fogo, guerra, sangue, perigo, força, ação, movimento, paixão e emoção.

Nosso Lar tem suas páginas compostas por cinza, que é uma cor terciária, e o rosa. O rosa destaca-se e passa a sensação esperada, de feminilidade, delicadeza e afeto. São elementos ligados à “essência” feminina. Contudo, verifica-se outro esquema de cores quando se analisam as capas de *Nosso Lar*. Entre as treze capas, somente a primeira edição chama atenção para a cor rosa. Cinco capas evidenciam a cor amarela, quatro evidenciam a cor vermelha e três, a cor azul. Há um equilíbrio, na distribuição das cores, salvo o rosa.

O amarelo estimula o raciocínio e a criatividade, e, ao evidenciar a cor amarela em suas capas, a revista busca sensibilizar o leitor para a prosperidade, felicidade, descontração e otimismo através de suas páginas. Salvo a segunda edição de *Nosso Lar*, todas as demais trazem a cor amarela em suas capas.

As capas da revista expressam a matéria central e as matérias mais importantes de cada edição. A questão racial não é tratada em nenhuma edição da revista, e a percentagem de pessoas negras que compõem as capas é de 23%. Discussões políticas e econômicas – públicas –, também não aparecem em *Nosso Lar*. Contudo, matérias relacionadas às drogas compõem 9,5% das capas, mulheres modernas, 15,3%, relacionamento entre casais, 38,4%, relacionamento entre pais e filhos, 46,15%, economia doméstica, 15,3% e família, 100%.

Analisar todas as capas individualmente seria tarefa árdua para um curto período, entretanto duas capas chamam a atenção. A primeira capa a ser analisada é a da terceira edição da revista (NL, ano 1, n. 2, ago.-set. 1993). Nela há a imagem de uma mãe se despedindo do filho, e a reportagem central relaciona-se à entrada da mulher no mercado de trabalho. A cor em evidência é o azul, que transmite seriedade e credibilidade. Nota-se que, apesar da inserção da mulher no mercado de trabalho, afeto, carinho, delicadeza e criatividade são sensações transmitidas através da imagem.

A partir da capa, tem-se uma via de mão dupla: a mulher ativa, moderna e inserida no mercado de trabalho, e, ao mesmo tempo, a mulher que não perde sua “essência” ao demonstrar afeto, carinho e preocupação com seu filho. A reportagem central dessa edição será discutida posteriormente, contudo, destaca-se o papel de adjutora dado à mulher nas linhas da reportagem. Nesse caso, capa e reportagem abordam o mesmo tema de formas diferentes. Não é possível relacionar a imagem da capa ao papel inferior dado à mulher na hierarquia sexual, mas na reportagem há essa relação.

Em contrapartida, a capa da sétima edição (NL, ano 3, n. 6, ago.-set. 1995) da revista chama atenção pela imagem e pela matéria principal. A capa traz a imagem de um homem conversando alegremente com seu filho, em um espaço externo – provavelmente o jardim de casa. A matéria principal discorre

sobre o relacionamento entre pais – masculino – e filhos. Interessante notar o forte uso da cor amarela na capa, na busca de causar sensações como alegria, felicidade, criatividade.

A capa indica algumas contradições, no tocante à teoria de gênero de caráter universalizante. A imagem coloca o homem em um *lócus* considerado feminino, junto à natureza, e em um espaço doméstico. Elementos ligados à feminilidade são transferidos ao homem: carinho, cuidado com o filho, amor. A revista passa uma postura de inserção na modernidade com a quebra de paradigmas com a possibilidade de afetividade a partir dos homens.

A ideia de flexibilidade trazida na capa pode ser vista a partir de dois pontos de vista: 1. Pai ativo e que divide a responsabilidade de educar, cuidar do filho, 2. Pai presente somente em certos momentos como nos períodos de folga ou nas férias. No primeiro caso, poderia haver maior flexibilidade da hierarquia binária sexual, ao supor uma divisão igualitária das tarefas domésticas, na igual participação do sustento material da casa. Já o segundo caso reforçaria a ideia de que educar e cuidar dos filhos em tempo integral é função da mulher. Importa ressaltar que, apesar de toda a contradição presente na capa, na imagem vê-se uma ferramenta entre as pernas do homem, elemento considerado masculino. Na página seguinte estão expostas as capas das treze edições de *Nosso Lar*, organizadas por data de publicação, da esquerda para a direita.

IMAGEM 6 – CAPAS DA REVISTA *NOSSO LAR* – CPAD

Nosso Lar teve seu corpo editorial reformulado no decorrer dos anos, contabilizando um total de quatorze funções. Grande parte das funções foi alterada no período em que a revista foi publicada; apenas as funções de Editor, Editoração Eletrônica e Redator Responsável foram mantidas em todas as edições da revista. A participação de profissionais não foi muito diferente. Em um universo de vinte e sete profissionais, nenhum esteve presente em todas as edições da revista. As tabelas que se seguem servem para ilustrar a flexibilidade do corpo editorial de *Nosso Lar*.

A tabela abaixo foi feita a partir da análise do corpo editorial apresentado na segunda página das treze edições de *Nosso Lar*. Para se chegar ao resultado apresentado, foram construídas trezes tabelas no Excel, cada uma relacionada a uma edição. Após cruzar os dados das tabelas criadas, chegou-se

ao resultado exposto abaixo. Não foi identificada relação direta dos cargos presentes em cada edição com as cores, matérias e abordagens da revista.

TABELA 16 – RELAÇÃO DE CARGOS NO TOTAL DE PUBLICAÇÕES

<i>Função</i>	<i>Ocorrências</i>	<i>Porcentagem</i>
Editor	13	100,00%
Editoração Eletrônica	13	100,00%
Redator Responsável	13	100,00%
Setor de Jornalismo	8	61,54%
Fotografia	7	53,85%
Diagramação	3	23,08%
Pesquisa	3	23,08%
Ilustração	2	15,38%
Redator Auxiliar	2	15,38%
Redatora	2	15,38%
Editor-chefe	1	7,69%
Programador Visual	1	7,69%
Projeto gráfico, Programação Visual	1	7,69%
Redator	1	7,69%

Os números indicam cinco funções principais nas edições da revista, sendo que a função de *Setor de Jornalismo* aparece a partir da sétima edição e a função *Fotografia* aparece até a sétima edição. Apenas em duas edições houve coincidência dessas funções. Acredita-se que o pequeno número de funções esteja ligado ao setor financeiro. A expansão e sucesso da editora CPAD devem-se a uma administração empresarial; enxugar custos desnecessários é imprescindível a uma instituição do setor capitalista. A análise demonstrou uma mesma trajetória de conteúdo, postura e ilustração independente das funções flutuantes.

TABELA 17 – RELAÇÃO DE OCUPAÇÕES NO TOTAL DE PUBLICAÇÕES

<i>Profissional</i>	<i>Ocorrências</i>	<i>Porcentagem</i>
Ana Daysi Araujo	12	92,31%
Hudson Silva	11	84,62%
Oséas Felício Maciel	10	76,92%
Eduardo Souza	8	61,54%
Isael de Araujo	8	61,54%
Jayme de Paula Prado	4	30,77%
Olga Rocha dos Santos	4	30,77%
Vitor Campos	4	30,77%
Geni C. Mello	3	23,08%
Olga Rocha dos Santos	3	23,08%
Vitor Campos	3	23,08%
Débora de Almeida	3	23,08%
Flavia Guimarães	3	23,08%
João Carlos Lira dos Santos	3	23,08%
Sebastião de Oliveira	3	23,08%
Sérgio Ribeiro de Menezes	3	23,08%
Wellington Nunes	3	23,08%
Jayme de Paula Prado	2	15,38%
Jorge Antônio M.da Silva	2	15,38%
Sebastião de Oliveira	2	15,38%
Arnaldo de Oliveira	2	15,38%
Fernando Espíndola Pessoa	2	15,38%
Sandra Rodrigues	1	7,69%
Wellington Nunes	1	7,69%
Cláudio de Lima	1	7,69%
Eduardo Evangelista	1	7,69%
Geremias do Couto	1	7,69%

Apesar da alta diversidade em relação às funções ocupadas no corpo editorial e da alta rotatividade de profissionais, a revista mantém um núcleo de edição e de funcionários. Acredita-se que a linearidade em relação ao conteúdo, à arte e à manutenção de uma mesma linha de pensamento deva-se a este núcleo. Nas tabelas abaixo, podem-se encontrar esses núcleos, supracitados.

TABELA 18 – NÚCLEO DE PROFISSIONAIS – NOSSO LAR

<i>Base de profissionais</i>
Ana Daysi Araujo
Eduardo Souza
Hudson Silva
Isael de Araujo
Oséas Felício Maciel

TABELA 19 – NÚCLEO DE FUNÇÕES - NOSSO LAR

<i>Base de Funções</i>
Editor
Editoração Eletrônica
Fotografia
Redator Responsável
Setor de Jornalismo

Após uma breve explanação sobre a organização e a estrutura de *Nosso Lar*, o item a seguir propõe expor os conteúdos trazidos nas treze publicações da revista para posterior análise. Perceber nuances presentes no corpo editorial e relacioná-las às modificações ou/não de conteúdo da revista podem ajudar a perceber a imagem feminina projetada pela

revista e identificar se esta se transforma ou/não no decorrer das publicações.

2.2. Conteúdo da revista

Com a proposta de se dirigir à família cristã, Nosso Lar exerce muito bem esta função em suas páginas. Da primeira à última edição da revista, o conteúdo trabalhado não demonstra significativas alterações. As seções, denominadas de fixas neste trabalho, pouco se alteram. Constatou-se certa linearidade nos conteúdos trabalhados em todas as edições de Nosso Lar. Segue abaixo tabela com as seções fixas.

TABELA 20 – SEÇÕES FIXAS - NOSSO LAR

<i>Seções Fixas</i>	
Entre Nós	Medicina no Lar
Passo a Passo	Casa e decoração
Carta Aberta	Dia a Dia
Prosa e Verso	Dicas
Entrevista	Congelamentos
Testemunho Especial	Sociais
Vida Infantil	Entrevistas

Entre as seções expostas no quadro anterior, *Passo a Passo*, *Casa e Decoração*, *Dicas* e *Congelamentos* sempre abordam temas relacionados à vida e aos afazeres domésticos. Tendo por base a teoria de gênero utilizada para este trabalho, conclui-se que essas seções são destinadas às mulheres.

A seção *Passo a Passo* apresenta modelos e moldes de roupas. Importante salientar que, em quase todas as edições, os moldes são de roupas femininas. Somente a revista de número 5 traz moldes para confeccionar uma blusa social

masculina. A coluna é marcada por tons de rosa e as imagens que a ilustram são sempre relacionadas à feminilidade e ao lar.

A seção *Casa e Decoração* varia de acordo com a edição. Em algumas edições, ela traz um passo a passo que ensina confeccionar enfeites para a decoração doméstica e, em outras edições, traz um passo a passo para confeccionar lembranças, para presentear ou vender. As propostas de confecções estão sempre ligadas a imagens e objetos delicados. A seção tem suas imagens baseadas no rosa e cinza, e sempre que é retratada uma mão confeccionando o objeto esta é feminina.



IMAGEM 7 – SEÇÃO *CASA E DECORAÇÃO* (NL, ANO 4, N. 12, P. 40, JUL-AGO 1996)

A seção *Dicas* traz em suas páginas variadas dicas para as donas de casa. As dicas são sempre relacionadas à limpeza, à arrumação, ao preparo dos alimentos. Nota-se que são direcionadas às mulheres. Segue trecho de uma das edições da seção *Dicas*: “Praticidade... é tudo que uma boa dona de casa precisa para aproveitar o tempo, da melhor forma possível, na hora de colocar ordem nas coisas” (NL, ano 3, n. 3, p. 40, jan.-fev.

1995). Essa simples citação ajuda a revelar a imagem de mulher projetada pela revista *Nosso Lar*.

IMAGEM 8 – SEÇÃO DICAS
(NL, ANO 3, N. 3, P. 40,
JAN.-FEV. 1995)

Praticidade... é tudo o que uma boa dona-de-casa precisa para aproveitar o tempo, da melhor forma possível, na hora de colocar ordem nas coisas.

DICAS

- Você vai tirar o pó dos móveis mais facilmente se fizer assim: misture 2 colheres de sopa de bicarbonato (encontrado em farmácias) em 1 litro de água quente com sabão. Ponha dentro alguns panos de flanela limpos, e deixe-os de molho durante uma noite. Escorra e pendure para secar. Quando passar esses panos nos móveis, eles sairão a poeira, tornando a tarefa mais simples.
- Tire as manchas dos tapetes e carpetes com um pouco de vinagre misturado com água. Você pode passar a mistura com uma bucha ou um pano limpo.
- Os perfeccionistas afirmam: para limpar os cantinhos do boxe do banheiro com eficiência, somente com uma escova de dentes velha.
- Lave os tapetes grandes com sabão e água. Enxágue-os com uma mangueira de preferência. Os tapetes devem secar esticados na horizontal e não em varais, que os deixam com marcas de dobras.
- Tire as manchas dos tapetes e carpetes com um pouco de vinagre misturado com água. Você pode passar a mistura com uma bucha ou um pano limpo.

Fonte: Vitor Campos

A reprodução acima evidencia as funções femininas que as mulheres devem exercer, de acordo com a mensagem da revista. A seção direciona-se às mulheres ao se dirigir às donas de casa. A partir da coluna, constata-se uma divisão do trabalho entre os sexos/gêneros. As seções da revista aos poucos vão revelando a imagem de mulher projetada, ao atribuir funções e espaços, os quais a mulher pode ocupar. Para que não restem dúvidas, na seção *Dicas* constantemente, o verbo aparece no feminino, demonstrando a qual público essa coluna se dirige. Em uma revista que se dirige, supostamente, ao casal, torna-se importante demarcar as matérias direcionadas ao público feminino e as direcionadas ao público masculino. Essa separação na revista traz à tona a separação entre masculino e feminino esperada no dia a dia dos leitores assembleianos.

Já a seção *Congelamentos* traz dicas de como realizar um bom congelamento. Ensina as melhores formas de congelar os diversos tipos de alimentos. Essa seção, além de indicar a mulher como dona de casa – nela também há marcas de feminilidade –, indica o perfil socioeconômico do público alvo da revista.

Em 1995, o salário mínimo no Brasil era de R\$100,00, enquanto o exemplar de *Nosso Lar* avulso era de R\$3,90. A possibilidade de ter um freezer no ano de 1995 não era a mesma da atual. De acordo com entrevistas realizadas*, o freezer em 1995 era artigo de luxo e não estava presente na casa de todos os brasileiros. A revista, ao tratar em todas as edições de congelamentos e por ter um preço alto para a época, demonstra que seu público alvo não era a dona de casa cujo marido recebia um salário mínimo.

Sobre as reportagens, no universo de sessenta e seis artigos, vinte e dois abordam o tema “casal”. Entre as treze revistas publicadas, somente três edições não tratam do tema de forma específica. Nos conteúdos tratados em grande parte das edições, o tema varia entre: educação dos filhos, presença de Deus na vida do leitor, a importância da religião na vida do leitor, cultos domésticos, a forma de ser da mulher cristã, a forma de o cristão viver, a influência de desenhos e drogas na vida dos filhos, a relação dos pais com os filhos.

Os assuntos abordados, quando não se relacionam com a família, relacionam-se com Deus e com a religião. Em boa parte dos artigos, o papel da mulher como auxiliar e adjutora do esposo transparece. O item subsequente tratará de analisar qual é a imagem feminina projetada através das edições da revista *Nosso Lar*.

* Entrevista com Mônica Salles Guedes, 13/mai./2014.

2.3. Análise da revista

Após explanação da organização, estruturação e conteúdo de *Nosso Lar*, esse item dedica-se a analisar a revista à luz do viés da teoria de gênero. No total, são treze revistas, as quais, infelizmente, não puderam ser todas analisadas. Analisar o conteúdo de todas as revistas propostas para o trabalho tornaria a pesquisa inviável no curto espaço de tempo. A ideia era analisar de dois a três volumes da publicação. Contudo, a análise de apenas três edições de *Nosso Lar* excluiria a possibilidade de achar mudanças na linha de pensamento adotada. Foi feito um levantamento das reportagens e elementos mais importantes, presentes nas treze edições. Os pontos mais relevantes serão, portanto, analisados a seguir.

A tabela abaixo demonstra os assuntos retratados nos treze editoriais de *Nosso Lar*. Como a pesquisa tem por base identificar a imagem feminina projetada a partir das páginas da revista, a análise dos editoriais basear-se-á naqueles que permitem identificar características ligadas à imagem feminina.

TABELA 21 – ASSUNTOS RETRATADOS NOS EDITORIAS – *NOSSO LAR*

<i>Ano</i>	<i>N.</i>	<i>Mês</i>	<i>Ano</i>	<i>Editorial</i>
1	0	dez.	1992	Família e o papel desempenhado pelo casal
1	1	maio/jun.	1993	A relação da sociedade moderna com o casamento
1	2	ago./set.	1993	Papel da mulher
3	3	jan./fev.	1995	CPAD
3	4	mar./abr.	1995	Papel da mulher na sociedade
3	5	maio/jun.	1995	Casamento

3	6	ago./set.	1995	Culto doméstico
3	7	set./out.	1995	Relacionamento entre pais e filhos
3	8	nov./dez.	1995	Natal
4	9	jan./fev.	1996	Eutanásia
4	10	mar./abr.	1996	Adolescentes
4	11	maio/jun.	1996	Crise conjugal, importância do perdão
4	12	jul./ago.	1996	Administração do dinheiro

Os editoriais que permitem identificar a imagem de mulher projetada pela revista são os das revistas de números 0, 2 e 4. O corpo editorial do primeiro volume de *Nosso Lar* revela a divisão de trabalho entre o casal:

Nosso Lar acaba de nascer e começa a dar seus primeiros passos editoriais (...) a família cristã encontrará nas páginas de *Nosso Lar* o espaço adequado para sua edificação. *Nosso Lar* pretende vivenciar o dia a dia da família, respondendo às expectativas geradas pela vida moderna, que tanto pesam no comportamento do marido, como chefe de família, da esposa, como dona de casa e dos filhos como prolongamento social. (NL, ano 1, n. 0, p. 1, dez. 1992)

Já na primeira página do primeiro volume da revista *Nosso Lar*, em seu corpo editorial, escrito pela Redação, é possível perceber uma diferenciação entre os sexos/gêneros. Ao classificar o marido como chefe de família – aquele que provê a manutenção e estabilidade econômica da família – e a mulher como dona de casa – profissional do lar –, a revista marca sua postura em relação aos papéis os quais homens e mulheres devem ocupar na sociedade.

O segundo editorial selecionado para análise, transcrito a seguir, disserta sobre o papel da mulher na sociedade atual:

A sociedade de nossos tempos vem tomando novos rumos. Nela, vemos com destaque o papel da mulher. Mulher mãe, mulher esposa, mulher trabalhadora. Hoje em dia elas já ocupam espaços que há algum tempo jamais poderíamos imaginar que viessem a ocupar (...) NOSSO LAR traz neste número um pouco das vantagens e desvantagens da mulher-empregada, aquela que viu no mercado de trabalho a maneira de ajudar seu esposo na manutenção da casa. Entre ônibus lotados, cartão de ponto e chefes mal-humorados, essas "guerreiras", com a graça de Deus, ainda encontram forças para cuidar da família, não se esquecendo nunca de seu papel principal: o da rainha do lar. (NL, ano 1, n. 2, p. 1, ago.-set. 1993)

Interessante notar que há diferenças e semelhanças entre os dois editoriais expostos anteriormente. No primeiro há ênfase na divisão sexual/gênero do trabalho; no segundo, essa divisão encontra-se flexibilizada. Nota-se uma mulher mais ativa socialmente ao se estabelecer no mercado de trabalho. A função exercida exclusivamente pelo homem, a de trabalhar fora de casa, passa a ser exercida também pela mulher.

Alguns aspectos merecem atenção: 1. A mulher vê-se obrigada a entrar no mercado de trabalho por situações econômicas da família. A passagem demonstra a necessidade de inserção no mercado de trabalho, e não a escolha. 2. Perda do *status* social do marido, junto à família. Nesse caso, pode haver uma atenuação na hierarquização entre os sexos/gêneros no interior da família. É suposto, à luz de uma teoria de gênero universalizante, que o marido seja capaz de prover o sustento material da família, e, quando isso não ocorre, a divisão do trabalho pautado no sexo/gênero é transformada. 3. Ainda

que haja uma transformação na divisão do trabalho, a mulher ainda é considerada como subordinada na hierarquia. O papel das características ligadas ao feminino ainda constitui o primeiro plano para a identificação da imagem de mulher.

As semelhanças entre os dois editoriais pautam-se na identidade da mulher forjada através de características ligadas a uma essência feminina, já esperada, inserida no espaço doméstico ou tendo o mesmo como *locus* de construção e manutenção de identidade.

A seguir, leia-se o editorial da revista de número quatro:

Não bastasse as inovações, esta edição tem um aspecto todo especial. Nossa homenagem a você esposa, dona de casa, trabalhadora...enfim, a você mulher... que tem nos prestigiado a cada edição e, com fervorosas orações, ajudado o nosso jornadear. Maria, Fátima, Ana ou Tereza... não importa o seu nome, idade, cor ou classe social. O que importa é que, como mulher, você exerce uma papel importante no mundo, na igreja, na família, na obra de Deus. (NL, ano 3, n. 4, p. 1, mar./abr. 1995)

As duas últimas citações expressam uma imagem feminina baseada na dualidade. A mulher é representada como profissional, com uma carreira para além do espaço doméstico, inserindo-se em um *locus* de poder, dominado pelo masculino. Mas, ao mesmo tempo, a mulher é representada como dona de casa, com a função de cuidar dos filhos e do esposo. E, mesmo quando lhe são atribuídas as duas funções – lar e trabalho –, a função ligada à domesticidade sobrepõe-se. A divisão sexual/gênero do trabalho e a associação de certas características a homens e a mulheres têm por base a diferenciação biológico-social.

A diferenciação por meio biológico-social faz-se presente em diversas instâncias da sociedade, até mesmo dentro

da Instituição religiosa. Com base em Souza (2009, p. 48), pode-se dizer que, no curso da história, as religiões não têm contribuído para a transformação da ordem sexual.

Ao contrário, reforçam e legitimam características tidas como essencialmente femininas. A religião, ao exercer poder simbólico na formação da identidade, sob a luz de gênero, cristaliza a violência simbólica. A submissão feminina é autorizada e perpetuada através da religião que legitima tal ordem a partir da Bíblia. Apesar da CPAD ter caráter independente da Assembleia de Deus, a mesma encontra-se ligada à igreja através da CGADB e, desta maneira, utiliza a mesma linha de pensamento da igreja. O trecho da matéria a seguir permite compreender que não houve mudança na linha de pensamento no decorrer dos anos:

Acordar, fazer o café, arrumar a casa, preparar o almoço, arrumar as crianças, leva-las ao colégio, fazer compras, lavar a roupa, pegar as crianças no colégio, passar a roupa, preparar o jantar, lavar a louça, pôr as crianças para dormir (...). Algumas donas de casa ficam tão envolvidas com seus afazeres domésticos, e os maridos tão envolvidos com os problemas do trabalho, que se esquecem de um momento muito importante: seu momento a sós com Deus. (NL, ano 3, n. 3, p. 26-27, jan.-fev. 1995)

Os trechos acima fazem parte da matéria intitulada *Que espaço Deus ocupa em sua vida?*, escrita por Adilson Faria Soares, à época pastor presidente da Assembleia de Deus Mutuá, no Rio de Janeiro. Nota-se que tanto a Redação quanto o autor convidado tratam com a mesma perspectiva os papéis ocupados por homens e mulheres na sociedade, construída a partir da diferenciação biológica entre os sexos.

O masculino assume, de forma naturalizada, características do tipo dominador, forte, racional, objetivo. O feminino

assume características como frágil, subjetivo, dominado, emocional.

A hierarquização dos sexos/gêneros, construída de maneira natural, institucionaliza a sociedade patriarcal, sobrepujando a mulher. Os lugares de mulher e de homem são construídos pela sociedade e legitimados pelas instituições detentoras de capital simbólico. A partir da construção de um *locus* bem marcado, a divisão do trabalho baseada na diferenciação sexual é instituída.

Nessa perspectiva, a mulher encaixa-se na esfera do privado, quer dizer, dona de casa, mãe de família, reprodutora; enquanto o homem encaixa-se na esfera do público, da rua, do trabalho, da política. O homem, como *dominante*, é responsável pelo provento do material e do financeiro. Já a mulher, *submissa*, incumbe-se das responsabilidades do lar, como arrumar a casa, cuidar das crianças, de forma geral, do trabalho doméstico. Acredita-se que várias vezes a hierarquia entre os sexos/gêneros não é percebida pelas próprias mulheres.

Em uma matéria escrita por Ana Daysi Araujo e Débora de Almeida, leitoras falam sobre o que pensam da mulher trabalhar fora de casa. A citação seguinte corresponde à fala de uma das leitoras: “A mulher pode trabalhar, desde que o trabalho não esteja em primeiro plano em sua vida, deixando o lar em segundo” (NL, ano 1, n. 3, p. 16, 1993). A fala da leitora evidencia o que Bourdieu (2011, p. 7) chama de *violência simbólica*, que exerce influência de forma suave e invisível, sem ser notada pelos atores que fazem parte desta. A leitora não tem consciência de que seu posicionamento advém da imagem feminina que a igreja impõe.

Na mesma matéria, é reificado o papel de submissão feminino:

Deus reservou o papel de adjutora para a mulher (...).
Ela nasceu para ser a ajudadora do seu esposo, em todos

os aspectos da vida em família. Hoje, devido à crise estabelecida no país, esta ajuda tem se traduzido no lançamento da mulher no mercado de trabalho, embora o cuidado do lar ainda seja a prioridade. (NL, ano 1, n. 3, p. 16, 1993)

Nota-se mais uma vez a mulher aparecendo em segundo plano, comparada ao homem. O diferencial dessa matéria é a saída da mulher para o mercado de trabalho. Aqui, a mulher assume o espaço marcado como masculino, o espaço público. Contudo, a prioridade feminina ainda é centrada na casa. Nesse e em quaisquer outros casos em que a mulher, por necessidade, precisa se lançar para o espaço público, as qualidades femininas não de sobrepor-se às masculinas.

Não é negado à mulher trabalhar fora; quando necessário, porém, a domesticidade permanece. Importante salientar que nesse caso há perda de poder simbólico do esposo, incapaz de manter a estabilidade financeira do lar.

Em uma reportagem intitulada *Amor: via de mão dupla*, escrita por Ubirajara Crespo, tem-se quais são os papéis que cada par do casal deve representar:

Diversas pesquisas demonstram que a necessidade da mulher de receber afeto é tão grande quanto a do homem de se satisfazer sexualmente (...). O marido ganha o coração da esposa suprimindo suas necessidades de afetividade, enquanto a mulher o faz sentir-se importante como homem (NL, ano 3, n. 4, p. 6, mar.-abr. 1995).

O trecho acima expressa o androcentrismo naturalizado na ordem social. Relaciona a mulher à afetividade, ao emocional, à submissão; em contrapartida relaciona o homem ao dominador, ao sexual (presença do falo). Observa-se, nas treze edições de *Nosso Lar*, a mesma perspectiva sobre os

papéis desempenhados por homens e mulheres na sociedade. E esses papéis são legitimados sempre através da Bíblia.

Sobre a participação das mulheres na confecção da revista, pode-se dizer que entre os cinco profissionais, considerados no item anterior, que compõem o núcleo profissional, apenas uma é mulher. Em uma revista destinada ao público feminino, somente 20% do corpo editorial – núcleo profissional – é composto por mulher, como explicar esse movimento contrário?

Percebe-se na revista um esforço, não alcançado, em construir uma imagem feminina associada à modernidade, atuando profissionalmente para além do lar. Em algumas passagens anteriores, fica evidente a projeção dual na imagem feminina. Já foi dito que a imagem que se sobressai é a da mulher inserida no ambiente doméstico, na qual se constata uma divisão sexual/gênero do trabalho e com a conseqüente hierarquização entre os sexos/gêneros. Tendo por base esse ideal de imagem feminina nas páginas de *Nosso Lar*, o corpo editorial da revista não poderia ser composto de outra forma. Para além, talvez se o corpo editorial fosse composto por mais mulheres, a imagem feminina projetada pela revista poderia assumir características diferentes daquelas encontradas.

Nem todas as matérias da revista são assinadas. Entre as 241 matérias, somente 80 são assinadas. Dessas, 26 são assinadas por mulheres e 54 são assinadas por homens. A correspondência é de 32,5% autoras para 67,5% autores. As matérias, quando assinadas, trazem os cargos exercidos por seus autores. Quando se trata de homens, os mesmos são: presbíteros, coordenadores de núcleos religiosos, professores universitários, economistas. Quando se trata de mulheres, a maior parte das autoras compõe a redação da revista, com destaque para Ana Daysi Araujo.

Em uma revista que se destina ao público feminino, 67,5% das matérias assinadas são de autoria masculina.

A composição do quadro de funcionários e as frases a seguir retratam a imagem feminina projetada pela própria revista: “No lar ou no emprego, elas mostram que o papel de adjutoras não tem fronteiras” (NL, ano 1, n. 2, p. 16, ago.-set.. 1993); “Toda mulher cristã tem obrigação de ser serena” (NL, ano 4, n. 10, p. 46, mar.-abr. 1996). A imagem feminina projetada pela revista representa uma mulher subordinada ao homem, dona de casa, com a principal função de ser auxiliar do homem, seja no trabalho ou em casa.

3. Revista *Mulher, Lar & Família Cristã*

A análise da Revista *Mulher, Lar & Família Cristã*, revista direcionada principalmente à mulher, dá algumas pistas de qual imagem feminina é passada através de suas páginas. A relação encontrada entre a imagem feminina identificada na revista *Nosso Lar* e a imagem feminina identificada na revista *Mulher, Lar & Família Cristã* será de suma importância. A partir da relação entre as duas revistas, poder-se-á identificar continuidades e rupturas ligadas à imagem feminina.

Nas páginas a seguir serão apresentadas a organização, conteúdo e análise de *Mulher, Lar & Família Cristã*. Serão utilizadas tabelas, feitas a partir da análise de todo o material escaneado, além de imagens fotografadas e escaneadas de todas as edições do periódico com objetivo de fundamentar a argumentação.

A revista, publicada entre os anos 2000 e 2006, apresenta 27 edições. A análise desse material é justificada a partir do ponto no qual, ao direcionar-se às mulheres, permite-se identificar a imagem feminina relacionada à Assembleia de Deus nos primeiros anos do atual milênio. O mesmo que foi dito para a revista *Nosso Lar* vale para *Mulher, Lar & Família Cristã*. O trabalho não pretende afirmar de maneira alguma que só exista uma imagem feminina compartilhada por todas as Assembleias de Deus. A relação das revistas com a CPAD e CGADB deve ser levada em consideração, permitindo que a análise represente um tipo de imagem feminina ligada à Convenção Geral.

Para a apresentação e análise que se seguem, serão apresentadas nove tabelas relacionadas a *Mulher, Lar &*

Família Cristã: 1. *Mulher, Lar & Família Cristã*: periodização; 2. Seções fixas direcionadas às mulheres; 3. Percentual de assuntos retratados nas capas; 4. Relação de cargos no total de publicações; 5. Relação de ocupações no total de publicações; 6. Núcleo de profissionais; 7. Núcleo de funções; 8. Seções Fixas; 9. Matérias que evidenciam a participação da mulher no espaço público.

3.1. Estruturação e organização da revista

Mulher, Lar & Família Cristã descreve-se em seu corpo editorial da seguinte maneira: “*Mulher, Lar & Família Cristã*: Revista evangélica, bimensal, lançada em 2002. Editada pela CPAD” (MLFC, ano 1, n. 1, p. 2, jul.-ago. 2000). A mulher é o público alvo da revista, dessa forma, grande parte das reportagens lhe é direcionada. A revista teve seu primeiro volume publicado em julho de 2000. A última edição da revista ocorreu em maio de 2006. Foram 27 exemplares publicadas ao longo de cinco anos e dez meses. A periodicidade da revista, descrita como bimensal, teve algumas alterações ao longo do período de publicação.

Nos anos de 2002, 2003 e 2004, a revista publicou quatro edições. Já no ano de 2005 foram cinco edições publicadas. Em visitas ao CEMP*, a bibliotecária informou que *Mulher, Lar & Família Cristã* nada mais é que a revista *Nosso Lar* com nome diferente. Após análise dos conteúdos, percebe-se que há uma diferenciação nas linhas de pensamento entre as duas revistas, não podendo tratar-se de um mesmo material. Cabe dizer, então, que as diferenças não se restringem ao nome das mesmas. A tabela 21 sintetiza as informações referentes às publicações de *Mulher, Lar & Família Cristã*.

* Entrevista com Vera Garcez, bibliotecária do CEMP, em 24/fev/ 2014.

TABELA 21 – MULHER, LAR & FAMÍLIA CRISTÃ: PERIODIZAÇÃO

<i>Ano</i>	<i>N.</i>	<i>Mês</i>	<i>Ano</i>	<i>Editorial</i>
1	0	dez.	1992	Família e o papel desempenhado pelo casal
1	1	maio/jun.	1993	A relação da sociedade moderna com o casamento
1	2	ago./set.	1993	Papel da mulher
3	3	jan./fev.	1995	CPAD
3	4	mar./abr.	1995	Papel da mulher na sociedade
3	5	maio/jun.	1995	Casamento
3	6	ago./set.	1995	Culto doméstico
3	7	set./out.	1995	Relacionamento entre pais e filhos
3	8	nov./dez.	1995	Natal
4	9	jan./fev.	1996	Eutanásia
4	10	mar./abr.	1996	Adolescentes
4	11	maio/jun.	1996	Crise conjugal, importância do perdão
4	12	jul./ago.	1996	Administração do dinheiro

Os volumes iniciais da revista apresentam em torno de 90 páginas; no decorrer das publicações, as edições foram enxugadas. O último volume de *Mulher, Lar & Família Cristã* apresenta 56 páginas. A revista traz em suas edições entre três e seis artigos, os quais abordam diversos temas ligados à mulher, família, igreja e também a Deus. Além dos artigos de cada edição, a revista traz em suas páginas algumas seções,

denominada de fixas para este trabalho. As seções são alteradas no decorrer das publicações, contudo, pode-se dizer que muitas são direcionadas às mulheres. Na primeira edição da revista, 44,44% das seções dirigem-se às mulheres, à luz de um viés hierárquico entre os sexos/gêneros. As seções serão comentadas a seguir, porém, como forma de dinamizar, as imagens e trechos retirados da revista não serão apenas oriundos do primeiro volume. As seções encontram-se na tabela.

TABELA 22 – *MULHER, LAR & FAMÍLIA CRISTÁ*:

SEÇÕES FIXAS DIRECIONADAS ÀS MULHERES

<i>Seções fixas</i>	<i>Direcionadas às mulheres</i>
Aconteceu Comigo	
Arte de Cozinhar	X
Assim como nós	X
Atualidades	
Casa e Decoração	X
Com Estilo	X
Educando	
Ela em Destaque	X
Entre Amigas	X
Entre nós, mulheres	X
Entrevista	
Estética	X
Família	
Feito por mim	X
Lazer	
Mamães & Cia	X
Mãos no Arado	
Missão de Vida	

Na ponta da Agulha	X
No tom Certo	X
Nutrição	X
O Médico Responde	
Opinião	X
Painel	
Pelo Brasil	
Saúde	
Usadas por Deus	

A seção *Arte de Cozinhar* não está presente em todas as edições da revista, mas, quando aparece, é sempre ao final do periódico. A coluna apresenta receitas culinárias que são preparadas, sempre, por mulheres ligadas à Assembleia de Deus. A relação entre mulher e cozinha fica clara nessa coluna. Não há homens cozinhando em nenhuma edição. Ao apresentar somente mulheres no espaço da cozinha, pode-se dizer que a revista emprega valores relacionados à divisão sexual/gênero do trabalho. A imagem feminina projetada revela-se inserida no espaço doméstico, representado pela dona de casa, que cozinha, passa, lava.

As páginas da seção são coloridas e trazem em seu corpo grande número de fotos. As fotos mostram o preparo das receitas, a cozinheira com a receita pronta e as comidas arrumadas em mesas compostas de louças delicadas e flores. Não há em *Mulher, Lar & Família Cristã* a predominância da cor rosa, em seções direcionadas às mulheres, como se verifica em *Nosso Lar*. O direcionamento à mulher é percebido a partir da construção das imagens com base no histórico de publicações da revista.

IMAGEM 9 – SEÇÃO ARTE DE COZINHAR (MLFC, ANO 1, N. 1, P. 84, 2000)



Ingredientes para preparo do streusel

- 1/2 xícara de açúcar mascavo
- 2 colheres de chá de canela em pó
- 1/2 xícara de nozes ou Castanhas do Pará picadas
- 2 colheres de sopa de manteiga ou margarina derretidos

Se quiser, acrescente 1/2 xícara de passas para um streusel de passas. Se preferir, ainda acrescente uma maçã descascada e picada para um streusel de maçã ou acrescentar os dois

Depois de reservado, misturar os ingredientes do streusel numa tigela pequena

Ingredientes para a massa

- 1 1/2 xícara padão de trigo
- 1/2 xícara de açúcar
- 2 e 1/2 colheres de chá de fermento em pó
- 1/2 de colher de chá de sal
- 1/2 de xícara de manteiga ou margarina
- 1/2 de xícara de leite
- 1 ovo



Modo de preparo

Numa tigela média juntar e bater com batidoeira ou à mão até obter massa homogênea. Untar com manteiga e passar trigo numa forma pequena de pudim e colocar metade da massa. Salpicar com metade do streusel. Acrescentar o restante da massa e salpicar com o restante do streusel. Assar em forno médio por 25 a 30 minutos.

Essa receita pode ser dobrada e assada numa forma maior. Depois de pronto, tirar do forno e deixar esfriar; tirar da forma e colocar sobre um pratinho de bolo. Para um toque bonito retirar um pouco de açúcar de confeiteiro em cima ou colocar cobertura de confeiteiro. Para a cobertura, junte numa tigela uma xícara de açúcar de confeiteiro, uma colher de sopa de leite e meia colher de chá de essência de baunilha e misture bem. Se estiver muito grosso, coloque umas gotas de leite. Depois, derrame sobre o Streusel. Decore com cerejas se desejar.



IMAGEM 10 – SEÇÃO ARTE DE COZINHAR (MLFC, ANO 1, N. 1, P. 85, 2000)

A seção *Assim como Nós* é escrita tanto por mulheres quanto por homens. Não tem o *layout* modificado em todas as edições. Apresenta um fundo amarelo ou rosa claros e a

imagem de uma mulher, sempre de túnica na cabeça. A coluna retrata características ligadas ao feminino, tal qual a divisão biológico-social, presente nas mulheres bíblicas. A coluna é interessante, pois busca incentivar nas leitoras um comportamento feminino “ideal” cristão e utiliza a Bíblia como forma de legitimação. Entre todas as seções direcionadas a mulheres, *Assim como Nós* é a que chama maior atenção. Nela são informados de forma direta qual o comportamento e qual a forma de agir esperados de uma mulher, sempre em conexão com as características “essenciais” femininas. “Fiel às Escrituras, Eunice se tornou mãe de um dos grandes companheiros do apóstolo Paulo” (MLFC, ano 1, n. 6, p. 16, 2001). Nota-se a valorização da mulher hierarquicamente inferior no trecho acima. Sua importância baseia-se no papel de mãe que desenvolveu. O reconhecimento da importância de Eunice deve-se à maternidade, e os adjetivos relacionados a ela no corpo da matéria são amorosa, carinhosa, perseverante. Não se vê o reconhecimento de Eunice por si, mas por ter sido mãe.

A seção *Com Estilo* é uma coluna de moda na qual são apresentadas as tendências para o período. A seção contém fotos das modelos com os *looks* e pequenas explicações sobre cores e tecidos ao lado. Em muitas edições, a coluna é voltada para uma ocasião especial como Natal, Réveillon, Casamentos. Nota-se que as tendências são sempre de acordo com os usos e costumes da igreja, ou seja, as saias e vestidos são sempre abaixo do joelho, sem muitos decotes. Destacam-se as cores e tecidos delicados, ligados à feminilidade.

A seção *Ela em Destaque* traz em suas páginas matérias com mulheres que se destacam, de alguma forma, para além do espaço doméstico. As mulheres destacadas na coluna são reconhecidas por suas carreiras profissionais. Essas mulheres, todas ligadas à Assembleia de Deus, são policiais, arquitetas, professoras, assistentes sociais, turismólogas, promotoras. Algumas têm seus trabalhos ligados à igreja, utilizam a

profissão na evangelização e nos trabalhos sociais feitos através da Assembleia de Deus. Outras são destacadas em suas carreiras profissionais “por intermédio de Deus”, conforme cita a revista (MLFC, ano 1, n. 6, p. 52, 2001). A coluna *No tom certo apresenta* mulheres envolvidas no meio musical gospel. Pode-se dizer que as colunas fazem contraponto com a seção *Assim como Nós*. Enquanto *Ela em Destaque* e *No tom certo* exaltam a mulher profissional, de sucesso em sua carreira, *Assim como Nós* exalta a mulher “dona de casa”, inserida no espaço privado, submissa ao marido, à fé, à igreja.

As seções são relevantes na medida em que permitem creditar dois tipos de imagens femininas projetadas pela revista. Ao mesmo tempo em que em *Mulher, Lar & Família Cristã* transparece uma imagem feminina ligada às características de inserção no espaço doméstico, relativas à maternidade e à fragilidade, a seção *Ela em Destaque* e *No tom certo* mostram a mulher inserida no espaço público. A mulher é reconhecida por seu sucesso profissional e não por ser dócil, frágil, carinhosa, dona de casa.

Entre Amigas é o espaço destinado às leitoras que têm interesse em se corresponder com outras leitoras. Na coluna, são compartilhados os endereços, nomes, profissões e igrejas dessas mulheres. O objetivo desta seção é estimular a amizade entre as leitoras de *Mulher, Lar & Família Cristã* em todo o país. “A distância não vai ser obstáculo para esse vínculo. Se você quer ter uma nova amiga, preencha o cupom abaixo e envie para a revista *Mulher, Lar & Família Cristã*, Avenida Brasil nº 34.401, Bangu, Rio de Janeiro. CEP 21852-000” (MLFC, ano 3, n. 12, p. 21, 2002). A seção destina-se às mulheres, e essa intenção pode ser notada na passagem acima. Nenhuma edição traz o nome e o endereço de homens. Porém, há um espaço no cupom para o preenchimento da profissão do marido. Ainda que a coluna não seja destinada aos homens, esses se fazem presentes. Quanto maior o cargo do marido

dentro da Assembleia de Deus, maior o *status* social da mulher. Nesse caso, o reconhecimento social da mulher é reflexo da posição de seu esposo e não de si própria.

Opinião assemelha-se à seção *Entre Amigas*. Na página, há o endereço da revista para que as leitoras deem sugestões sobre o periódico. Interessa salientar que a coluna está presente em todas as edições e em nenhuma delas encontra-se a opinião masculina. A coluna não se dirige, exclusivamente, às mulheres. No entanto há algo implícito.

Entre nós, mulheres é uma coluna escrita por Sonia Pires Ramos, psicóloga clínica, na qual se discutem temas relacionados à família e à vida religiosa. A seção ocupa apenas uma página, e, nela, as passagens bíblicas são utilizadas constantemente para legitimar o argumento da autora.

A coluna *Estética* destina-se às mulheres na medida em que, em suas páginas, apenas fotos femininas são mostradas. E em algumas edições as autoras – sempre mulheres – dirigem-se de forma direta à mulher, como no seguinte caso: “Escova definitiva: uma novidade que está fazendo a cabeça das brasileiras” (MLFC, ano 3, n. 15, p. 33, 2003). Porém, também são abordados assuntos de cunho unissex. Entretanto, na vitrine – espaço destinado à propaganda de produtos – os produtos são ligados à higiene feminina.

Feito por mim e *Na ponta da agulha* assemelham-se à seção *Casa e Decoração* da revista *Nosso Lar*. Nessas seções, são encontradas instruções para confeccionar enfeites para enfeitar a casa, presentear amigos ou mesmo para serem vendidos. São encontradas também informações para a confecções de bordados variados em roupas de cama, panos de prato, toalhas. *Na ponta da agulha*, no editorial da quarta edição da revista, mostra para qual público está direcionada: “Outro lançamento é *Na ponta da agulha*, para mulheres que têm aptidão para bordados, tricô, crochê e ponto cruz, mas também para aquelas que acham que não têm” (MLFC, ano 1, n. 4, p. 3, 2001).

Mamãe e Cia está presente em todas as edições da revista *Mulher, Lar & Família Cristã*. A coluna ocupa o espaço de uma página, e vários assuntos são tratados em uma mesma edição de forma breve. A coluna, ao se dirigir, exclusivamente, às mulheres, sugere nas entrelinhas uma divisão sexual/gênero do trabalho. À mulher cabe o cuidado dos filhos e da casa e, ao homem, cabe o sustento e a estabilidade financeira, o que sugere uma desigualdade entre os sexos. Com base em Strathern (2006. p. 63), essa desigualdade, interpretada como fenômeno universal, tem a biologia como fator determinante que constrói a partir dela o gênero, com forma dual. A primeira edição de *Mulher, Lar & Família Cristã* mostra que não se deve pensar que a mesma assuma igual postura adotada pelo periódico dos anos de 1990, o que é considerado por alguns. A revista, logo de início, traz uma imagem de mulher moderna, evidenciando que a realização profissional é valorizada. Entretanto, há também a imagem de uma mulher inserida no espaço privado, vendo-se a valorização da mulher como dona de casa, mãe de família.

O *layout* da revista é dinâmico e moderno. As cores de predominância são: azul, amarelo e rosa. A forma como as cores influenciam e causam sensações já foi explicada anteriormente, e, assim como a revista *Nosso Lar, Mulher, Lar & Família Cristã* utiliza as cores de forma objetiva. Há uma modificação entre as duas revistas da cor predominante; enquanto *Nosso Lar* – destinada à família – prioriza os tons de rosa, *Mulher, Lar & Família Cristã* – destinada à mulher – prioriza os tons de azul. A partir do estudo das cores utilizadas nas revistas, nota-se uma irregularidade entre o público a que as revistas dirigem-se e para quais públicos dizem se dirigir.

Nosso Lar diz dirigir-se à família cristã, entretanto suas páginas – com a predominância de tons rosas – destinam-se em sua maioria às mulheres. Já a revista *Mulher, Lar & Família Cristã* que pretende se dirigir prioritariamente à mulher, tem

predominância da cor azul. A mudança no enfoque de cores pode significar uma flexibilização nas ideias referentes aos gêneros. Com uma maior adaptação à modernidade, o periódico não se limita aos tons de rosa. As capas da revista relacionam-se sempre com a reportagem de destaque e 77,78% delas trazem a imagem feminina .

TABELA 23 – *MULHER, LAR & FAMÍLIA CRISTÃ*:

IMAGENS RETRATADAS NAS CAPAS

<i>Imagem</i>	<i>Qtd.</i>	<i>Percentagem</i>
Mulher	21	77,78%
Casal	4	14,81%
Criança	1	3,70%
Mãe e Filho	1	3,70%

Durante todo o período de publicação, *Mulher, Lar & Família Cristã* teve seu corpo editorial reformulado. Contabiliza-se um total de doze funções, entre as quais os cargos de Design Gráfico, Editor Chefe, Editora, Fotografia e Redator aparecem em todas as edições. Quanto aos profissionais, quatro – Antonio Pereira de Mesquita, Eduardo Souza, Regina Coeli e Solmar Garcia – exercem funções em todas as edições da revista.

TABELA 24 – *MULHER, LAR & FAMÍLIA CRISTÃ*: CARGOS NO TOTAL DE

PUBLICAÇÕES

<i>Função</i>	<i>Ocorrências</i>	<i>Percentagem</i>
Design Gráfico	27	100,00%
Editor Chefe	27	100,00%
Editora	27	100,00%
Fotografia	27	100,00%

Redatoras	27	100,00%
Tratamento de Imagens	20	74,07%
Editoria de Arte	19	70,37%
Pauta	10	37,04%
Editoria de Arte	6	22,22%
Ilustrações	4	14,81%
Editoria Eletrônica	2	7,41%
Fotomontagem	2	7,41%

A tabela indica sete cargos principais nas edições da revista, com destaque para cinco deles: Design Gráfico, Editor Chefe, Editora, Fotografia, Redatoras. Comparada à revista *Nosso Lar*, a revista *Mulher, Lar & Família Cristã* tem um quadro de funções mais extenso. Essa diferença pode ser notada desde a capa até a última página da revista; ao contrário do periódico dos anos de 1990, *Mulher, Lar & Família Cristã* traz mais cores e imagens em suas páginas. Nem mesmo o papel utilizado nas publicações é o mesmo. Credita-se essa transformação à função de Design Gráfico, responsável por tornar a leitura mais convidativa e interessante a partir da escolha de cores, ilustrações e fontes.

TABELA 25 – *MULHER, LAR & FAMÍLIA CRISTÃ*:

RELAÇÃO DE OCUPAÇÕES NO TOTAL DE PUBLICAÇÕES

<i>Profissional</i>	<i>Ocorrências</i>	<i>Porcentagem</i>
Antonio Pereira de Mesquita	27	100,00%
Eduardo Souza	27	100,00%
Regina Coeli	27	100,00%
Solmar Garcia	27	100,00%
Claudio Marques	20	74,07%
Sandra Freitas	11	40,74%

Gilda Júlio	10	37,04%
Eugênia Santos	8	29,63%
Eveline Ventura	7	25,93%
Andreia D Mare	6	22,22%
Alexandre Diniz	4	14,81%
Mauro Souza	3	11,11%
Oseas F Maciel	2	7,41%
Eveline Ventura	2	7,41%
Oseas F Maciel	2	7,41%
Rafael Paixão	2	7,41%
Mauro Luiz	1	3,70%
Mauro Souza	1	3,70%
Jose Ignácio	1	3,70%
Mauro Luiz	1	3,70%
Silvia Cadeiro	1	3,70%

Apesar da grande flutuação de cargos e funcionários, a revista manteve, em todas as suas edições, um núcleo uniforme, tanto relacionado ao campo profissional quanto relativo às funções. Esse núcleo permitiu que a revista mantivesse a mesma linha de pensamento, de conteúdo e de *layout*, do primeiro ao último exemplar.

TABELA 26– *MULHER, LAR & FAMÍLIA CRISTÃ* - NÚCLEO DE PROFISSIONAIS

<i>Base de profissionais</i>
Antonio Pereira de Mesquita
Eduardo Souza
Regina Coeli
Solmar Garcia
Claudio Marques

TABELA 27 – MULHER, LAR & FAMÍLIA CRISTÃ - NÚCLEO DE FUNÇÕES

<i>Base de Funções</i>
Design Gráfico
Editor Chefe
Editora
Fotografia
Redatoras

O próximo subitem expõe os conteúdos abordados nos 27 volumes da revista *Mulher, Lar & Família Cristã*. A análise desses conteúdos será abordada posteriormente, na busca de revelar a imagem feminina projetada a partir das publicações impressas assembleianas – *Mulher, Lar & Família Cristã e Nosso Lar*.

3.2. Conteúdo da revista

Em todas as edições de *Mulher, Lar & Família Cristã*, pode-se perceber uma linearidade nos temas trabalhados. Acredita-se que a manutenção de um núcleo profissional responsável pela criação contribua para a manutenção de posturas de pensamentos. A tabela 28 traz as colunas fixas da revista.

TABELA 28 – MULHER, LAR & FAMÍLIA CRISTÃ: SEÇÕES FIXAS

Aconteceu comigo	Lazer
Arte de cozinhar	Mamães & Cia
Assim como nós	Mãos no arado
Atualidades	Missão de Vida
Casa e Decoração	Na ponta da agulha
Com estilo	No tom certo

Educando	Nutrição
Ela em destaque	O Médico responde
Entre amigas	Opinião
Entre nós, mulheres	Painel
Entrevista	Pelo Brasil
Estética	Saúde
Família	Usadas por Deus
Feito por mim	

Grande parte do conteúdo da revista aborda questões referentes à mulher e ao papel doméstico desta. Porém, saltam aos olhos certas diferenças que *Mulher, Lar & Família Cristã* tem em relação à *Nosso Lar*. A diferença inicia-se na elaboração das capas das revistas. Enquanto *Nosso Lar* enfatiza a figura do casal, *Mulher, Lar & Família Cristã* enfatiza a figura da mulher moderna, capaz de conciliar atividade doméstica à vida profissional. Importante salientar que grande parte das mulheres que está nas capas das publicações exerce algum tipo de função para além da doméstica. As capas abaixo estão expostas em ordem de publicação, partindo da primeira fileira no sentido da esquerda para a direita.

As capas expostas na página seguinte ilustram as 27 edições da revista *Mulher, Lar & Família Cristã*. Nelas, encontram-se a matéria central de cada edição e as matérias mais relevantes. A questão racial não é tema abordado em nenhuma edição da revista, e a percentagem de mulheres negras nas capas é de 7,4%. Os assuntos que abordam temas políticos e relacionados a drogas que aparecem nas capas representam 2,74% cada um. A percentagem que retrata o relacionamento entre casais é de 37,04%, o relacionamento entre pais e filhos figura em 18,52%, o tema família aparece em 14,81%; em nenhuma capa aparece o tema economia.

IMAGEM 11 – MULHER, LAR & FAMÍLIA CRISTÃ –CAPAS DE TODAS AS EDIÇÕES



Alguns fatores chamam atenção no que diz respeito às capas de *Mulher, Lar & Família Cristã*: 1. Dentre as 27 edições, o título aparece em cor vermelha em 25 delas. Em uma edição, o título aparece na cor verde e, na outra, o título aparece em cinza. 2. Ao analisar a relação entre as capas e as funções responsáveis pela arte gráfica, verificou-se que as duas capas com os títulos em cores diferentes foram feitas pela mesma pessoa responsável pelas demais, Eduardo Souza. 3. Entre 32 pessoas que aparecem nas capas, 26 são mulheres.

A partir da análise das capas, percebe-se uma transformação entre a revista *Nosso Lar* e *Mulher, Lar & Família Cristã*. Em *Nosso Lar*, reportagens relacionadas à família aparecem em 100% das capas, enquanto em *Mulher, Lar & Família Cristã* o tema aparece em 14,81%. O foco central foi transferido da família para a mulher. A questão relacionada à política, ainda que de forma tímida, aparece duas vezes. Entretanto assuntos ligados a economia e questões raciais não participam da pauta.

Chama atenção a centralidade do papel da mulher transmitido através das capas. Retrata-se uma mulher moderna, com capacidade de conciliar tarefas domésticas com o lado profissional.

Os assuntos abordados tanto nas capas quanto no interior da revista não divergem quanto aos temas; os mesmos são recorrentes e ligados à pauta feminina. Assuntos como política e economia, considerados como “assuntos masculinos”, não são encontrados nas páginas da revista, salvo as duas aparições de Marina Silva. *Mulher, Lar & Família Cristã* propõe uma imagem de mulher mais moderna e atuante, mas até que ponto? O artigo *Mulheres na linha de frente*, escrito por Hosana Marinho da Silva, membro da Assembleia de Deus de Cordovil, sugere esse limiar.

Elas se organizam no serviço social e em grupos de oração, de visitas, de louvor, de apoio específico à família nos núcleos familiares, realizando cultos edificantes (...) a submissão foi dada à mulher pelo Senhor, como um princípio que não pode ser ignorado. Primeiramente ao Senhor, e depois ao homem, a quem Deus constituiu como “cabeça” da mulher (...) ser feminina é diferente de ser feminista. (MLFC, ano 1, n. 58 e 60, p. 35, 2003)

A passagem evidencia homem e mulher como duas variantes, superior e inferior. De acordo com a revista, não se deve questionar a submissão da mulher, uma vez que o homem é a parte racional do casal. A liderança feminina, nesse ponto, está ligada a um homem – ser pensante, racional – para direcionar a mulher – dotada de sentimentalismo e emoções – à liderança. As linhas sugerem um princípio de divisão entre masculino – ativo – e feminino – passivo e, por conseguinte, uma hierarquia fundamentada na divisão sexual/gênero. As reuniões femininas retratadas na revista estão em

consonância com a reportagem anterior ao mostrarem mulheres atuantes.

Tais reuniões como a UNEMAD (Nacional de Esposas de Ministros das Assembleias de Deus), UFADERJ (União Feminina Das Assembleias de Deus), UNEMADES (União de Esposas de Ministros das Assembleias de Deus no Espírito Santo), UFADEB (União Feminina da Assembleia de Deus do Brasil) são recorrentes nas páginas de *Mulher, Lar & Família Cristã*. Nessas matérias, a imagem feminina passada relaciona-se com a importância da participação feminina na igreja. As mulheres destacam-se no meio missionário, mas, sobretudo, destacam-se a partir de seus maridos. Duas das três Uniões acima guardam semelhanças, inclusive pelos nomes. Nelas o que se vê é o cargo que o marido exerce na instituição religiosa. Antes de serem mulheres, elas são esposas de Ministros da Assembleia de Deus.

REPORTAGEM
Por Liliane Christians

Lugar de destaque

Congresso Nacional da Ufadedb destaca o crescimento feminino na igreja

Maioria no mundo e também nas igrejas, as mulheres, vistas como frágeis, mostram que, na verdade, compõem o sustentáculo da igreja. A Bíblia relata exemplos de mulheres que se destacaram ao serem escolhidas e usadas por Deus em momentos críticos da história de Israel. Apesar disso, elas ainda ficavam de fora dos recenseamentos e não eram sequer contadas como parte do povo. Seja no Círculo de Oração, na assistência social, no louvor ou na Escola Dominical, as mulheres da igreja de hoje são peças importantes para o bom desempenho da obra de Deus e estão sempre bem preparadas para enfrentar as situações mais adversas.

Mulheres alcançando vitória em tempos de crise foi o tema do 1º Congresso Nacional da União Feminina das Assem-

bléias de Deus do Brasil (Ufadedb), em novembro, no Mineirão, em Belo Horizonte. O evento contou com um grande número de mulheres que inundou o estádio com a beleza e o fervor e a afetividade, marcantes das servas de Deus.

A abertura da festa foi marcada pelo esforço e dedicação de cerca de 600 mulheres de diferentes congregações, que fizeram uma coreografia formando um grande mapa do Brasil com uma mulher sendo construída para cada Estado alcançado pelo Evangelho, contando assim a história das Assembleias de Deus no país. Ensaio realizado três meses em seu santuário (gr). Espera-se que o congresso resulte em bênçãos da parte de Deus", ressaltou Juliana Custódia Pereira, da AD em Jardim Astor, na capital mineira, minutos antes de entrar no estádio. Juliana foi uma das 600 irmãs que partici-

ram do cerimonial organizado por Jael Rodrigues de Oliveira, do templo central em Belo Horizonte. "Deus me deu o cerimonial e eu convoquei voluntárias nas igrejas dentre jovens solteiras, casadas, idosas, a mais velha com 92 anos, que ensaiaram com muita dedicação", se alegrou Jael.

Alegria

Este também foi o sentimento das mulheres que visitaram o túmulo de Jesus e o encontraram vazio. "Os homens ficaram amedrontados e não foram", ressaltou o anfitrião da festa, pastor Anselmo Silvestre, vice-presidente da CGADB e presidente da Convenção Mineira. Comparando os tempos que vivemos com uma guerra, pastor Anselmo afirmou que as mulheres, especialmente as que fazem parte do Círculo de Oração, são a bateria

IMAGEM 12 – CONGRESSO DA UFADEB (MLFC, ANO 1, N. 4, P. 25, 2001)

A reportagem acima destaca o 1º Congresso Nacional das Assembleias de Deus no Brasil, realizado em Belo Horizonte. O objetivo da reportagem é mostrar o aumento da participação feminina dentro da igreja e a importância da mulher para construção e manutenção da instituição. Em um Congresso feminino, é de se esperar que a mulher tenha papel preponderante, caso que não ocorre no que diz respeito à organização do evento.

O evento para comemorar a participação feminina na Assembleia de Deus não só foi organizado, mas também presidido, por um homem. Como explicar essa discrepância entre objetivo e prática? Bourdieu (2011, p. 108) dá dicas sobre o assunto ao afirmar que há um aumento na participação das mulheres no campo profissional, mas que esse aumento não significa que as mulheres exerçam cargos de autoridade e responsabilidade. O mesmo ocorre dentro da igreja; as mulheres que participaram do Congresso são importantes para a instituição, assumindo funções de esposas, missionárias, coordenadoras de círculos de orações. Quando se trata de cargos com alto grau de poder, esses são relegados aos homens. Como então a revista constrói a imagem feminina?

3.3. Análise da revista

Para identificar a construção da imagem feminina, alguns dados são importantes. Assim como a revista *Nosso Lar, Mulher, Lar & Família Cristã* não traz todas as suas matérias assinadas. Entre 68 matérias com autoria, 47 são assinadas por mulheres e 21 assinadas por homens. São 69,11% de autoras para 30,80% de autores. Os números mostram uma postura diferente se comparada com a revista *Nosso Lar*. Em uma revista direcionada ao público feminino, a maior parte das reportagens é feita por mulheres. Dois editoriais possibilitam demonstrar a

imagem de mulher construída por Mulher, Lar e Família Cristã e permitem fazer um paralelo com a imagem feminina construída na revista Nosso Lar.

A primeira publicação do corpo editorial de *Mulher, Lar & Família Cristã* talvez seja um bom exemplo de transformação em relação às posturas de pensamento entre as duas revistas.

Estamos aqui diante de um novo e agradável desafio. Produzir uma revista direcionada à mulher cristã. Ativa no campo profissional, político e no lar, a mulher que serve a Deus concilia tudo isso com uma participação dinâmica nas atividades da igreja, precisa estar consciente dos propósitos divinos para a sua vida e bem preparada para os desafios diários (...). A difícil tarefa de conciliar trabalho e carreira profissional é o tema abordado na reportagem de capa. A tarefa da mãe moderna não mais se resume a cuidar da organização da casa. Além de dedicar-se aos filhos, ela também se preocupa com a carreira profissional. A repórter Patrícia Scott ouviu como algumas mulheres cristãs lidam com essa questão e descobriu que elas dão prioridade à estabilidade do lar (MLFC, ano 1, n. 1, p. 4, 2000).

É possível notar uma postura mais flexível em relação à imagem feminina. Nesse primeiro editorial, percebe-se a preocupação da revista em mostrar uma mulher atuante no espaço público. *Mulher, Lar & Família Cristã* adapta-se às transformações ocorridas na sociedade, projeta uma imagem feminina cristã e, ao mesmo tempo, ativa na sociedade. Na primeira edição, seis matérias evidenciam a mulher no espaço público. Cinco delas expressam a necessidade de a mulher conciliar a vida doméstica com a vida pública. Nelas, apesar da inserção fora do espaço doméstico, a preponderância é dada ao papel de mãe e esposa.

Simplemente mulher (...) No lar, na igreja e na sociedade a participação feminina é fundamental e faz a diferença (...) Mulher que luta, mas nunca esquecendo seu papel dado por Deus de esposa e mãe. (MLFC, ano 1, n. 1, p. 48, 2000)

Mãe e profissional: como conciliar? Mostra as dificuldades que as mães encontram para manter suas carreiras, sem que isso prejudique sua relação com os filhos (...) Mesmo trabalhando fora, mulheres investem na estruturação da família (...) Primeiro lugar está Deus, em segundo, a família e depois, a profissão. (MLFC, ano 1, n. 1, p. 7, 2000)

Estas matérias retratam mulheres que assumem papéis no espaço público na sociedade, *locus* considerado masculino. Atuam no espaço público através da igreja ou através de suas profissões. Importante notar que em todas as matérias, ainda que essas mulheres tenham rompido com a ordem dominante, ao se inserirem no espaço público, ainda assumem a função doméstica como prioridade.

As mulheres que aparecem de alguma forma inseridas no espaço público – mulheres anônimas, mulheres públicas, mulheres negras, mulheres brancas, mulheres casadas, mulheres solteiras, mulheres jovens, mulheres idosas – têm, mesmo em meio a tantas diferenças, um aspecto em comum, a religião. Todas fazem parte da igreja Assembleia de Deus.

Tais mulheres, que atuam no trabalho social, na educação, na política e em missões em outros países, não podem ser classificadas como “apenas submissas aos maridos”. Muitas delas não são casadas, e outras, mesmo quando casadas, decidiram abrir mão de uma vida centrada no doméstico em favor de uma vida pública. Nota-se que estas mulheres fazem política ao passo que precisam construir parcerias e relações para obtenção do resultado pretendido.

Vale ressaltar aqui, a título de curiosidade, um caso recorrente nas publicações analisadas. Em alguns volumes, existe uma coluna intitulada: *Família*. Nela, o pastor Josué Gonçalves responde às perguntas dos leitores, em grande maioria formulada por mulheres. Não é difícil encontrar, nesta coluna, relatos de mulheres que têm ou tiveram relacionamentos extraconjugais. Notadamente, a preocupação destas mulheres gira em torno da submissão à religião e não ao marido.

As mulheres retratadas – atuantes na esfera política – saíram da esfera doméstica e ganharam o espaço público, visto como *locus* masculino. Outras, mesmo na esfera doméstica, demonstram não ser submissas aos maridos, tal qual o exemplo citado. Com base nessas mulheres, a imagem feminina projetada pela revista vai de encontro à representação de uma mulher submissa. Contudo, a imagem que a revista projeta não pode ter como base apenas esses exemplos.

Para fazer contraponto à imagem de mulher moderna, atuante na esfera pública, não submissa, o editorial de nov./dez. de 2000 é um bom exemplo.

Transformação só em Jesus! Muito se tem falado na violência contra a mulher no casamento, mas o Cristo que há dois mil anos deu visão ao cego, fez paraplético andar e ressuscitou os mortos é o mesmo que faz milagres ainda hoje. As injustiças domésticas são feridas que precisam ser expostas, reconhecidas e tratadas. Será que as pessoas que vivem essa realidade acreditam na restauração de seus lares? Com base bíblica afirmamos que isso é possível. Basta ter fé e submissão a Deus do impossível (...) A reportagem de capa mostra mulheres que viveram a angústia de ter um lar despedaçado pela violência. De um lado, maridos opressores. De outros, mulheres – e em consequência filhos – tristes, amargurados

e acuados. Elas, porém, venceram ao buscarem em Cristo a transformação, o perdão e a reconciliação para seus casamentos. (MLFC, ano 1, n. 3, p. 3, 2000)

A inferioridade hierárquica feminina é retratada no editorial acima em forma de violência, e a legitimação desse comportamento parte da Bíblia. Traço marcante da projeção de imagem feminina submissa e presa ao espaço público é a seção *Assim como nós*, publicada em todas as edições da revista. Nessa coluna, são ressaltadas as características ligadas à feminilidade, responsáveis pelo sucesso das mulheres bíblicas.

À disposição de Deus (...) Maria, mãe de Jesus, um exemplo de obediência e fé (...). Em todas as ocasiões em que se faz menção à mãe de Jesus nos Evangelhos, ela sempre demonstra espírito de solidariedade, doação, generosidade, tranquilidade, observação. (MLFC, ano 1, n. 3, p. 16-17, 2000)

Há esforço das instituições tradicionais, produtoras de sentidos no processo de produção simbólico-religioso, de secundarizar a mulher. A imagem feminina não é vista como papel central dentro da religião, mas, sim, em um papel secundário.

O discurso baseado na inferioridade natural da mulher baseia-se na diferenciação biológico-social, na qual se vê a construção sociocultural fundamentada em uma diferenciação a partir do sexo, repercutindo na divisão do trabalho. Essa visão se infiltra dentro das Igrejas e gera a disparidade entre homem/mulher. Boa parte das matérias publicadas e já citadas aqui evidencia a dominação masculina, na qual há uma divisão social do trabalho e a legitimação da hierarquização dos sexos pelas instituições detentoras de capital simbólico.

Importante a aplicação das teorias de gênero para a compreensão de um paradoxo dentro da Igreja Assembleia de Deus. Apesar de redatoras da revista publicada pela CPAD, a essas mulheres é negado o acesso a cargos superiores, como, no caso, de Diretora ou redatora-chefe.

Conclui-se que a imagem da mulher projetada pela revista, apesar de inseri-la em um contexto contemporâneo, no qual a mesma tem lugar no espaço público, sugere em suas entrelinhas um “ideal” de mulher ligada ao espaço privado.

Considerações

As revistas analisadas trazem similaridades e disparidades. Suas semelhanças começam por tratarem-se de revistas direcionadas às camadas superiores da população. Com base no cálculo proporcional ao preço das revistas em relação ao valor do salário mínimo, atualmente a revista *Nosso Lar* custaria R\$ 30,73, e a revista *Mulher, Lar & Família Cristã* custaria entre R\$ 15,52 e R\$ 36,01.

Outra similaridade é a projeção de mulher ligada ao espaço privado, centrada nas atividades domésticas, em oposição ao marido, centrado no trabalho. Apesar de *Mulher, Lar & Família Cristã* projetar a mulher no contexto contemporâneo, a imagem que sobressai é a de uma mulher submissa.

Ao relacionar as duas partes propostas para essa dissertação, pode-se concluir que a imagem feminina na revista *Nosso Lar* é consonante com os períodos compreendidos entre 1911 e 1988. Nesse caso, a identidade assembleiana assumia uma postura mais conservadora e ainda mantinha certa distância do mundo. A imagem feminina de submissão ao marido, inserida no espaço privado e no espaço doméstico, conecta-se a essa antiga postura de pensamento. O trecho abaixo, escrito por Beverly LaHaye, evidencia essa ideia:

A dona de casa perfeita (...). A mulher casada é dona de casa, cuidando do lar para o marido e os filhos. Deus criou a mulher para ser auxiliar. A mulher virtuosa é aquela que atende ao bom andamento de sua casa. (NL, ano 3, n. 4, p. 14, mar.-abr. 1995.)

Já a revista *Mulher, Lar & Família Cristã* relaciona-se de melhor maneira com o perfil mais moderno assumido pela Assembleia de Deus a partir de 1988. Nota-se na revista um ideal de mulher centrado no privado, mas com a possibilidade de interação no espaço público, principalmente, quando há relação com a Igreja e com a religião.



IMAGEM 13 – ENTREVISTA COM MARINA SILVA – *MULHER, LAR & FAMÍLIA CRISTÃ* (ANO 3, N. 15, P. 5, 2003)

A entrevista realizada pela revista *Mulher, Lar & Família Cristã*, no ano de 2003, com Marina Silva, demonstra como o periódico mantém relações com o perfil adotado pela igreja Assembleia de Deus após 1988. Não bastasse a inserção no campo político pelos homens, a revista mostra também a inserção das mulheres no campo público, sobretudo no domínio político, *locus* de poder, no qual há predominância masculina. No entanto, a credibilidade feminina no espaço público deriva da submissão à religião.

Conclusão geral

Com o objetivo de identificar a imagem feminina nos periódicos publicados pela CPAD, ligados à Igreja Assembleia de Deus, houve necessidade de investigar a longo alcance como a identidade assembleiana é construída dentro da igreja e a partir de quais influências. A investigação da origem e implantação do movimento pentecostal de forma geral, mas, sobretudo no Brasil, abriu caminhos para a compreensão da identidade assembleiana.

Perceber como a perspectiva escatológica e as visões pré-milenarista e pós-milenarista influenciam o comportamento do ser pentecostal como sujeito dotado de ações teve sua relevância. Quando se buscou identificar a identidade sob um viés milenarista, o trabalho de identificação e compreensão das transformações ocorridas no interior da Assembleia de Deus foi facilitado. A partir da periodização de Alencar (2012), pôde-se associar visões pré-milenaristas e pós-milenaristas a períodos distintos da Assembleia de Deus.

Partindo da premissa de que a Igreja Assembleia de Deus, maior igreja pentecostal do Brasil, na atualidade, é heterogênea em sua composição, algumas observações foram consideradas: 1. O trabalho propôs-se investigar a imagem feminina a partir de periódicos publicados pela CPAD. Isso significa que a imagem feminina identificada em *Nosso Lar e Mulher, Lar & Família Cristã* relaciona-se a uma vertente da Assembleia de Deus ligada à CGADB; 2. Mesmo as igrejas ligadas à Convenção Geral assumem estruturas e formas de organização distintas, apesar de obedecerem aos mesmos *Usos e Costumes*; 3. A pesquisa, de caráter puramente bibliográfico, não permite

afirmar que a imagem feminina passada através das publicações sirva para as leitoras, de forma direta, para a construção da identidade. Assim, não há como afirmar se essas leitoras ressignificam a imagem passada pelas revistas, nos seus cotidianos; 4. Em hipótese alguma o trabalho pretende afirmar que o resultado encontrado, relativo à imagem feminina, é o único presente no interior da Assembleia de Deus.

O primeiro ponto a ser considerado, com base na análise das revistas *Nosso Lar e Mulher, Lar & Família Cristã*, revelou-se inesperado. O estudo identificou duas formas de imagem feminina. Em um tipo de imagem feminina, a mulher é representada de forma contemporânea e moderna – ativa, que trabalha fora. No outro tipo, a mulher é projetada de forma mais conservadora – adjutora do esposo e “rainha do lar”. Interessante notar dois pontos. Primeiramente, como se vê no exemplo abaixo, as duas imagens femininas não se opõem.



IMAGEM 14 – MULHER, LAR & FAMÍLIA CRISTÃ (ANO 1, N. 1, P. 49, 2000)

O segundo ponto a ser notado é que, na revista *Nosso Lar*, a imagem de uma mulher ligada ao espaço privado aparece com mais frequência do que na revista *Mulher, Lar & Família Cristã*.

Os dois tipos de imagens femininas verificados na revista *Nosso Lar*, com sobreposição de uma imagem mais conservadora, retratam o corpo editorial da revista. A maior parte das reportagens é escrita por homens em uma revista ligada ao público feminino. A marca da dominação masculina é encontrada com maior facilidade no periódico dos anos de 1990. A forma e o conteúdo da revista ligam-se de melhor forma a uma concepção mais conservadora de Assembleia de Deus, na qual mulheres e homens devem exercer suas funções de acordo com a divisão sexual/gênero do trabalho.

Já a revista *Mulher, Lar & Família Cristã* apresenta as duas imagens femininas de maneira mais equiparada. A maior parte das reportagens é escrita por mulheres, demonstrando uma transformação na linha de pensamento de uma revista para outra. Entretanto, mesmo as reportagens que retratam a mulher no espaço público priorizam a mulher no espaço privado. Dessa forma, em todas as matérias que possibilitam a construção da imagem feminina, a função preponderante ligada à mulher recai sobre a vida doméstica.

Outro fator que merece destaque são os temas abordados nos dois periódicos. Assuntos ligados à política e à economia aparecem de forma tímida. Quando se veem matérias relacionadas a temas políticos, a política não é o tema central, mas, sim, a submissão e a fé da mulher em Deus e na religião. Quando o tema abordado é economia, o mesmo aparece de duas formas: 1. Economia doméstica; 2. Consumismo. Ou seja, a abordagem do tema economia é feita de modo a referenciar o feminino, tendo por base a teoria de gênero de caráter universal. Nota-se nas entrelinhas a mulher ligada à economia do lar,

por desempenhar o papel de dona de casa, e ao consumismo de bens supérfluos, gerado pela emoção do momento da compra.

Após análise do material, pode-se dizer que as imagens femininas encontradas a partir das revistas passam a ideia de uma mulher subordinada a Deus e ao marido, exercendo como função principal as tarefas de dona de casa e mãe de família. Nota-se a mulher assembleiana presa a uma hierarquia valorativa de dominação, na qual a submissão é legitimada com base na Bíblia. Passagens tais como: “E ele mesmo deu uns para apóstolos, e outros para profetas, e outros para evangelistas, e outros para pastores e doutores” (EFÉSIOS 4:11) e “E disse o Senhor Deus: Não é bom que o homem esteja só; far-lhe-ei uma ajudadora idônea para ele” (GÊNESIS 2:18) são constantemente utilizadas para legitimar a posição e o papel da mulher – hierarquicamente inferior – no interior da igreja e na vida privada.

Por hora, basta a ideia de que a imagem feminina nas revistas mantém um ideal de mulher submissa e subalterna ao homem. A relação de desigualdade entre gêneros/sexo constatada-se verdadeira. O papel da mulher dentro da igreja e na sociedade, ao longo do tempo, vem sendo transformado. No entanto, a credibilidade dada a ela e a responsabilidade ainda são inferiores àquelas incumbidas aos homens. O poder é distribuído de maneira desigual entre homens e mulheres, naturalizando o papel de submissão feminino na Igreja, no lar, no trabalho.

Referências bibliográficas

- ALENCAR, Gedeon Freire de. *Assembleias Brasileiras de Deus: teorização, história e tipologia -1911 – 2011*. 2012. 285 f. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.
- ALMEIDA, Abraão et al apud ARAUJO, Isael de. *Dicionário do movimento pentecostal*. 1 ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2007. p. 1.
- ANTONIAZZI, Alberto et al. *Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo*. Petrópolis: Editora Vozes, 1996.
- ARAUJO, Isael de. *Álbum comemorativo dos 70 anos da CPAD: história da casa publicadora das assembleias de deus - 1940 a 2010*. Rio de Janeiro: CPAD, 2010.
- ARAUJO, Isael de. *Dicionário do movimento pentecostal*. 1. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2007.
- ARAUJO, Isael de. *100 mulheres que fizeram a história das Assembleias de Deus no Brasil*. 4. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2012.
- BANDINI, Claudirene Aparecida de Paula. Um olhar sobre as transformações de identidades e práticas sociais de líderes femininas pentecostais. *Revista Brasileira de História das Religiões*, ano 2, n. 5, set. 2009.
- BELLOTTI, Karina Kosicki. *Delas é o reino do céus: mídia evangélica infantil na cultura pós-moderna do Brasil (anos 1950-2000)*. São Paulo: Annablume: Fapesp, 2010.
- BELLOTTI, Karina Kosicki. Gênero e religião. *Revista Aulas*, n. 4, abr./jul. 2007.

- BELLOTTI, Karina Kosicki. Joyce Meyer: bem-estar espiritual e emocional na mídia evangélica. *Revista Brasileira de História das Religiões*, ano 4, n. 10, maio 2011.
- BÍBLIA SAGRADA. São Paulo: Editora Paulinas, 2009.
- BIRMAN, Patrícia. Mediação feminina e identidades pentecostais. *Cadernos Pagu*, p. 201-226, 1996. Disponível em: < <http://www.trabalhosfeitos.com/ensaios/Media%C3%A7%C3%A3o-Feminina-e-Identidades-Pentecostais/566077.html>>. Acesso em: 3 jun. 2013.
- BIRMAN, Patrícia. O Espírito Santo, a mídia e o território dos crentes. *Ciências Sociais e Religião*, Porto Alegre, ano 8, n. 8, p. 41-62, out. 2006.
- BIRMAN, Patrícia. O poder da fé, o milagre do poder: mediadores evangélicos e deslocamento de fronteiras sociais. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 18, n. 37, p. 133-153, jan./jun. 2012.
- BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. 10. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.
- BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. 7. ed. São Paulo: Perspectiva, 2013.
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão de identidade*. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.
- CAMPOS, Leonildo Silveira. Evangélicos e mídia no Brasil: uma história de acertos e desacertos. *Revista de Estudos da Religião*, p. 1-26, 2008. Disponível em: <http://www.pucsp.br/rever/r3_2008/t_campos.pdf>. Acesso em: 15 set. 2013.
- CAMPOS, Leonildo Silveira. Evangélicos, pentecostais e carismáticos na mídia radiofônica e televisiva. *Revista USP*, São Paulo, n. 61, p. 146-163, mar./maio 2004.
- CAMPOS, Leonildo Silveira. Os mapas, atores e números da diversidade religiosa cristã brasileira: católicos e evangélicos entre 1940 e 2007. *Revista de Estudos da*

- Religião*, São Paulo, p. 9-47, dez. 2008. Disponível em: < http://www.pucsp.br/rever/rv42008/t_campos.pdf>. Acesso em: 11 ago. 2013.
- CARVALHO, Anabela. Opções metodológicas em análise de discurso: instrumentos, pressupostos e implicações. *Comunicação e Sociedade* 2, v. 14(1-2), p. 143-156, 2000.
- CARVALHO, Maristela Moreira de. Teologia(s) feminista(s) e movimento(s) feminista(s) na América Latina e no Brasil: "origens" e memória. Disponível em: < http://www.fazendogenero.ufsc.br/7/artigos/M/Maristela_Moreira_de_Carvalho_40.pdf>. Acesso em: 13 jul. 2013.
- CENSO DEMOGRÁFICO 2010. Rio de Janeiro: IBGE, v. 1. 2012.
- CHRYSOSTOMO, Elba Oliveira. A mulher negra evangélica e a rejeição do homem negro evangélico. Disponível em: < <http://cnnbca.blogspot.com.br/2007/09/mulher-negra-evangelica-e-rejeio-do.html>>. Acesso em: 13 jul. 2013.
- CORRÊA, Marina Aparecida Oliveira dos Santos. Alterações das características da igreja Assembleia de Deus no bairro Bom Retiro em São Paulo. *Azusa*, jul. 2011.
- CORRÊA, Marina Aparecida Oliveira dos Santos. *A operação do carisma e o exercício do poder: a lógica dos ministérios das igrejas Assembleias de Deus no Brasil. 2012. 351f.* Tese (Doutorado em Ciências da Religião) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.
- COUTO, Márcia Thereza. Gênero, família e pertencimento religioso na redefinição de ethos masculinos e femininos. *ANTHROPOLÓGICAS*, ano 6, v. 13(1), p. 15-34, 2002.
- COUTO, Márcia Thereza. Na trilha do gênero: Pentecostalismo e CEBS. *Estudos feministas*, ano 2, p. 362, 2002.
- CUNHA, Magali do Nascimento. *Vinho novo em odres velhos: um olhar comunicacional sobre a explosão gospel no cenário religioso evangélico no Brasil. 2004. 347f.* Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

- DELUMEAU, Jean apud ROCHA, Daniel. *Venha nós ao vosso reino: rupturas e permanências nas relações entre escatologia e política no pentecostalismo brasileiro*. 2009. 146f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.
- DESROCHE apud ROCHA, Daniel. *Venha nós ao vosso reino: rupturas e permanências nas relações entre escatologia e política no pentecostalismo brasileiro*. 2009. 146f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.
- DINIZ, Débora; FROLTRAN, Paula. Gênero e feminismo no Brasil: uma análise da Revista Estudos Feministas. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 12, set./dez. 2004. Disponível em: < <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-026X2004000300026> >. Acesso em: 15 jul. 2013.
- FRESTON, Paul. As duas transições futuras: católicos, protestantes e sociedade na América Latina. *Ciências Sociais e Religião*, Porto Alegre, ano 12, n. 12, p. 13-30, out. 2010.
- FRESTON, Paul. Breve história do pentecostalismo brasileiro. In: ANTONIAZZI, Alberto et al. *Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo*. Petrópolis: Vozes, 1996. p. 67-99.
- FRESTON, Paul. *Protestantes e política no Brasil: da constituinte ao impeachment*. 1993. 303f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1993.
- FROSSARD, Miriane Sigiliano. *Caminhando por terras bíblicas: religião, turismo e consumo nas caravanas evangélicas brasileiras para a Terra Santa*. 2013. 407f. Tese (Doutorado em Ciência da Religião) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2013.

- GÊNÊSIS 2:18. In: *BÍBLIA SAGRADA*. São Paulo: Editora Paulinas, 2009.
- GOMES, Angela de Castro. Ideologia e trabalho no estado novo. In: PANDOLFI, Dulce (org.). *Repensando o Estado Novo*. Rio de Janeiro: FGV, 1999. p.53-72.
- IBGE: instituto brasileiro de geografia e estatísticas. Disponível em: <[http:// seriesestatisticas.ibge.gov.br/series.aspx?v-codigo=POP60&t=populacao-religiao-populacao-presente-residente](http://seriesestatisticas.ibge.gov.br/series.aspx?v-codigo=POP60&t=populacao-religiao-populacao-presente-residente)>. Acesso em: 24 abr. 2014.
- LOPES, Noêmia de Fátima Silva et al. Religião, família e gênero entre lideranças comunitárias católicas de Soledade/MG. *Revista de Ciências Humanas*, Viçosa, v. 11, n. 2, p. 331-343, jul./dez. 2011.
- MAINGUENEAU, Dominique. A análise do discurso e suas fronteiras. *Matraga*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 20, p. 13-37, jan./jun. 2007.
- MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. 4. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2012.
- MARIANO, Ricardo. Os neopentecostais e a Teologia da Prosperidade. *NOVOS ESTUDOS*, n. 44, p. 24-44, mar. 1996.
- MARIANO, Ricardo. Sociologia do crescimento pentecostal no Brasil: um balanço. *Perspectiva Teológica*, Belo Horizonte, ano 43, n. 119, p. 11-36, jan./abr. 2011.
- MARTINELLI, Lindolfo Anderson. O Pentecostalismo em Alteridade ao Comunismo: Construções Imaginárias sobre “o Mal que Precede o Fim dos Tempos. In: ANPUH: XXV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 2009, Fortaleza.
- MENDONÇA, Antônio. O protestantismo no Brasil e suas encruzilhadas. *REVISTA USP*, São Paulo, n. 67, p. 48-67, set./nov. 2005.

- MENDONÇA, Antônio. Sinais de cansaço no protestantismo. *IHU ON-LINE*, São Leopoldo, dez. 2005.
- MENSAGEIRO DA PAZ. Rio de Janeiro, ano 1, n. 1, dez. 1930.
- MESQUITA, Wania Amélia Belchior. Um pé no reino e outro no mundo: consumo e lazer entre pentecostais. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 13, n. 28, p. 117-144, jul./dez. 2007.
- MIRANDA, Fernanda Honorato. *Religião e mulher: liderança feminina no pentecostalismo evangélico*. 2009. 86 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2009.
- MIRANDA, Florencia. Gêneros de texto e tipos de discurso na perspectiva do interaccionismo sociodircurso: que relações. *Estudos Linguísticos*: Edições Colibri, Lisboa, p. 81-100, 2008.
- MORAES, Gerson Leite de. Neopentecostalismo: um conceito obstáculo na compreensão do subcampo religioso pentecostal brasileiro. *Revista de Estudos da Religião*, São Paulo, p. 1-19, jun. 2010. Disponível em: http://www.pucsp.br/rever/rv2_2010/t_moraes.pdf. Acesso em: 10 jun. 2013.
- NOVAES apud ROCHA, Daniel. *Venha nós ao vosso reino: rupturas e permanências nas relações entre escatologia e política no pentecostalismo brasileiro*. 2009. 146f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.
- ORO, Ari Pedro. Neopentecostalismo: dinheiro e magia. *ILHA*, Florianópolis, v. 3, n. 1, p. 71-85, nov. 2001.
- ORO, Ari Pedro. O neopentecostalismo macumbeiro. *Revista USP*, São Paulo, n. 68, p. 319-332, dez./fev. 2005-2006.
- PASSOS, Mauro; ROCHA, Daniel. *Em tempos de pós-pentecostalismo: repensando a contribuição de Paulo Siepierski*

- para o estudo do pentecostalismo brasileiro. Disponível em: < http://www.usp.br/ran/ojs/index.php/angelusnovus/article/viewFile/143/pdf_41>. Acesso em: 23 ago. 2014.
- PUGLIESE, Gabriel. *Sobre o “caso Marrie Currie”*: a radioatividade e a subversão do gênero. São Paulo: Alameda, 2012.
- REILY apud ROCHA, Daniel. *Venha nós ao vosso reino*: rupturas e permanências nas relações entre escatologia e política no pentecostalismo brasileiro. 2009. 146f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.
- ROCHA, Daniel. *Dando a Deus o que é de César*: escatologia, pentecostalismo e política em três atos. Disponível em: < http://www.koinonia.org.br/tpdigital/detalhes.asp?cod_artigo=417&cod_boletim=23&tipo=Artigos>. Acesso em: 23 jul. 2014.
- ROCHA, Daniel. *Venha nós ao vosso reino*: rupturas e permanências nas relações entre escatologia e política no pentecostalismo brasileiro. 2009. 146f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009
- ROCHA, Décio; DEUSDARÁ, Bruno. Análise de conteúdo e análise de discurso: aproximações e afastamentos na (re)construção de uma trajetória. *ALAE*, v. 7, n. 2, p. 305-322, dez. 2005.
- ROCHA, Maria José Pereira. Gênero e religião sob a ótica da redescção. *Revista da Abordagem Gestáltica*, p. 102-108, jan./jun. 2008.
- RODRIGUES, Elisa. *A mão de Deus está aqui*: estudo etnográfico da igreja mundial do poder de deus. 2014. 340f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2014.

- SANTANA, Anabela Maurício de; BRABEC, Júlio César Alves. O espaço da mulher na igreja evangélica: um estudo das relações familiares de gênero e poder. In: V COLÓQUIO INTERNACIONAL: EDUCAÇÃO E CONTEMPORANEIDADE, 2011, São Cristóvão.
- SANTOS, Ariadna de Oliveira. *Discurso pentecostal e diálogo inter-religioso: um estudo sob a perspectiva da Metáfora Conceptual*. 2011. 109 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.
- SANTOS, Maria Goreth. In: XI CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA, 2003, Campinas.
- SCAVONE, Lucila. Religiões, gênero e feminismo. *Revista de Estudos da Religião*, p. 1-8, dez. 2008.
- SIEPIERSKI, Paulo D. Pós-Pentecostalismo e Política no Brasil. *Estudos Teológicos*, v. 37, n. 1, p. 47-61, 1997.
- SILVA, Edlene Oliveira. As filhas de Eva: religião e relações de gênero na justiça medieval portuguesa. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 19, n. 1, jan./abr. 2011. Disponível em: < <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-026X2011000100004>>. Acesso em: 20 ago. 2013.
- SILVA, Janine Targino da. Lideranças pentecostais femininas: notas sobre a re-elaboração da identidade feminina no meio pentecostal e sua influência nas demais esferas sociais. In: FAZENDO GÊNERO 8: CORPO, VIOLÊNCIA E PODER, 2008, Florianópolis.
- SILVA, José Maria da; SILVEIRA, Emerson Sena da. *Apresentação de trabalhos acadêmicos: normas e técnicas*. 7. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2012.
- SOARES, Vera. Muitas faces do feminismo no Brasil. Disponível em: < http://www2.fpa.org.br/portal/uploads/feminismo_brasil.pdf>. Acesso em: 13 jul. 2013.
- SOM ALEGRE. Rio de Janeiro, ano 1, n. 2, dez. 1929.

- SOUZA, Moacir Benedicto. *Do Estado unitário ao Estado regional*. *Revista Informação Digital*, Brasília, ano 22, n. 95, p. 125-138, jan./mar. 1985.
- SOUZA, Sandra Duarte de. Experiências editoriais feministas. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 12, set./dez. 2004. Disponível em: < <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-026X2004000300014>>. Acesso em: 15 jun. 2013.
- SOUZA, Sandra Duarte de; LEMOS, Carolina Teles. *A casa, as mulheres e a igreja: gênero e a religião no contexto familiar*. São Paulo: Fonte Editorial, 2009.
- STRATHERN, Marilyn. *O gênero da dádiva: problemas com as mulheres e problemas com a sociedade na Melanésia*. Campinas: Editora UNICAMP, 2006.
- TEIXEIRA, Jacqueline Moraes. Aborto, sexualidade e reprodução na Igreja Universal. In: JORNADAS DE ANTROPOLOGIA DA UNICAMP, 2011, Campinas.
- TOLEDO-FRANCISCO, *Passagens híbridas: relações de gênero e pentecostalismo*. 2002. 249 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.
- VINGREN, Frida apud ARAUJO, Isael. 100 mulheres que fizeram a história das Assembleias de Deus no Brasil. 4. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2012.
- VOESE, Ingo. Desafios para uma análise do discurso. *Linguagem em (Dis)curso*, Tubarão, v. 3, n. 1, p. 187-210, jul./dez. 2002.



Consulte nosso catálogo e faça
download gratuito de todos os e-books

www.editorapontocom.com.br

www.editorapontocom.com.br

